

Mistérios de Lisboa – I de Camilo Castelo Branco

PREVENÇÕES

Tentar fazer um romance é um desejo inocente. Baptizá-lo com um título pomposo é um pretexto ridículo. Apanhar uma nomenclatura, estafada e velha, insculpi-la no frontispício de um livro, e ficar orgulhoso de ter um padrinho original, isso, meus caros leitores, é uma patranha de que eu não sou capaz.

Este romance não é meu filho, nem meu afilhado.

Se eu me visse assaltado pela tentação de escrever a vida oculta de Lisboa, não era capaz de alinhar dois capítulos com jeito. O que eu conheço de Lisboa são os relevos, que se destacam nos quadros de todas as populações com foro de cidades e de vilas. Isso não vale a honra do romance. Recursos de imaginação, se os eu tivera, não viria consumi-los aqui em unia tarefa inglória. E, sem esses recursos, pareceu-me sempre impossível escrever os mistérios de uma terra, que não tem nenhuns, e, inventados, ninguém os crê.

Enganei-me. É que eu não conhecia Lisboa, ou não era capaz de calcular a potência da imaginação de um homem. Cuidei que os horizontes do mundo fantástico se fechavam nos Pirenéus e que não podia ser-se peninsular e romancista, que não podia ser-se romancista sem ter nascido Cooper ou Sue. Nunca me contristei desta persuasão. Antes eu gostava muito de ter nascido na terra dos homens verdadeiros, porque, peço-me acreditem, que os romances são uma enfiada de mentiras desde a famosa *Astreia*, de Urfé, até ao choramingas *Jocelyn*, de Lamartine.

Por consequência, diz o circunspecto leitor, vou-me preparando para andar à roda em um sarilho de mentiras.

Não, senhor. Este romance não é um romance: é um diário de sofrimentos, verídico, autêntico e justificado.

Peço-lhe que leia a seguinte carta, que recebi em 24 de Agosto de 1852:

Rio de Janeiro, 29 de Junho de 1852.

Amigo.

Ficas, naturalmente, espantado quando vires entre mãos um maço de papéis tão volumoso! Espero, porém, que esse espanto se converta em interesse quando souberes que tesouro possúis.

Sem prelúdios:

Haverá um ano que aqui desembarcou um homem que não pôde passar despercebido diante de mim. Tu sabes que eu sempre fui um grande idealista. Ainda hoje não posso renegar este divino atributo, e bem vês quanto deve ser-me penoso conciliar as funções de um guarda-livros com as vaporosas intuições de um poeta! Mas, graças à violência que me imponho, sinto glória em dizer-te que terei muitos versos errados na minha colecção, mas vivo na feliz certeza de que não tenho um erro no livro do «deve e há-de haver», O que se segue é que sou um mau poeta, mas um honrado caixeiro.

Vamos ao interessante. Como sabes que sou idealista, não terás dúvida em acreditar que olhei para aquele homem pelo prisma da minha imaginação. Tive razões para isso, e quero que tu as saibas.

Era uma figura singular entre todos os figurões que a nossa terra atira para aqui. Não era alto, nem baixo. Também não era bonito, como um galã de novela: tinha rosto magro, não só magro, escaveirado e ossudo. Os olhos fuzilavam lume, desde lume que revela maldade, umas vezes, e, outras vezes, paixões candentes e extremas. Negrejava-lhe sobre o bronze da cútis um bigode negro e arrepiado. Vestia de escuro, e nem o branco da camisa se lhe via. O pé e a mão eram extremamente pequenos, e a magreza, ou melindre das formas, estava em justa proporção com o descarnado das feições.

Saltando em terra, este homem subiu os primeiros degraus do cais, parou, cruzou os braços, e fitou os olhos na amplidão do mar.

Nesta postura, arrebatou-me! As almas de lama hão-de perguntar-me porquê. Responde-lhes tu, que tens horas de espiritualista na tua longa vida de matéria.

Ao vê-lo assim absorto naquela meditação profunda, julguei que podia avizinhar-me dele e contemplá-lo de perto.

Pude: nem ao menos deu fé de mim. Um preto, carregado de fardos, roçou por ele, deslocou-o alguns passos para o lado, mas não lhe desprende os olhos do horizonte. Olhei também para lá, e nada vi. Fiquei entendendo que as visões daquele homem estavam dentro na alma, e os olhos da face, naquele momento, viam tanto como os meus.

Não sabes como este homem me tinha fascinado! Eu era capaz de estar ali suspenso naquele silêncio, naquele mistério, longas horas, sem recordar-me que era caixeiro! Passou-me, então, na memória o rápido panorama de um mundo em que vivi antes de ser um forçado guarda-livros. Lembraram-me certas mulheres, que se perderam espontaneamente fascinadas pelo simples olhar de certos homens. Perdoei-lhes no tribunal da minha consciência, porque eu, se fosse mulher, na presença daquele homem, adorava-o, perdia-me sem ouvir-lhe uma palavra que me lisonjeasse.

Parece-te isto um disparate? O que tu quiseses; mas a verdade é esta.

Esta situação durou muitos minutos. O sonâmbulo acordou; mas, acordado, parecia ainda adormecido. Virou as costas ao mar, e foi seguindo vagarosamente o cais, com os olhos no chão.

E eu seguia-o.

Depois, parou como suspenso por uma ideia imprevista. Tornou atrás. Chamou um marujo da galera em que viera e pediu-lhe a sua bagagem. O marujo indicou-lhe os malsins da alfândega, que deviam revistar-lha. O passageiro dirigiu-se urbanamente a um desses homens; abriu os cadeados de uma mala de couro; tomou ao alto entre ambas as mãos um pouco de fato, e retirou-se depois de mostrar um passaporte.

E eu segui-o, como se fosses tu, como se fosse um meu irmão que eu quisesse hospedar.

Deu um cento de passos, e voltou-se para o lado, como quem procurava alguém. Devia necessariamente encontrar-se com os meus olhos.

Cortejou-me primeiro, e depois perguntou-me:

– Tem a bondade de dizer-me onde encontrarei uma hospedaria

afastada do centro da cidade?

– É difícil encontrá-la – respondi eu. – As hospedarias aqui, como em toda a parte, são frequentadas por pessoas que têm negócios, e preferem as mais próximas ao centro do comércio.

Não me respondeu com a presteza que eu queria, porque mal sabes o desejo que eu tinha de não largar aquele homem! Forte encanto!

– Então – tornou ele – tem a paciência de indicar-me a primeira hospedaria?

– A primeira é esta – disse eu, apontando-lhe a minha casa.

E o meu hóspede, nessa inteligência, cortejou-me, agradecendo-me, e oferecendo-me o seu quarto para descansar.

Subimos; e não foi sem me sorrir que o vi a ele bater em uma das portas, com todo o desembaraço. O meu criado parecia esperar as minhas ordens; mas o meu hóspede adiantou-se a pedir um quarto, depressa.

Entrámos em uma sala, e aceitei uma cadeira que o meu hóspede me oferecia: apontei-lhe o sofá, para que ele se sentasse. Primeiro sentou-se; pouco depois, reclinou-se, e por fim deitou-se com toda a galhardia de um oriental.

– Fuma? – disse ele, abrindo uma charuteira.

– Fumo – e preparava-me para pedir luz ao criado, quando o meu desconhecido acendeu um pavio de cera e tornou à sua posição legitimamente turca.

– As hospedarias aqui – disse ele – respiram uma elegância que não se parece nada com a farrapagem dos hotéis portugueses. Eis aqui uma sala que parece o boudoir de uma viscondessa burguesa.

Este dito engraçado, que qualquer de nós acompanharia de um sorriso vaidoso, disse-o ele com o charuto ao canto da boca, sem o mais leve sinal de congratular-se do seu espírito.

Eu por mim sorri-me, e não achei de pronto uma resposta que lhe desse de mim a alta ideia que ele de si me tinha dado.

– É a primeira vez que vem ao Brasil? – perguntei eu.

– A primeira.

– Vem como viajante?

– Não, senhor. Acho-me aqui.

Estas palavras pareceram-me um belo final de um acto dos dramas de Vítor Hugo. Achei muita filosofia, desta íntima filosofia da desgraça, naquelas quatro palavras. Lembrou-me o Chatterton respondendo a quem lho perguntava a razão por que escrevia, se os seus escritos lhe não davam pão, nem consolações. Lembras-te? Penso que era isto: «Escrevo, porque é preciso.»

– Tenciona demorar-se? – perguntei eu.

– Sinto não poder satisfazer a sua curiosidade.

Esta resposta fez-me corar. Olhei a fisionomia dele: era sempre a mesma fisionomia: severa e fria, triste e um não sei quê de desprezadora. E continuei a sentir-me cativo daquele homem, cada vez mais misterioso.

Levantei-me. Abri uma porta de um quarto mais próximo e, indicando-lho, disse com certo acanhamento:

– Pouco ou muito que seja o tempo que V. S^a se demore, aqui tem uma sala, aqui tem um quarto, neste imediato uma livraria, e em toda esta casa uma residência, que espero considere sua, como se fosse de um seu irmão.

O cavalheiro apertou-me a mão e disse-me com estranha frieza:

– Espero me conceda não aceitar o seu favor. Eu sou um hóspede incómodo. Não converso, não entretenho e sou importuno como um velho. Retiro-me penhorado das suas atenções...

E preparava-se para sair. Fez um ligeiro esforço, e quase o obriguei a sentar-se.

– Antes de sair – disse-lhe eu –, espero que ouça as condições com que lhe ofereço hospedagem. Sou um homem só, com dois criados. Sirvo-me desta casa para comer e dormir. V. S^a vivera aqui também como homem só com dois criados. Se, passados alguns dias, lhe for aqui penosa a sua residência, retire-se. Não quero a sua conversação como recompensa da hospedagem. Eu também falo, penso muito, e quase não posso falar nem pensar fora das minhas obrigações de guarda-livros. Aceita?

– Aceito.

E, com este laconismo, apertou-me outra vez a mão e conservou-se na mesma postura familiar em que estivera desde o princípio.

Saí da sala; dei ordens aos criados e fui para o escritório.

A horas do jantar vim a casa. Segundo as minhas ordens, o meu hóspede já tinha jantado, se assim pode chamar-se uma chávena de café, duas colheres de marmelada e quatro cálices de conhaque.

Cumprimentei-o apenas. Vi-o profundamente triste, e soube que passara a manhã na livraria.

Esperava que ele me dissesse que queria fazer sociedade comigo à mesa. Não mo disse; e eu também não quis dizer-lho. Convidei-o para, passados os dias do descanso, ser apresentado em algumas casas. Respondeu-me que o dispensasse desse sacrifício.

Reconheci todo o melindre daquela situação. Respeitei-lhe a dor como um mistério sagrado. Nunca lhe disse uma palavra que denunciasse a minha curiosidade; não tive por isso de corar segunda vez.

Passados alguns dias, disse-me que queria retirar-se para um dos arrabaldes. O meu patrão possui uma linda chacra no Botafogo. Ofereci-lha: aceitou-a.

Visitei-o aí algumas vezes. Era um envelhecer que fazia dó! Disse-me que sofria muito do peito. Aconselhei-lhe que se retirasse para Portugal. Sorriu-se, e apontou-me para as cruzes do cemitério, que alvejavam através de um arvoredo.

Perguntas-me tu: «Quem era esse homem?»

Não o sabia.

No fim de sete meses, achei-o com todos os sintomas de um héctico, quando as folhas principiam a cair, queimadas pelo sol do Estio, lá no nosso belo Portugal.

Vi-o então sorrir pela primeira vez. Travou-me o braço, e passeámos no jardim.

Eis o que então lhe ouvi:

– Eu tenho sido um ingrato em não lhe dizer quem sou.

– Ingrato! Nunca... – repliquei eu.

– Ingrato, sim! O véu do mistério devia levantá-lo a mão da amizade. Mas, em recompensa de uma grande dívida, há-de a mão de um cadáver levantá-lo. A febre-amarela parece querer juntar-se à minha febre negra. Se desta colisão resultar em breve a minha morte, venha V. S^a ao meu quarto,

dê-se ao trabalho de ler, em horas de ócio, esses cadernos de papel que por lá estão, e poderá então dizer que o seu hóspede, silencioso em vida, conversou muito consigo do túmulo.

E despediu-se. Estas poucas palavras principiou-as sorrindo e rematou-as soluçando. O tronco gigante gemeu quando estava para cair.

Caiu.

A febre-amarela soprou àquela luz quase apagada. Vi-o nas agonias. Não pude ouvir-lhe o último adeus, porque também reclinei a cabeça em um leito que supus ser o da morte.

A chave do quarto foi-me entregue por um sacerdote, à ordem do moribundo.

O meu legado é esse que te remeto. No derradeiro capítulo verás a razão por que o faço. Adeus. Não te chames infeliz. Ninguém pode reputar-se desgraçado sem provocar da mão de Deus, ou de Satanás, a desgraça deste homem. Teu cordial amigo, F...

Agora direi eu quase ao leitor, como o meu amigo me diz: no último capítulo verá a razão por que esta biografia é publicada.

LIVRO PRIMEIRO

I

Era eu um rapaz de catorze anos, e não sabia quem era.

Vivia na companhia de um padre e de uma senhora, que diziam ser irmã do padre, e de vinte rapazes, que eram meus condiscípulos.

Destes, algum mais cultivado em conhecimentos do mundo perguntava-me se eu era filho do padre. E eu não sabia responder-lhe.

Ora este padre parecia um homem muito virtuoso; mas nem por isso seria extraordinário eu ser seu filho.

Não o ouvira eu nunca salmear na harpa cantares de contrição; mas é rigorosamente lógico que não haja David sem harpa?! Muitas vezes senti o atrevido ímpeto de dizer-lhe: «Mestre! Perguntaram-me se sois meu pai; deverei responder que não, para me deixarem?»

Nunca, porém, fiz isto, porque entendi que não me era uma das primeiras necessidades da vida saber de quem era filho.

Propenso para cogitações elevadas, erguendo os olhos ao céu, via eu, muitas vezes, voar um passarinho. E dizia comigo: «Perguntem lá àquela criatura de Deus quem é seu pai? Como ela corta por tão alto um espaço que é todo dela! Que liberdade e que independência! O meu espírito é como aquela andorinha! Eu tenho um mundo tão amplo para voejar com ele! Se eu puder subir, subir, subir até Deus, não terei encontrado meu pai? Isto da Terra parece-me uma cousa tão pequena!...»

Seria isto uma frioleira de criança; mas eu pensava assim, e não gostava que me acordassem neste meu berço, em que eu próprio me embalava, como se assim quisesse indemnizar-me de carinhos que nunca recebera ao pé do berço da minha infância.

Quem mais vezes me inquietava nestas ociosas ilusões era o padre. Eu aborrecia o latim e a lógica e os livros e a ciência. A andorinha era o meu modelo, e a andorinha não sabia latim. «Isto de que serve?», dizia eu folheando, aborrecido, o Tito Lívio. «Será necessário devorar meia existência, consumi-la em um luxo de palavrões estéreis, para no fim de tudo ficar o mesmo homem, sem ao menos ter descoberto o sexto sentido do corpo humano?»

Não afirmo que fosse textualmente assim o meu raciocínio; mas, afora as palavras que a sociedade me ensinou, e que eu lhe não agradeço, a ideia era aquela.

Mas a ideia do padre era outra. Constrangia-me a estudar e especializava-me entre os meus condiscípulos. Se o carinho fosse sintoma de paternidade, nunca eu devia inspirar suspeitas de ser filho do mestre. Eu não tinha férias, nem passeio, nem prémios, nem elogios. Era um pária, um bastardo de pai, de mestre, de todo o mundo.

E, contudo, dizia-me a pobre irmã do padre que eu era o discípulo amado de seu irmão. Explicava, a seu modo, aquela teoria de amar, e chegava à triunfal conclusão de que, sendo a ciência o meu património, quanto mais cultivado o recebesse das mãos do mestre, mais sagrados títulos recebia para a minha gratidão.

Custava-me a perceber isto; mas, sem grande esforço de inteligência, compreendi que era pobre.

Não me apaixonava por isso. A andorinha passava nua nas campinas do céu; e adormecia à tarde, sem granjear o alimento da manhã seguinte.

Estas razões, dadas assim àquela boa D. Antónia, faziam-na chorar. A sensível mulher chorava com qualquer cousa, e mais não conhecia ainda o mundo... ou parecia não conhecê-lo.

Mas a andorinha não remediava todas as minhas ânsias de curiosidade.

Eu queria saber quem era. Grandezas não me passavam pelo pensamento, nem eu podia fantasiá-las. Sem subsídio, sem adulação, sem uma dádiva misteriosa que me fizesse cismar em um segredo de família, que tinha eu com a grandeza tão eloquentemente desmentida pela minha jaqueta ordinária!

Um baixo nascimento, com todos os acessórios da indignação, esse sim, lembrava-me muito, e cheguei até a vesti-lo de uma poesia muito triste, mas muito filha da minha índole.

– Serei filho de um sapateiro? Serei uma cousa que este padre achou em uma esquina como acharia um gato? Serei filho de algum ladrão justificado que este padre acompanhou à forca?

Estas perguntas começaram a doer-me no coração; mas quisera que me respondessem:

És filho de um sapateiro;

És um enjeitado, erguido da lama pela mão da caridade;

És filho de um ladrão; mas... cala-te, porque ainda vive o carrasco que enforcou teu pai, e não podes usar de um apelido que balbuciam os que passam pela praça onde a forca está de pé.

Parecia-me que o filho do sapateiro poderia ser um primeiro-ministro;

Que o enjeitado poderia ser um carinhoso pai;

Que o filho do ladrão poderia ser um juiz implacável para todos os ladrões.

Fatigado em penosas lutas de conjecturas, adormecia, acalentado pela benfazeja ideia de que um filho sem pai conhecido também podia ser um homem conhecido de todo o mundo.

Destas altas meditações descia eu muitas vezes a cousas insignificantes. Por exemplo: os meus companheiros tinham, cada um, quatro sobrenomes, cinco sobrenomes, seis, e daí para cima.

Ora eu era só João.

E os meus companheiros davam uma entonação galhofeira ao meu nome. Chamavam-lhe *chato*, davam uma explicação ridícula a cada sílaba, e queriam até que o nome, além da forma, tivesse cor pardacenta.

Estas ninharias faziam-me rir, mas era um riso que poderia literalmente dizer-se «pranto».

Queixei-me, uma vez, muito em segredo, ao padre, e tive em paga uma repreensão severa. Chamou-me vaidoso, orgulhoso e soberbo. Lembrou-me o pouco pano que eu tinha para cortar por largo com as tesouras no amor-próprio, ajuntou outras metáforas assim sentenciosas, e concluiu com alguns textos bíblicos, que me não pareceram bem aplicados.

A sua doutrina estou em que era a melhor, mas, desta vez, o meu espírito não recebeu o grão abençoado entre os espinhos que lá fizera nascer o desprezo dos discípulos e do mestre.

A irmã do padre era visitada de longe em longe por duas senhoras idosas, e com elas vinha uma nova, que eu faço aqui figurar em poucas linhas, porque foi ela quem primeiro achou no meu corpo indícios de um nascimento alto.

Estava eu sozinho e escondido entre as faias que sombreavam o fundo do quintal. Vieram lá ter comigo as velhas e a nova. Esta encarou-me com interesse e disse para D. Antónia:

– Este menino parece-me que é muito triste!

Eu estranhei esta mostra de atenção; levantei-me do meu banco de pedra; profilei-me como um galucho e fiz a minha cortesia muito provinciana.

– E é tão bem-criadinho! – disse uma das velhas, pondo-me a mão pela cabeça.

E outra acrescentou:

– O menino não vai, aos domingos, ver a sua família?

– Não tenho família nenhuma – respondi eu com um desembaraço que não parecia meu. É porque vieram encontrar-se com o pensamento que mais me dominava e que, à força de amargura, me cultivara, por assim dizer, a eloquência da sensibilidade.

– Pois o menino não tem família? – tomou a nova.

Calei-me.

E senti que os olhos se me arrasavam de lágrimas; mas, neste momento, gorjeou um passarinho entre as faias, e eu senti-me consolado. Lembrou-me a andorinha.

E a velha continuou:

– D. Antónia não nos tinha dito isto...

– É verdade! – disseram as outras em coro.

– Eu não podia dizer também mais do que ele... É para mim um segredo, como para ele, o seu nascimento

D. Antónia, tartamudeando, satisfez assim os primeiros assomos de curiosidade às suas hóspedes, mas evitou-lhes os segundos, que deviam ser-lhes atribulados

A rapariga, essa media-me com atenciosa reflexão, e olhava-me os pés e as mãos, como se quisesse decifrar o enigma do meu nascimento, segundo a quiromancia.

E voltando-se depois para as tias, disse com vivacidade:

– Olhem que mão e que pé tão pequenino!

– É verdade! – exclamaram as velhas, menos D. Antónia, que diligenciava distrair as suas amigas daquela análise.

– Não! – tornou a cabalística menina –, aposto que este menino não é de classe baixa!

– Porquê? – interpelou a irmã do padre, com uma visagem de pasmo.

– Não vê aquele pé e aquela mão! Os filhos da gentalha não vêm assim ao mundo.

– Há-de sempre falar contra a gentalha, Isabelinha! – redarguiu a mãe, ou tia. –

Todos são filhos de Deus; todos têm pés e mãos.

– Eu não nego isso – tornou a gentil aristocrata com menos azedume –, mas o que eu sei é que conheço uma pessoa de bem pelos pés, e vou jurar se quem vai dentro de uma carruagem puxada a quatro é filho de um alfaiate, contanto que leve a mão à vista na portinhola.

– Isso parece-me de mais! – retorquiu a tia com a melhor boa-fé. E eu, não sei porquê, simpatizava com o orgulho da tal Isabelinha. Gostava de ouvi-la, e quisera que ela encontrasse em mim alguns indícios mais da minha fidalguia.

Se isto é miséria, perdoem-na a uma criança que, antes de aspirar a ter nascido por detrás de um reposteiro heráldico, já se contentava com ter um pai sapateiro, ou justicado por ladrão.

A família retirou-se.

E eu fiquei reparando muito no meu pé e na minha mão.

II

As andorinhas, desde este dia, voaram despercebidas para mim. Desci a vista do céu para as cousas deste mundo. A vaidade principiou a materializar-me. Parecia repugnante e baixa a comparação de um homem com um pássaro.

Enquanto me não disseram que o pé e a mão delicada eram condições de um nascimento ilustre, imaginei-me filho de sapateiro, de soldado raso e de aguadeiro. Depois, nunca mais. Aquela Isabelinha dourou-me a imaginação, engrandeceu-me o espírito e enturgesceu-me de uma vaidade que eu já não podia esconder aos meus discípulos.

Foi péssima a ocasião em que eles vieram chasquear-me o nome de *chato e pardo!* Nesse dia, em que eu lamentava a baixeza do meu nome, e chegara a convencer-me de que João era um nome ignóbil, um nome de carreteiro e de gaiato, vieram eles insultar-me na minha solidão.

O mais desabusado, e também o mais comprido em sobrenomes heróicos, cruzou os braços em postura dramática, diante de mim, e disse com sorriso de escárnio:

– João! João! João! Três vezes João! Por que te não crismas, infeliz?! Os teus discípulos lamentam o infortúnio de contarem no seu grémio um companheiro chamado João! Lava-lhes esta afronta, se podes!

Encarei primeiro com desprezo este orador; depois respondi com presença de espírito e azedume:

– Não me admirava que rapazes da minha idade viessem zombar do meu nome; mas o senhor, que tem vinte e dois anos, é cousa que me faz mais compaixão que zanga! Por que não aproveita melhor o seu tempo tirando significados e amigando-se com o Virgílio, seu inimigo cruel? Esquece-se que foi reprovado em Latim no ano passado e que há-de sê-lo no ano que vem, se gastar o seu tempo a compor discursos para fazer rir os meus discípulos à minha custa?

Esta resposta irritou o meu adulto companheiro, muito mais porque os meus discípulos, que tinham vindo para se rirem de mim, riram-se dele. Com os olhos a fuzilarem raiva, chegou-se ao pé de mim e puxou-me uma orelha desapiedadamente. A dor sentia-a forte, mas a dor moral, a vergonha, não me pungia menos.

Conheci então, pela primeira vez, o desejo da vingança. A primeira cousa que estava ao pé de mim era um vaso pequeno com um cacto eriçado e espinhoso como um cedeiro. Dei-lhe com ele na cara. E devia ser insofrível a dor que lhe fez, porque o taludo gracejador levou as mãos à cara e não fez contra mim o mais ligeiro movimento.

Os discípulos ficaram pasmados e silenciosos. Eu passei por entre eles com um pueril orgulho de uma acção legitimamente nobre e recolhi-me ao meu quarto a recapitular o primeiro capítulo da minha *Ilíada*.

Não me deixaram só muitos minutos. D. Antónia, colérica e descomposta, entrou de repente.

O que eu coligi do seu grasnido foi que uma tremenda justiça ia ser feita em mim, logo que o padre recolhesse.

Arrefecidos os calores do meu gentil esforço, principiei a ter medo do mestre: Parece que o coração se me despegava quando soavam passos na vizinhança do meu quarto. Invoquei todos os recursos da resignação para suavizar o castigo, que me atormentava em perspectiva. Imaginei-me com um braço quebrado, com uma gonilha ao pescoço, com oito dias de pão e água, com o ódio do padre eternamente irritado contra mim. Quis transigir evangelicamente com todas estas torturas, mas não houve nada que diminuísse a sezaõ do medo.

Senti febre! O susto parece que me pisava os ossos e macerava as carnes. Era uma doença indefinível aquela minha! O que eu sei é que caí sobre a cama, alquebrado e esvaído, como se uma catapulta me atirasse para ali.

Não sei o tempo que decorreu desde que me deitei até que abri os olhos do entendimento para conhecer o padre, e a irmã, e o cirurgião da casa.

Pensei que sonhava.

O cirurgião punha-me a mão na testa e apalpava-me o pulso. O padre olhava-me com ar de bondade. E D. Antónia pregava os olhos, com ansiedade, na cara do cirurgião.

– Então que tens, João? – perguntou o mestre em tom amigável.

– Não sei. Sr. Padre-Mestre – respondi eu, mentindo como convinha.

E eu calei-me, porque não sabia se era conveniente dizer a verdade.

– Bateram-te, João? – replicou o mestre, descendo a voz à nota baixa da severidade.

– Quase nada – respondi eu, naturalmente a tremer uma segunda sezão.

E o facultativo, que tinha debaixo dos dedos as pulsações do meu sangue, reconheceu a influência patológica que tinham em mim as perguntas do padre.

E, por isso, fez-lhe um gesto de silêncio, a que o padre obedeceu prontamente.

Retiraram-se ambos, deixando-me só com D. Antónia. Esta pobre senhora tinha o coração de um anjo. Devota, e caritativa com os pobres de pão, não o era menos com os mendigos de consolações. Comigo foi quase sempre boa. Até mesmo quando o padre me condenava a comer só pão, vinha ela, como a pomba dos eremitas do deserto, trazer-me carne. O que ela não queria era que eu falasse em pai ou mãe; por isso que a Providência do Senhor não enjeitava os filhos e adoptava como seus os que na Terra se chamam enjeitados: razão dela.

No pouco tempo que ela esteve comigo no quarto rezou sempre ajoelhada a uma imagem de S. João Baptista, advogado das enfermidades da cabeça. De vez em quando perguntava-me se a cabeça me doía, e, com efeito, não era só dor, era um vesúvio que eu tinha ali a ferver, e a oscilar-me nos olhos como as entranhas de uma explosão.

E D. Antónia rezava ainda quando entraram o padre e o cirurgião.

O padre vinha triste e fitava-me com extraordinária meiguice. O cirurgião trazia não sei que cataplasmas, que me embrulhou nos pés. Parece que ambos me estudavam cuidadosamente o meu menor movimento de olhos, e reparei que o facultativo me estava continuamente observando as orelhas.

Enquanto, muito depois, não soube que as oscilações das orelhas eram sintoma de inflamação do cérebro, cuidei que me estavam procurando os estragos do orelhão que sofrera.

Não pude demorar-me muito nestas suposições, porque caí em uma sonolência profunda.

O que eu sofria era uma congestão cerebral, se devemos acreditar o cirurgião, que a explicou cientificamente como sequência do medo.

Tive alguns dias dos quais não tenho lembrança alguma. Passei-os, creio eu, no delírio e nos espasmos que caracterizam esta doença.

Passado este intervalo de vida, que me esqueceu talvez, porque se confundia com a insensibilidade de moribundo, lembro-me que vi ao pé do meu leito uma senhora.

Era de noite, porque no quarto havia luzes. Quem ali estava era ela sozinha. Parecia-me uma figura das minhas visões da febre. Duvidei muito tempo se aquele vulto era uma realidade; e duvidava com os olhos fixos nos dela, que ainda agora os vejo rasgados e negros.

Era alta, e não me pareceu nova nem formosa. Vestia uma capa escura e tinha um

lenço preto na cabeça, posto com o desalinho de uma criada de servir. Por baixo deste lenço viam-se as curvas das tranças do cabelo desatadas. E não posso com verdade dizer mais nada daquela figura.

Lembro-me que lhe ouvi algumas palavras, que não seriam muito diversas deste pequeno diálogo que tivemos:

- Joãozinho, como te sentes?
- Dói-me a cabeça, e os olhos, e o corpo todo. Quem é a senhora?
- Sou uma sua amiga... sou uma amiga da irmã do seu mestre.
- E como se chama? Eu nunca a vi nesta casa!
- É que tenho estado fora de Lisboa, há muito tempo.
- Tenho sede – disse eu como quem suplicava uma gota de água.
- Tenha paciência... o menino tem febre e não pode beber água.
- Dê-me uma gota de água, senão morro.
- Não dou, porque morre se a bebe.

E a sede devorava-me. Vi aos pés da cama um jarro com flores. Lembrou-me que havia água naquele jarro. Fiz um esforço de desesperado. Saltei fora da cama; mas este meu saltar foi cair em cheio no chão.

Aquela senhora soltou um grito. Lançou-me, com ânsia, os braços para erguer-me, e não pôde. Correu à porta; bateu com aflição e, quando a porta se abriu, vi que ela se reбуçou no capote, deixando apenas meio rosto à vista do padre e da irmã, que entraram.

Levantado pelos braços robustos do mestre, fiquei prostrado na cama. Pedi água atribuladamente, e deram-me alguma coisa que me iludiu a sede.

E retiraram-se, depois, menos a misteriosa senhora. Notei que entre o padre e ela não se trocaram duas palavras. D. Antónia apenas lhe disse, quando se retirou:

- Faltam cinco minutos.

E a minha incógnita enfermeira veio sentar-se à cabeceira da minha cama.

– O menino é muito impaciente – me disse ela com afago maternal. – E se morresse?

- Quem me dera morrer...
- Porquê?
- Eu não sei de que serve a vida quando se sofre tanto!
- E o menino sofre?
- Muito.
- Porque está doente, não é assim?
- E quando tenho saúde.
- Pois que lhe falta? Não tem que comer e que vestir?

– Eu não tenho andado nu, nem morrido de fome: mas isso não me fazia sofrer a mim.

- Pois que queria o menino ter?
- Pai.

Houve um silêncio de alguns minutos.

- Mas este padre não lhe tem servido de pai?
- Não é meu pai, creio eu.
- Decerto não.

– Decerto não? – exclamei eu com precipitação. – Então sabe quem é meu pai?

– Não sei, menino; mas conheço que este bom padre e D. Antónia são muito seus amigos. Não é ela tão carinhosa?

- Não é minha mãe...

Deu-se o mesmo silêncio de há pouco; mas desta vez percebi que aquela senhora

levava um lenço aos olhos.

E, pegando-me da mão, senti um beijo, e depois uma lágrima.

Tudo isto parecia-me extraordinário! A minha cabeça estava muito débil para estas comoções: perturbou-se-me, e senti-me tomado de um sono, que era sempre a minha salvação nas agonias do desmaio.

Ouvi ainda bater à porta. Senti ainda um beijo, muitos beijos, e muitas lágrimas. E, depois, aquela mulher fugiu-me como a bela imagem de um sonho. E, com ela, fugiu-me o alento, porque desfaleci.

Alta noite, D. Antónia afastava-me dos olhos os cabelos ensopados em suor. A boa senhora velava-me com estremecimento de mãe, porque deve ser assim, como ela era, a mãe ao pé do seu filho, varado de dores.

– E aquela senhora? – perguntei eu.

– Foi para sua casa.

– Quem era ela?

– Uma amiga minha.

– E minha, não é verdade?

– É verdade, meu filho... Parece que é muito sua amiga.

– Como se chama?

– É Maria.

– E só Maria?

– Não é tão bonito nome? Não é assim que se chama a mãe de Deus?

– Também o precursor de Jesus Cristo se chamava João, e o seu discípulo amado também era João, e, contudo, dizem que o meu nome é feio!

– Não é, não, meu menino. Deixe estar que lhe não tornam a fazer pirraça os condiscípulos com o seu nome.

– Então a tal senhora chamava-se D. Maria, na verdade?

A hesitação de D. Antónia era uma espécie de repreensão à sua mentira; mas esta observação, que faço hoje, não a fiz então, porque nem ao menos imaginava em sonhos o valor do nome daquela mulher.

– Tomara eu tornar a vê-la!... – disse eu com profunda saudade por ela.

– Há-de tornar a vê-la; mas peça a Deus, nosso Senhor, que lhe dê saúde.

O padre entrou nesta ocasião e disse à irmã:

– Não sabe que o pequeno está proibido de falar?

Caímos todos em profundo silêncio.

III

A minha congestão cerebral fizera crise; mas a convalescença era morosa e arriscada.

Padre Dinis animava-se a seu modo. Os carinhos dele eram como a indiferença de muita gente; eu confesso, porém, que as cuidadosas precauções em que punha o meu restabelecimento eram persuasivas e depunham muito a favor da sua alma boa.

Algumas vezes perguntei pela suposta D. Maria: D. Antónia, em suas respostas, era sempre misteriosa com ela.

Dizia-me, umas vezes, que era muito ocupada, e não podia visitá-la com frequência. Contradizia-se, outras vezes, dizendo que tinha vindo saber de mim quando a febre me não deixava vê-la.

D. Antónia era verdadeira sempre, e só um grande embaraço poderia obrigá-la a uma inocente mentira. Dera-se o caso neste segredo, que eu devera adivinhar, se nos meus catorze anos de então se incluísem quinze dias da sociedade de hoje.

Ergui-me do meu leito, onde padecera três meses e onde, por mais de uma vez, me fora proferida sentença de morte pelo cirurgião. Infelizmente, as previsões da medicina não podiam competir com os desígnios da Providência. Vivi quando devera morrer.

E, contudo, a minha posição era já outra na pequena sociedade que eu conhecia. Deu-se-me um fato novo, deu-se-me uma nova liberdade, uma nova consideração, e até um novo quarto. O que era isto? Não mo dizia D. Antónia, a quem eu o perguntava com infantil idiotismo. Não mo dizia o padre, que nem sequer permitia a ousadia de perguntar-lho.

Os meus condiscípulos, esses pareciam esquecidos do meu infeliz nome; e o outro, que me puxara a orelha, fora expulso do colégio alguns dias depois da nossa funesta luta.

Comecei a saborear os livros, que tão amargos me tinham sido. Adquiri o hábito de estudar espontâneo e cuidadoso. Senti-me feliz de uma alegria que não sabia dizer. E comecei a ver no mundo alguma coisa que me persuadia do grande bem que a vida era.

Esta minha transformação deu nos olhos do padre, que se esmerava em apurar-me o gosto pela ciência. Vi-o alegrar-se com a minha alegria; mas nem uma palavra lhe ouvi que me explicasse a causa remota da minha transformação.

Fechado no meu quarto, estudava eu, alta noite, quando bateram na porta. Abri. Entrou uma mulher encapotada. Fechando a porta, mal entrou, o manto caiu-lhe dos ombros, e eu senti-me comprimido ao seio dela por um abraço impetuoso.

Era a mulher daquela noite de febre. Bem a conheci. Aqueles olhos negros e luminosos eram os dela. Eram suas aquelas faces pálidas e magras. Não podia ser de outra aquele talhe de formas melindrosas, e ao mesmo tempo robustas de um vigor nervoso, que parece, em algumas organizações, o galvanismo de um cadáver.

Comigo nos braços, a linguagem dela eram lágrimas. Palavras, se as tinha, expiravam-lhe nos lábios em suspiros. O mistério aclarava-se. O coração bateu-me uma pulsação nova. Rasgou-se-me no entendimento uma nuvem escura. Senti um calefrio estranho, um abalo de inspiração, um impulso íntimo, que me fazia ajoelhar àquela mulher. E não pude vencer-me. Curvaram-se-me os joelhos; e, neste lance de adoração extática, ouvi uma palavra... «Meu...» e, quando instintivamente colava os lábios nas mãos daquela mulher, a frase saiu completa dos lábios dela... «Meu filho!» Não me peçam explicações do que então senti. O silêncio de então não podem, hoje, as palavras decifrá-lo. Foi um enlevo que mata a expressão e indemniza com lágrimas o sentimento. A aparição improvisa da mãe a um filho, que sente pulsar no seu um coração cuja

existência ignorava – uma surpresa assim traz consigo um terror santo, que deve ser a preexistência do homem na presença de Deus.

Quis balbuciar a palavra «mãe», e senti-me embaraçado: não sei se era pejo, se perturbação, se alegria! Não pude.

– Não me dizes nada, meu filho? – murmurou minha mãe, como se receasse ser ouvida. E, levantando-se da penosa posição em que me tinha abraçado, sentou-se em uma cadeira, apertou-me ao seio e encostou ao meu ombro a sua face, que queimava.

– Lembras-te de me ter visto? – disse ela, sorrindo e chorando.

– Lembro-me todos os instantes; nunca mais pude esquecer nem as suas palavras, nem as suas feições.

– E só me viste uma vez?

– Uma só; mas sei que estive ao pé de mim.

– Que sentes agora no teu coração, meu filho?

– Não sei o que sinto: lembra-me que tinha assim uns sonhos quando estava doente.

– Podes ser amigo de... podes ser meu amigo?

– Amigo de...

– De tua mãe?

Eu parecia delirar na sofreguidão dos seus beijos. Lembra-me que no rosto dela havia um movimento, uma vibração de gestos, que parecia o acesso de uma demência. Eu sentia correr-lhe por todo o corpo uma tremura que me assustava, porque eu não sabia o que e a mulher, quando, abraçada a um ente que julgava perdido, pode exclaimar: «Este é meu filho!»

– Eu preciso ouvir-te! – disse ela com apaixonada energia. – Preciso que fales, pronuncies o meu nome muita vez... Parece que duvidas que eu seja tua mãe? O coração não te diz que o sou? Responde, meu filho!

Eu balbuciava sons inarticulados. Era um acanhamento invencível; um pejo que me incendiava as faces; uma coacção indefinida, semelhante a outra, e essa única, sentida em minha vida! O coração dizia-me que ela era minha mãe; e os lábios convulsos e indecisos parece que recusavam proferir um nome que lá não fora escrito, na infância, pelos lábios maternos.

Com os olhos fixos no regaço de minha mãe, e com uma espécie de ressentimento, que o meu silêncio simulava, dir-se-ia que era um filho reprechendo o desamor dessa mãe que o abandonara criancinha, e viera procurá-lo adulto para lhe dizer: «Tenho direito ao teu amor, aos teus carinhos e ao teu respeito porque te dei a existência.»

Mas um tal pensamento, uma tal vingança não era própria da minha idade, nem que o fosse, bradaria mais alto o grito filial, a exclamação represada, longo tempo, no coração escurecido pela orfandade.

E, contudo, minha mãe julgou que o meu silêncio era um queixume. Viu na minha suposta inércia uma acusação providencial, um castigo do Céu, cujo instrumento era a minha inocência.

E chorava com aflição. Lia-se-lhe a tormenta do espírito na face atribulada. Lembra-me que era sublime de agonia aquela mulher, relutando com o remorso e encarando-me espavorida, como se eu fosse uma larva!

Era então que os olhos lhe cintilavam daquele brilho sinistro da demência. As faces pareciam aradas por um hálito de fogo, que as ressequira. Os lábios estremeciam-lhe de crispações nervosas; e os cabelos, humedecidos pelo suor da testa, lançava-os em desalinho desesperado para trás das orelhas.

Não sei que a expressão do ódio se manifeste mais rancorosa do que então era em

minha mãe a expressão do amor!

Mas não era essa a comoção que, naquele transe, lhe dava ao aspecto um colorido medonho.

Enquanto os lábios dela me beijavam em fervente comoção, a víbora do ódio mordida-lhe o seio e derramava-lhe um veneno diabólico nas artérias. Esse ódio era uma seção, uma síncope, um acesso de hidrofobia, que fazia daquela infeliz uma possessa.

Não me peçam já a história deste ódio, o quadro lúgubre deste tipo excepcional nas amarguras.

É cedo ainda; porque as lágrimas são o continuado viver de algumas vidas, e, se não fossem reveladas uma a uma, a biografia dessas existências seria monótona e fria.

Até para as lágrimas é preciso o método...

Eu tentava despertar minha mãe daquela espécie de sonambulismo despedaçador; mas o ataque já não cedia aos meus acanhados esforços; tinha de passar por algumas crises, debater-se em convulsões impetuosas, enfraquecer-se em tremuras espasmódicas e terminar pela mortal atonia dos músculos.

Felizmente, a cadeira em que ela se sentara estava próxima do meu leito. Minha mãe, desmaiada, pendeu a cabeça sobre a cama. Limpei-lhe da face um suor frio. Julguei-a morta. E, quando esta dilacerante suspeita me entrou no coração, corri à porta, abria-a, chamei D. Antónia, e pedi-lhe com as mãos erguidas que mandasse chamar um médico para minha mãe.

A pobre senhora, atordoada com o estado assustador da sua visita, correu a chamar o irmão. O padre, menos alvoroçado; mas com terror visível nas feições, tomou o pulso da desmaiada, e estremeceu. Pegou de um espelho, colocou-lho sobre os lábios, observou-o, e, vendo-o embaciado, exclamou com desafogo:

– Está viva!

E ouviu-se então um sinal na porta, e uma voz de fora, que dizia:

– Já passou um quarto de hora.

Neste momento minha mãe abriu os olhos. Sentou-se. Contemplou-nos. Fez um gesto de se retirar D. Antónia, que a tinha nos braços: e D. Antónia ia a retirar-se, quando o padre repetiu as palavras que pareciam tê-la acordado:

– Já passou um quarto de hora.

– Já! – exclamou minha mãe.

E tomando a capa do chão, sem ao menos se despedir de mim, desapareceu, como se fugisse à desonra daquele quarto.

E em seguida ouvi o rodar rápido de uma sege.

IV

O segredo do meu nascimento parecia-me escurecer-se cada vez mais, não obstante me ser fácil conjecturar a classe a que pertencia.

Minha mãe é que estava sendo para mim um insondável segredo. Aquele frenesi, aquela desesperação, aquele sobressalto, pareciam-me inexplicáveis! Durante a rápida entrevista que tivemos, tais cousas vi que, recordando-as, depois sozinho, cheguei a lembrar-me se o que eu vira seria um ataque de loucura!

D. Antónia, a quem eu revelava as minhas infantis suspeitas, não me tirava de dúvidas. A sua linguagem era sempre retraída e indecisa: parece que tremia de pronunciar a palavra «mãe»; e, por mais instantes súplicas que lhe fiz, não adiantou nada ao que eu sabia.

O padre não me falava em nada. Ouvia-me com mais afabilidade, mas era sempre o mesmo rosto frio e a mesma austeridade de mestre.

A meditação absorvia-me as horas do estudo, e o padre não queria que eu meditasse. Ampliou-me as lições, obrigou-me a raciocinar em ciência, e tentou assim abstrair-me das meditações estéreis da minha vida enigmática.

Decorreram meses, e não vi minha mãe, nem tive quem me falasse dela.

Cheguei a sofrer uma dorida saudade daquela mulher. Reflectia-se em meu coração a imagem que sempre vira: soava-me em sonhos o eco das suas palavras; sentia nas faces o calor de seus beijos e a impressão estranha de suas lágrimas.

Este idealismo converteu-se em amor profundo. Senti que era filho daquela mulher porque mo dizia a voz profética da alma, a convicção íntima de uma faculdade que tem o coração, e que não carece dos sentidos externos para funcionar.

E, a não ser filho, eu deveria deste ideal passar à violenta paixão de amante. A não poder chamar-lhe «mãe», deveria chamar-lhe «esposa». Eu não sabia então que estes dois sentimentos preenchem as mais imperiosas condições do amor; mas adivinhei-os como hoje os sei, depois que vinte anos de experiência mo fizeram saber. Há verdades no mundo que se vêem, em toda a sua luz, ou pelos olhos puros da candura, ou pelos da experiência.

O mestre ordenou-me um dia que me vestisse para passear com ele. Admirou-me esta ordem, porque o dia era lectivo, e ao domingo nunca se dera uma semelhante atenção para comigo.

Saímos, e andámos muito. O padre não me deu uma palavra enquanto atravessámos a maior parte da cidade. Reparei em um letreiro, de uma rua quase deserta, e li: «Campolide». Andámos ainda muito; atravessámos uma azinhaga, perdemos de vista Lisboa por algum tempo, enquanto caminhávamos encostados ao muro de uma quinta: e, ao cabo desse muro, estava um palacete sombrio, triste, e quase escondido entre as copas das faias, dos chorões e dos ciprestes.

Defronte desse palacete o terraço formava uma curva por um banco de pedra. O padre sentou-se e mandou-me sentar aí.

– Gosta deste sítio, João? – perguntou o padre.

– Gosto muito; tomara eu aqui viver.

– Porquê?

– Não sei porquê: acho isto tão triste...

E o padre sorriu-se.

As janelas, excepto uma, estavam fechadas, como se a casa não tivesse moradores. Essa mesma, que não estava de todo fechada, apenas tinha meia porta aberta.

Reparei que o padre olhava muito para aquela janela. Acompanhei-o nesta curiosidade muitas vezes.

Havia mais de uma hora que aí estávamos, quando, através da vidraça, divisei um vulto. O padre fez uma ligeira saudação à pessoa que apareceu e disse-me que estivesse de pé com o boné na mão.

Vi que a pessoa da janela fazia um sinal. O padre mandou-me sentar e cobrir.

O vulto deixou cair a dobra da capa, que lhe escondia meio rosto, e eu conheci minha mãe.

Apenas recebi esta surpresa, não pude conter-me, e disse com sobressalto: «É minha mãe!» O mestre mandou-me calar.

Não podia despregar os olhos da face dela. Acenava-lhe, sorria, limpava os olhos, e fazia não sei que sinais ao padre, a que ele respondia afirmativamente.

Vi que minha mãe, de instante para instante, desaparecia, como quem procura segurar-se de alguma surpresa. Pareceu-me mais cadavérica. Em redor dos olhos negrejavam-lhe as nódoas do sofrimento, como se as carnes ali tivessem sido maceradas.

Pedi ao padre que me deixasse lá ir. O padre, sorrindo, fez-lhe sinal a ela do meu pedido. Vi-a também sorrir; mas que mortal amargura naquele sorriso, naquela expressão irónica da desgraça!

Passaram alguns minutos. Minha mãe afastou-se e voltou precipitadamente dizendo-nos adeus.

O mestre tirou o chapéu, fez que enxugava o suor da testa e disse-me que não olhasse para lá.

Mas não pude obedecer-lhe. A vidraça, que minha mãe não ousara abrir, foi de repente aberta com estrondo.

Olhei, quase violentado; e vi um homem de figura assustadora, que nos olhava com vista colérica. O padre olhou também por um momento, e ficou-se na postura em que estava, simulando a mais bem fingida indiferença, e não me proibiu que olhasse para aquele homem, porque assim talvez julgou que nos tornaríamos menos suspeitos.

Mas os seus reparos no padre pareciam aumentar o interesse. Não sei o que tinha a vista de tal homem, que me incutia terror! Morto estava eu por me retirar dali, quando ele, com a voz imperiosa e a testa franzida, nos disse:

– Querem daí alguma cousa?

– Não, senhor – disse o padre. – O que nós quisemos foi descansar um instante; mas, se somos importunos, retiramos.

O mestre levantou-se, e o homem, retirando-se, fechou a janela, e nós seguimos o caminho por onde viéramos.

Na noite deste dia tive o seguinte diálogo com o padre:

– Pouco posso, por enquanto, adiantar-lhe sobre o seu nascimento

– Mas... pouco que seja...

– Sabe que aquela senhora é sua mãe...

– Sim; mas quem é aquela senhora?

– Não tem necessidade de o saber nem de o perguntar. É uma pessoa que lhe deu a existência e a educação.

– E meu pai era aquele homem que apareceu na janela?

– Não. Seu pai já não vive.

– E aquele homem não é meu parente?

– Não é seu parente: é marido de sua mãe.

– O marido de minha mãe!... Mas é meu inimigo, não é verdade?

– Por que pergunta se é seu inimigo?

– Porque não sabe que eu existo.

– Sabe que existe... mas... não me faça mais perguntas, que eu não lhe respondo. Mais cedo que eu e o menino quereríamos saberá tudo.

Este diálogo foi interrompido por D. Antónia, que entrou no meu quarto, entregando uma carta ao irmão.

O padre leu, meditou, pareceu lutar em desejos opostos, e por fim, retirando-se, disse-me:

– Quero dar-lhe alguns traços da vida amargurada de sua mãe. Eles aqui estão escritos por ela... Leia essa carta, e peça a Deus que se compadeça de quem a escreveu.

A carta, escrita a lápis, dizia assim:

O conde suspeitou. Falou-me da perturbação em que V. S^a ficara quando o vira. Quis arrancar-me o segredo dessas duas pessoas. Fez-me algumas perguntas com o punhal sobre o coração. Vi-lhe os olhos injectados de sangue, e cuidei que me matava. Ofereci-me, como sempre, ao sacrifício, pedindo-lhe de joelhos a morte. Cuspiu-me no rosto quando eu estava nesta humilde postura. Saiu como furioso em procura de V. S^a; era tarde, felizmente, para encontrá-lo. Deu ordens aos criados para indagarem de V. S^a alguma cousa. Será uma diligência baldada. Não torne a sair com o pequeno. Foi uma imprudência minha. Parece-me que serei privada da luz outros oito anos! Deus me tire deste mundo, por piedade! Tenho tentações de matar este verdugo. Ajude-me a morrer com resignação. Duas linhas suas, ou de meu filho, sejam-me doces na hora da morte, sejam a minha recompensa, a minha coroa deste longo martírio. Adeus. Abrace meu filho, sim? Adeus. – A.

A dor parece que me elevou o espírito para o extremo refúgio dos desgraçados! Cai de joelhos, e com as mãos erguidas pedi a Deus compaixão para minha mãe.

V

A minha alma cobriu-se de um véu de tristeza perpétua no momento em que li a carta de minha mãe. Já não quero, como Job, datar a minha desgraça desde o ventre materno. Verdaderamente infeliz, sei que o fui desde que conheci uma mulher que me chamava filho, mas uma mulher cujo infortúnio obrigava o padre a chorar, e justificava de mais essas lágrimas com a carta que eu acabava de ler.

Todas as manhãs, a pretexto de saudar o mestre, perguntava por minha mãe; e, durante três meses, não obtive notícia boa nem má. O padre não tivera mais inteligências com a desgraçada; e respondia-me que não se admirava disso, porque não seria novo deixar de tê-las oito anos.

E eu recordava-me do que fora escrito por minha mãe, a respeito desses oito anos em que não vira a luz. Este suplício parecia-me impossível; e, por mais que eu pedisse ao padre a causa deste castigo bárbaro, respondia-me que não podia exceder as ordens de minha mãe a respeito da sua vida.

D. Antónia pouco mais fingia saber que eu. O segredo parecia todo do sacerdote, e o sacerdote era um livro de sete selos, que só poderia ser aberto pela mão de um cadáver, como ele me disse, cuidando curar-me com veneno a ferida que pedia bálsamo. Para que viera aquele anjo limpar-me as lágrimas da orfandade? Para substituir a estas as mais amargas de um filho, que tem a consciência das torturas misteriosas de sua mãe sem poder acudir-lhe, sem poder suavizar-lhas com a esperança de um futuro melhor!

Eu principiei muito cedo a recolher o meu espírito em dolorosas meditações, impróprias da minha idade. Não soube o que era viço de infância, nem ideal de venturas sonhadas nessa quadra de inocentes desejos. A realidade em mim principiou comigo, porque não há poesia nos pesares, nem elevações extáticas para o céu, quando se pisam espinhos onde deveram desabrochar-nos flores.

E, portanto, eu não podia distrair os meus cuidados do viver aflitivo de minha mãe. A tristeza tornara-se uma doença, que eu sentia enervar-me a vida e exaurir-me de alentos para esperar-lhe remédio. Há dores silenciosas que nos incutem respeito quando o que as sofre nos não pede compaixão para elas; a minha dor era assim.

No fim de três meses, soube que minha mãe vivia; mas poucas linhas revelam que vida era a sua. O padre leu-me este bilhete, porque as palavras que continha não devia eu sabê-las todas:

Este homem suspeitou do criado Bernardo, e despediu-o. Fiquei privada desse bom criado, que era a minha esperança e que tanto me custara a movê-lo em meu favor. Não tenho podido achar um meio de lhe escrever. Estas mesmas linhas escrevo-as a tremer, porque não sei se irão cair na mão do conde. Este bárbaro inventa caprichos de maldade para flagelar-me. Sinto-lhe um desejo diabólico da minha morte. Não se decide a matar-me!... Será uma cobardia? Será o prazer de ver-me penar? E meu filho? Fala-lhe de mim? Tenho-o tão impresso na imaginação!... Se eu não sentisse este amor de mãe, que me abraça o coração, bastaria o reflexo do amor, da saudade... oh, meu Deus!... da saudade de um anjo, que foi deste mundo, legando-me a herança de lágrimas que em breve legarei ao nosso infeliz filho! Sr. Padre Dinis, por caridade não poupe carinhos a esse menino! Seja-lhe pai pelo amor, pela religião, pela caridade, e pelo bom coração que Deus lhe deu.

O padre, terminando a leitura incompleta deste bilhete, abraçou-me com extraordinária efusão e chorou comigo.

No dia seguinte disse-me D. Antónia que um criado de farda me procurava; mas que, sem licença de seu irmão, não consentia que eu lhe falasse. O criado instava que não era pessoa suspeita; mas a tímida senhora não podia transgredir os preceitos de seu irmão. Ora o padre estava fora de casa, e não era certa a hora em que recolhia.

Quando vi entretida D. Antónia, corri para o criado, que não conheci. Perguntou-me o meu nome, porque ele também não me conhecia. Certificou-se de mim, perguntando-me se eu estava certo de ter sido procurado por uma senhora que se dizia minha mãe.

Esta pergunta fez-me vacilar na resposta, porque, não sei como, imaginei que aquele homem era um enviado do algoz de minha mãe.

O criado, vendo-me em embarços nada semelhantes à decisão com que viera falar-lhe, disse-me que não receasse dizer a verdade, porque ele era o confidente de minha mãe no tempo em que ela viera ver-me.

E, de repente, lembrou-me o escrito que ouvira ler um dia antes, e o nome do criado que minha mãe lamentava ter perdido.

– Como se chama? – lhe disse eu.

– Bernardo.

– Ah! Então decerto é meu amigo!

E tomando-me nos braços, onde eu me lançara com alegria, o pobre homem apertava-me, e soluçava não sei que palavras, que bem se via lhe vinham do fundo do coração.

– O filho da minha querida senhora! – exclamava ele. – O filho daquela santa, que vai deste mundo tão passada de dores!

– Então sabe a vida de minha mãe? – perguntei eu com ansiedade. – Diga, diga, tudo o que souber... porque eu tenho chorado muito... sei que ela é muito desgraçada; mas nem ela, nem o padre, nem D. Antónia, me dizem a causa dos seus sofrimentos.

– A causa dos seus sofrimentos... – tornou ele, limpando a face, onde as lágrimas corriam copiosamente. – Pois o menino não sabe a causa dos sofrimentos daquela pobre Sr^a Condessa?

– Condessa!... – exclamei eu. – Pois minha mãe é condessa! Ah!... sim, sim... já sei porque é condessa...

E lembrou-me então o começo da primeira carta que vira escrita ao padre. Lá falava-se de um conde, mas a minha educação, tão fora dos usos mais triviais da sociedade, não me disse logo que minha mãe era forçosamente condessa por ser a vítima, a mulher, ou a escrava desse conde.

– Sua mãe, não há dúvida, é a Sr^a Condessa de Santa Bárbara, por ser casada com esse homem, que não tem em todo o mundo quem se meça com ele em maldade. É um tigre, menino! Aquele homem é o que se pode ser! Deus o livre a V. Ex^a de lhe ver os olhos quando o sangue lhe sobe a eles!

– Eu já o vi, e tive-lhe medo!

– Bem o dizia eu! Não que ele, realmente, é um homem que Deus mandou a este mundo para castigo da humanidade. Eu sofri-o dois anos, porque, se não fosse eu, sua mãezinha morria de sede algumas vezes

Morria de sede! – exclamei eu, quando principiei a ver por mais longe os limites de um verdadeiro infortúnio. – Mas porquê? Minha mãe que mal fazia a esse homem?

– Nenhum... pelo contrário, parecia que lhe andava ali sempre de joelhos a adivinhar-lhe as vontades.

– Mas ele sem mais nem menos

– A falar-lhe verdade, meu fidalguinho, eu não sei contar-lhe a história tal qual, porque lá em casa ninguém sabia por que sua mãezinha era tão martirizada; mas, pelos modos, a causa principal de tudo aquilo era... o menino.

– Eu! Pois que mal fazia eu a esse homem?

– Isso são outras cousas, que eu, ainda que as sei, não lhas quero dizer, porque o menino é muito novo, e não mas entende. Lá virá tempo em que tudo se saiba.

– Mas diga-me, Bernardo, vossemecê conheceu meu pai?

– Nada, não conheci.

– Mas sabe quem ele era?

– Também não, nem perguntei a ninguém por isso, porque não era da minha competência.

– Mas eu já sei que ele morreu...

– Morreria; mas que eu saiba não. Quem pode dizer-lhe tudo é cá o Sr. Padre, que sabe a vida da Sr^a Condessa desde que V. Ex^a nasceu.

– Desde que eu nasci?

– Pois então? O menino creio que está aqui desde que nasceu, ou pelo menos quem tem tratado sempre da sua educação é cá o Sr. Padre-Mestre.

– Mas eu ainda há pouco tempo sei que tenho mãe.

– Isso não admira, porque sua mãezinha esteve oito anos fechada sem ver sol nem lua...

– Porquê?

– Enquanto a mim, é porque disseram ao Sr. Conde que a Sr^a Condessa tinha um filho. Isto é, eu não afirmo, mas parece-me que sua mãezinha uma vez, estando em delírio, disse uma coisa que era isto, ou que se parecia com isto...

Neste momento, contra os meus desejos, apareceu o padre. Pedi a Bernardo que não dissesse o que me tinha dito.

O padre tratou-o afavelmente; louvou-lhe o cuidado de vir ver-me, e eu instei-lhe ternamente que viesse todos os dias, se pudesse.

VI

Eu era verdadeiramente amigo deste Bernardo, que vinha falar-me de minha mãe uma vez cada semana; mas em vão eu tentava a sua prudência, pedindo-lhe circunstâncias mais claras do passado da sua ama, da sua santa, como ele a intitulava.

Padre Dinis tinha-o talvez prevenido, impondo-lhe o silêncio por condição, sem a qual não lhe permitiria falar comigo.

Uma vez – era em Agosto de 1832 –, justamente no dia em que eu fazia anos, apareceu Bernardo, a suar por todos os poros, e a rir por todas as feições, e a abraçar-me com toda a veemência de uma alegria expansiva.

O que ele me queria dizer parecia que não lhe passava da garganta. O homem ria e chorava, e era todo ele vibração de contentamento!

– Que é isso, Bernardo, diga-me porque está tão alegre?!

– Deixe-me abraçá-lo, que é um abraço que lhe manda sua mãe...

– Pois falou com minha mãe? Ela quer ver-me? Já não está fechada no quarto?

– Está no quarto, mas é porque ainda está doente; não quer expor-se ao ar, porque deseja viver agora...

– Pois que é?... Diga, Bernardo... o tal homem teve pena dela?

– O tal homem... qual pena nem meia pena... Aquilo não é bichinho dessas cousas... E porque o Sr. D. Miguel foi para o Minho e quis que o conde o acompanhasse.

– Que felicidade! E não tornará tão cedo?

– Quem sabe?... Anda para lá a guerra dos malhados com os realistas, e se viesse uma bala... Deus me perdoe... que o partisse

Olha que se não perdia nenhum macho de cem moedas

– Mas olhe, eu agora posso ir sem medo a casa de minha mãe? Ela mandou-me ir?... Eu vou dizer ao padre que vou... sim?

– Tenha lá mão, fidalgo, por ora não vai a cousa assim. Sua mãezinha mandou-me procurar à casa onde eu estava, e, apenas me disseram que ela me chamava outra vez para escudeiro, aquilo foi um fogo visto, corri a quatro pés ao quarto da minha santa condessa, e pouco faltou para me pôr de joelhos a agradecer-lhe o lembrar-se do pobre velho, que aposto eu se há pai que ame uma filha mais do que eu a ela, e depois dela o meu querido fidalguinho, que há-de ainda ser muito feliz e muito amigo do seu Bernardo, não há-de?

– Hei-de, hei-de... mas... minha mãe... eu queria vê-la... Se lá não está o homem que aterra a gente com os olhos

– Há-de ir, sim, senhor; mas deixe-me agora falar primeiro com sua mãe, porque o conde ainda ontem partiu, e quem sabe se lhe dá algum ataque de bexiga que o faz tornar para trás? Com prudência tudo se fará... Adeus, meu menino, dê este recado ao Sr. Padre Dinis da minha parte, e diga-lhe que as coisas correm às mil maravilhas; ponto é que o Diabo tome debaixo da sua protecção aquele algoz de sua mãezinha, e meu, porque, a falar verdade, ainda lhe não disse a V. Ex^a que aquele malvado dava-me bofetão e pontapé de criar bicho, só porque eu estava pronto a socorrer a Sr^a Condessa! Má raios o partam, Deus me perdoe... Então, adeusinho. Eu cá tornarei breve; haja gáudio, e viva o Sr. D. Pedro, que teve a habilidade de fazer sair de cá o Sr. D. Miguel, e o Sr. Conde, que, se não é isto, nem o Diabo o tirava de casa.

Bernardo retirou-se, murmurando uma ladainha de pragas ao conde.

Eu, tão alegre como ele, corri ao quarto do padre, e dando-lhe a nova, que deveria, enquanto a mim, alegrá-lo, quase lhe não fez impressão nenhuma.

Padre Dinis disse-me que esperava as ordens de minha mãe, e acrescentou que nunca me deixasse deslumbrar cegamente por uma esperança, que só tinha em si, como verdade, os nossos bons desejos. E, com esta sentença, mandou-me retirar, porque tinha que fazer e que pensar.

E retirei-me triste.

O homem desgraçado duvida tanto das lisonjas da esperança que, se não encontra amigos que o ajudem a fantasiar formosas realidades, descoroça das suas previsões, descrê de si e recai no seu habitual desalento.

Procurei D. Antónia, e achei-a chorando. Pedi-lhe a razão das suas amarguras, e a boa senhora redobrou de pranto, proferindo, entre soluços, uma tal ou qual profecia do abatimento em que ela teria de ver a religião, se Deus, por sua misericórdia infinita, a não chamasse a si.

No dia seguinte, Bernardo entregou uma carta ao padre Dinis, e, na tarde desse mesmo dia, recebi a boa nova de que veria à noite minha mãe em sua própria casa.

Doudejei de alegria; mas não sei fazer entender aos outros como era aquele meu contentamento! Parece que o meu sorriso era violento. Faltava em mim uma certa expansão íntima e luminosa de que me falam os felizes da Terra, e que eu não experimentei ainda, nem já agora tenho a louca vaidade de esperar.

As nove horas da noite estávamos, eu e o mestre, sentados no banco de pedra fronteiro à casa do conde de Santa Bárbara.

Pouco depois, Bernardo conduziu-nos por um portal da quinta e fez-nos entrar por uma cocheira, onde vi seges dismanteladas, arreios e um não sei quê de ruínas, que falavam de uma passada grandeza.

Subimos daí a um corredor, que nos conduziu a um salão. Neste vasto recinto havia um lampião, que derramava pelas paredes pardacentas sombras fantásticas, à maneira de vultos encapotados, que davam ao lugar uma solenidade misteriosa.

Bernardo mandou-nos sentar, e saiu..

Padre Dinis, apenas sentado, continuou no seu íntimo recolhimento espiritual.

Reparei que nas paredes estavam quadros pendentes; aproximei-me, e apenas divisei traços de vultos humanos.

Não pude calar a curiosidade, e perguntei ao padre que quadros eram aqueles.

– São retratos – respondeu ele, sem levantar a cabeça da postura meditativa em que a tinha.

Contei os retratos e vi que eram seis. Tornei a examiná-los um a um, e não pude penetrar além do vulto.

Um, porém, prendia-me a atenção mais que os outros, por isso que o bruxulear da lâmpada projectava às vezes um relâmpago fugitivo por sobre a escuridade da moldura.

E nesse instantâneo clarão sobressaíam feições, e essas feições pareciam-me de mulher, e essa mulher queria eu por força que fosse minha mãe.

E, dando à voz toda a inflexão do carinho, perguntei ao padre se aquele retrato era de minha mãe.

– É – respondeu ele, e atou de novo o fio da sua meditação, quebrado um instante.

Tornava eu para à minha deliciosa investigação, quando Bernardo nos chamou.

O padre seguiu-o, e eu, conduzido pela mão, entrei no quarto de minha mãe.

Estava ela deitada em um canapé, com um tremó à cabeceira e o cotovelo esquerdo apoiado sobre o tremó.

A luz que lhe alumiaava o rosto era tão escassa que eu mal a distingui quando entrei.

Minha mãe apertou a mão do padre e susteve-se nela, querendo sentar-se; e, não podendo consegui-lo sozinha, disse-me que lhe amparasse a cintura para poder erguer-

se.

E, depois que se sentara, ficou abraçada em mim, com a face pousada sobre o meu ombro.

Senti-lhe as pulsações velozes do coração e a lavareda em que parecia abrasar-se-lhe o rosto. De instante a instante humedecia os beiços em um copo de água, que eu sustinha na mão direita.

De improviso rebentaram-me as lágrimas dos olhos.

– Que tens, meu querido filho? – murmurava minha mãe, limpando-me a face com o seu lenço – Que tens? Não podes estar aqui feliz ao pé de tua mãe? Coitadinho! Como vais tão depressa provando o teu manjar de toda a vida!... São as lágrimas precursoras...

Estas últimas palavras disse-as minha mãe ao padre Dinis, que nos contemplava com as mãos enlaçadas sobre o peito, procurando nas sombras, talvez, esconder o testemunho de suas lágrimas.

– Joãozinho – disse o padre –, fale com sua mãe... diga-lhe que tem sofrido muito com ela... Não tenha só eloquência de filho quando fala comigo... mostre a sua mãe que é um homem perfeito em sofrimento.

– Não preciso que ele mo diga, eu bem o sei... – atalhou minha mãe. – Eu bem o sei, porque ele é meu filho e já está senhor da herança... de uma alma que, subindo ao Céu, devia deixar na deste menino as dores que são da Terra... Joãozinho... tens quinze anos... não deves chorar como criança... Conversa comigo... sim?

E eu sorri-me com violência; mas não sei que dominação moral exerceram sobre mim, naquele instante, os meus quinze anos! Olhei-me com altivez, e parece que repreendi em mim a criança que devera ser um homem ao pé de uma mulher que pedia protecção!

– Eu não choro, minha mãe... chorei um momento, mas ninguém pode dizer ao coração que o chorar é uma vergonha, não é assim?

E minha mãe respondeu-me com um beijo, e logo, encarando o padre, sorriu-se com um ar de espontânea alegria, que eu nunca lhe tinha visto.

– Não foi bem romântica a resposta, Sr. Padre Dinis? – disse ela.

– Eu já me não admiro – respondeu o padre.

– Não lhe pareceu ouvi-lo... diga... não eram assim as suas respostas?

– As respostas de quem? – perguntei eu.

– Digo? – interpelou minha mãe com os olhos fixos no padre.

– Por que não? – respondeu ele.

– Queres saber – tornou minha mãe – com quem te pareces nas tuas respostas, meu filho? Não adivinhas, sem que to digam? Não te falta na vida um ente, que, deixando-te no mundo, havia de deixar-te de si alguma lembrança?

– Meu pai? – exclamei eu com energia e comoção.

– Sim, sim, sim, teu pai – bradou minha mãe, apertando-me freneticamente ao seio e estremecendo toda ela na convulsão de uma febre.

Esta situação, demorada de mais para o seu debilitamento, prostrou-a, obrigando-a a deitar-se sem me largar a face da posição em que a tinha.

O padre, pensando que eu, assim reclinado sobre a face dela, devia incomodá-la, quis desenlaçar-me, e não pôde consegui-lo.

Minha mãe não chorava. Árida nas faces, e abrasada nos lábios, parece que um vulcão íntimo lhe queimara aquela parte do coração onde o anjo dos alívios deve ter depositado o pranto.

Esta penosa situação, para todos nós, durou assim alguns minutos.

O desalento de minha mãe sobressaltou-me muito. O padre, que sabia que doença

era a dela, não deu sinal de perturbar-se, e ajudou a sustentar o colo da pobre senhora em uma altura em que a respiração lhe fosse menos penosa.

As faces passaram-lhe de um pálido cadavérico ao vivo rosado de uma saúde vigorosa; mas aquele escarlate, destacando-se no rosto como duas romãs, carregava o azul-escuro das sombras que lhe desciam das órbitas. E, depois, minha mãe, estremecendo, e levando a mão ao seio, como se o coração estremecesse com ela, denunciou por gestos que tinha ali uma grande dor.

Sentou-se, sem precisar do nosso auxílio; pousou a testa na mão esquerda; comprimiu o coração com a direita, e esteve alguns minutos nesta postura, que eu e o padre contemplávamos sem dizer uma palavra.

Por fim atacou-a uma tosse para a qual pareciam extintas as forças de minha mãe. Que ela era dolorosa e violenta denunciavam-no as contorções do corpo e o sangue que lhe saía às golfadas sobre um lenço que minha mãe colava à boca, como se quisesse esconder-nos aqueles indícios de uma vida a extinguir-se.

Reparando na minha inquietação, a desgraçada, como a luz que bruxuleia nos seus últimos clarões, sorria-se com a graça de um anjo e com alegria de mártir.

– Não é nada, meu filho! – dizia ela. – Vive-se assim muitos anos, quando se tem um grande espírito para sofrer. Deixa morrer o corpo, meu filho, que a alma é imortal, como o amor de mãe. Terás de viver longe de mim pela vida, mas hás-de entrar no meu seio pela morte. As nossas desgraças devem terminar aqui... Do túmulo para dentro não está uma pouca de cinza fria; lá é que principia a vida dos que se sentiram viver no inferno variado de mil tormentos... neste inferno do mundo, em que a esperança da morte é o paraíso dos infelizes... Não é isto assim, Sr. Padre Dinis?

– Fala como inspirada, Sr^a Condessa – respondeu o padre –, e não pode assim falar-se sem pressentir o prémio que Deus promete aos que choram

– Ai! – murmurou minha mãe –, aos que choram... E que lágrimas, Sr. Padre Dinis! E com que resignação!... Sempre é muito forte a mulher quando luta com os padecimentos! O que eu tenho sofrido há doze anos, aqui, neste quarto, com aquela porta fechada, com a janela pregada, com esta lâmpada acesa noite e dia!... Tantas vezes ajoelhei pedindo ao Senhor o fim dos meus trabalhos!... E não era vã a minha oração... O que Deus me dava era coragem para futuros martírios; era resignação para esquecer-me dos passados... mas esperanças... no mundo... nenhuma, meu filho, nenhuma o Senhor me dava, nem ainda a de encontrar-te um dia... E, contudo, aqui estás tu nos meus braços!... Não és tu meu filho?...

– Sim, sim, minha querida mãe...

– Pois que mais quero eu? Fui ouvida, fui atendida por Deus!... Na hora das supremas angústias, antes de cerrar as pálpebras para sempre, quis Deus que eu te visse! Agora... que meus olhos se fechem, porque não tenho mais que ver, nem o coração tem outros sonhos que devam realizar-se aqui... Um sinto eu, acordada, e dormindo... um sonho, mais que um sonho, uma ansiedade do infinito, em cujo seio devo encontrar o anjo da minha mocidade, das minhas alegrias e dos meus tormentos... Queres tu vê-lo também, meu caro filho? Queres um dia ver o meu anjo, o tesouro da tua mãe, a estrela que lhe deu a luz na infância, que lhe mostrou o Céu na Terra, e que um dia se escondeu aos meus olhos, porque fora alumiar o sacrário do Altíssimo?

– Quem é, minha mãe?... Quem é?

– Quem é?, perguntas tu... E uma saudade, é uma imagem que se não palpa, e eu sinto-a vibrar-me em todo o corpo, como sinto os teus lábios nos meus... É uma imagem que me não fala a linguagem dos homens, e eu ouço-a, noite e dia... ouço-lhe um hino de felicidade, quando eu choro... e deixo de chorar, porque esta alegria do meu anjo é um grito de coragem ao meu espírito, que desfalece. Ainda não sabes quem é o anjo de

tua mãe?

E eu ouvi-lhe aquelas palavras quase ininteligíveis pela expressão e pela ideia. Eram novas para mim aquelas pinturas, que eu não tivera tempo de encontrar nos livros, onde se acham escritas as histórias das paixões, nos romances, onde a gente vive todas as situações da sociedade sem ter passado por nenhuma. E, depois, minha mãe parecia falar em um mundo que não era este. O seu rosto irradiava uma candura angélica e uma electricidade indizível, que pareciam torná-la superior a si mesma. Hoje é que eu vejo a menor linha de transfiguração daquele rosto, onde a morte se ostentava tão bela, como se a aproximação do túmulo, a última quadra da vida, fosse também a primeira de uma nova inocência, com todas as suas alegrias!

E minha mãe repetiu a sua pergunta:

– Não sabem quem é o anjo de tua mãe?

E voltando-se para o padre, continuou:

– Parecia que o coração devia adivinhar-lho, não é verdade, Sr. Padre Dinis?

O padre olhou para mim sorrindo-se, e encolheu os ombros, como se pedisse a minha mãe desculpa da minha pouca penetração. Mas, por uma intuição que não sei explicar, lembrou-me de repente que o anjo das alegrias e das saudades de minha mãe era meu pai. Maquinalmente proferi esta palavra com aquela intimativa de quem, na dúvida de adivinhar uma pergunta enigmática, balbucia uma resposta incerta. E minha mãe, enlevada em um arroubamento de júbilo, abraçou-me impetuosamente. Parecia agradecer-me o desafoço que eu lhe dera, pronunciando um nome que o pejo lhe abafava no

Padre Dinis, organização nervosa e entusiástica pelo sublime, achou naquele abraço incentivo para uma destas emoções que electrizam o sangue e fazem saltar as lágrimas.

– Foi a natureza – dizia-me minha mãe – quem te ensinou esse nome?... Quem te disse a ti, meu filho, que o anjo das minhas saudades devia ser teu pai?

– Ninguém me disse que ele era um anjo – respondi eu –, mas já sabia que minha mãe...

– Diz, diz, Joãozinho

– Que minha mãe sofria muito por minha causa e que a pessoa que a fazia sofrer não era meu pai

– Não, não! – exclamou ela com veemência. – Graças a Deus, que não é teu pai o meu algoz... Não podia sê-lo... Oh!, eu te amaldiçoaria se fosses filho de um monstro... Não me recordem esse homem, que lhe vejo a sombra, e a sombra desse tigre tem garras que despedaçam o coração!... Não posso acordar do pesadelo agonizante a que esse bárbaro habituou a minha existência! Custa-me a persuadir que ele não está aqui, espreitando as minhas palavras, o meu gesto mais inocente e o meu pensamento mais oculto! E eu não podia pronunciar uma palavra que não fosse uma provocação aos ódios sanguinários do meu carcereiro! Escandalizava-o o meu silêncio quando pedia a Deus que me desse alentos. Escandalizavam-no as minhas palavras quando lhe pedia a ele perdão de crimes que eu não tinha! Que inferno, meu querido filho, que inferno tem sido esta lenta agonia de tua pobre mãe!... Oh! Por Deus te peço, não te lumbres de que entre mim e ti está esse homem, que partiu para longe, mas que deixou o seu fantasma pavoroso a vigiar-nos

Minha mãe tinha subido a um grau de excitação que fazia dó e receio. Padre Dinis interrompeu-a, distraíndo-lhe a atenção para um objecto que ele supunha distrair-lha.

Falou na saída imprevista do Sr. D. Miguel, no desembarque do Sr. D. Pedro, nas consequências destes dois acontecimentos e no futuro de Portugal. Penso que era isto porque não atendi à exposição do padre, e penso mesmo que minha mãe lhe acenava

com a cabeça, em ar de inteligência, simplesmente por urbanidade.

Todavia, a febre de minha mãe serenava visivelmente, como se a conversação do padre lhe suscitasse uma carinhosa esperança.

Ao toque de uma campainha apareceu Bernardo.

E minha mãe perguntou-lhe se tinha ouvido dizer alguma cousa. Bernardo respondeu negativamente, e saiu.

A tímida senhora explicou-nos, da seguinte maneira, este seu temor,

– Aqui, nesta casa que chamam minha, sou eu quem dá explicação da sua vida aos criados, e estes receberam do conde de Santa Bárbara o direito de não só espreitarem, mas até pedirem a sua mulher explicação dos actos de sua vida. Entre as criadas há uma especialmente que vive aqui como senhora absoluta, porque meu marido não precisou da bênção matrimonial para conferir-lhe a soberania de rainha. Julguei algum tempo que me convinha ser amiga adúladora, e até escrava desta mulher. Cuidei que, merecendo-lhe o seu amor ou a sua piedade, desarmaria as cóleras de meu marido.

»Enganei-me. O sacrifício que fiz da minha dignidade fez que eu fosse de então em diante mais ultrajada por ela e mais escarnecida por ele. O Sr. Conde saiu, e a sua valida retirou-se aos seus domínios...

– Ah! – interrompeu o padre –, ela saiu daqui?

– Retirou-se aos seus domínios... quero dizer... fechou-se em metade desta casa, serve-se com as suas criadas, que muita gente dirá que são minhas, creio até que recebe as suas visitas, e de vez em quando pergunta o que faz D. Ângela de Lima, como ela me chama, para me não dar parte no título do *seu* conde de Santa Bárbara. E foi com medo desta mulher que eu chamei Bernardo, porque, se ele me dissesse a «minha ama» suspeitava da existência de V. S^a aqui, eu teria de ir curvar-me humildemente aos pés dela, pedindo-lhe que me não denunciasse ao seu amante, que tem sobre mim direitos de marido.

Conquanto eu não compreendesse logo toda a ideia oculta desta irónica humildade de minha mãe, entendi o que bastava para nutrir um ódio, não de criança, um ódio profundo à mulher de quem se falava. Sem pensar antecipadamente o valor das minhas ideias, disse eu a minha mãe:

– Essa mulher tem aqui alguma cousa?

– Tem tudo, meu filho; tem um poder de senhora.

– E minha mãe?

– Eu tenho a humildade de criada... pois não vês que medo eu tenho que ela saiba que eu estou aqui contigo e com o teu mestre?

– Mas essa mulher deve ser castigada.

– Quem a castigará? Deus... não é verdade?

– Deus castiga, penso eu, no outro mundo; mas neste mundo também há castigos.

– Então que queres, meu filho... eu não posso castigá-la, porque ela é mais forte e tem um homem à sua disposição.

– Que homem?

– O conde de Santa Bárbara.

– Mas para esse – disse eu energicamente –, para esse tem minha mãe um filho.

– Pois queres defender tua mãe, meu anjo?

Minha mãe sorria e chorava, fazendo-me esta pergunta; e padre Dinis olhava o meu desembaraço com pasmo.

À pergunta que ela me fez já eu não pude responder com a mesma resolução. Pensei que lhe desagradavam esses meus brios de homem, talvez por mal cabidos em um rapaz de quinze anos! Respondi a minha mãe com um sorriso e um gesto. Ambos me compreenderam, e notei que padre Dinis, a meia voz, lembrava a minha mãe a

inconveniência de provocar-me em uma idade irreflectida. Conjecturei isto da resposta de minha mãe:

– Deus me livre dessa tentação; mas não vê aqui o filho desse homem tão nobre como pundonoroso?

– E não será uma consolação morrer resignada nas mãos de um carrasco, quando se não morre abandonada de todo o mundo, quando se não morre sem um filho que dê valor ao sangue inocente de sua mãe?

VII

A condessa passava do abatimento à exaltação com admirável rapidez. O rubor febril das faces mudava-se-lhe em palidez repentina apenas o silêncio sucedia à energia da palavra. E então via-se-lhe o cansaço no latejar do seio e na lassidão das pálpebras, que desciam amortecidas sobre as pupilas vidradas de lágrimas.

Eu cuidava que chamar-lhe «mãe» era restituir-lhe o vigor perdido. Algumas vezes esta palavra fazia estremecê-la e abrir de repente os belos olhos, onde a luz da alegria era um relâmpago, que eu não podia com os meus carinhos fazer durar alguns minutos. No seu sorriso para mim, e para as minhas estéreis palavras de conforto, traduzia-se a violência e o corajoso esforço da felicidade contrafeita.

No mundo é que eu aprendi a decifrar as amarguras nos sorrisos. Eu não sabia então que minha mãe era mais feliz quando chorava que quando ria.

Padre Dinis falava pouco; mas cada palavra sua era uma consolação, que tinha em si um preceito evangélico e um conselho de extremoso amigo.

Nas mais demoradas síncope de minha mãe, eu pedia ao padre que a consolasse e aliviasse daquele peso. Não me respondia, e o seu silêncio de então é hoje bem eloquente para mim. Aquele homem tivera demasiado tempo de saber que o coração, devorado no íntimo por úlceras insanáveis, é como o sepulcro insensível às lágrimas da mãe que lhe pede o filho; é como a dor que mata, superior em luta desigual com as débeis forças da palavra confortadora.

Minha mãe, depois de olhar-me com atenção penetrante e vacilar em uma irresolução que parecia afligi-la, disse a padre Dinis com voz sufocante:

– O meu filho não poderia viver comigo algum tempo, alguns dias, aqui?

O coração saltou-me no peito. Olhei o padre, com gesto não menos suplicante que a voz de minha mãe. A alegria que transpirava dos meus gestos ansiosos fez sorrir o padre e irradiou-se na face de minha mãe.

– Viver seu filho com V. Ex^a... – disse o mestre – não me parece isso um acerto... Não acaba a Sr^a Condessa de pintar-me a vigilante espionagem em que estão os seus actos?

– Tem razão... – murmurou minha mãe; pendeu a cabeça para o seio e chorou.

– Mas o Bernardo – exclamei eu – não é bastante para esconder-me dos nossos inimigos? Eu peço-lhe, sim, minha mãe?

– Como hás-de tu pedir-lhe, meu querido filho?

– Digo-lhe que me deixe estar de noite, quando as criadas estiverem recolhidas; e de dia esconde-me debaixo da sua cama.

O padre e minha mãe sorriram-se; mas o abalo que a desgraçada reflexão do padre lhe causou fazia dó. A infeliz fora ferida no seu orgulho. A revelação que ela nos fez do medo que tinha à sua criada não lhe foi decerto tão pungente como a observação com que o padre respondeu à sua doce esperança de possuir-me. Foi o mesmo que dizer-lhe: «Nada podes em tua casa, porque está aí uma mulher que tomaste como tua criada e que teu marido revestiu de plenos poderes sobre os desejos mais santos do teu coração. Sufoca pois as expansões de tua alma, porque o amor que tens a teu filho não deve vencer o medo que tens a tua criada.»

E não há afronta mais vilipendiosa a uma alma nobre!

Padre Dinis, reconhecendo a sua cruel sinceridade, procurou sarar a chaga, que só a morte podia cicatrizar.

– O menino lembrou bem – disse ele. – Com o auxílio de Bernardo é talvez muito mais fácil não ser percebido aqui, e V. Ex^a bem sabe, sabe melhor que eu, os graves

infortúnios que podem seguir-se a uma acusação desta ordem feita a seu marido.

– Sei, sei. – balbuciou ela.

– E com uma tal criada não é para admirar que no próximo correio o conde de Santa Bárbara receba uma carta da sua... criada, em que sua esposa é acusada de ter de portas adentro

– Não diga mais – interrompeu minha mãe aflita. – Eu sei todas as consequências... e a mais funesta é de todas a que eu mais apeteço... Por Deus, Sr. Padre Dinis, desejo a morte como um agonizante de sede deseja uma gota de água... Desejo esquecer-me dos meus verdugos, porque espero em Jesus Cristo que a minha alma não vá deste mundo com o ódio que neste mundo lhe derramaram, à força, os malditos a quem meu marido encarregou o meu suplício... Deixo meu filho, é verdade, deixo meu filho; mas também espero em Deus que o amor, o santo amor de mãe, vá comigo à eternidade continuar-se no amor de Deus... Eu estou tão convencida destas verdades que a minha fé me dita, que começo a sentir a doçura dos padecimentos na certeza de que há-de vir um, e eu hei-de vencê-lo, e esse há-de ser o último... E, depois, meu caro filho, tu ficarás no mundo com esta herança de fé que tua mãe te deixa. Se sofreres inocente, hás-de chegar a beijar a mão que te ferir de morte, porque se não fosse a morte... que triste cousa era teres conhecido tua mãe para a perderes tão cedo!

– Sr^a Condessa! – interrompeu o padre. – Essas ideias são justas e santas; mas V. Ex^a não pode caminhar voluntariamente ao termo final da sua vida enquanto Deus lhe der modo de salvar-se da morte. Daí ao suicídio não vai grande diferença... E certo que seu marido tem má índole e não se horroriza diante da crueldade de assassiná-la lentamente; mas V. Ex^a tem a liberdade de fugir desta casa de martírio, como quem foge à perseguição de um punhal.

– Que ideia! – exclamou alucinadamente minha mãe. – Que ideia!... E posso eu fugir sem que o mundo me calunie, sem ter de envergonhar-me de algum ultraje que desvirtue a minha vida de mulher casada?!

– Pode – respondeu serenamente o padre –, pode, porque a justiça de Deus é superior ao juízo dos homens. Que pode o mundo dizer? A condessa de Santa Bárbara deixou seu marido. Porquê? Se houver uma boca perversa que cuspa a infâmia no carácter virtuoso da condessa de Santa Bárbara, a voz da verdade fará calar o caluniador: e eu, homem cujos lábios se não desonraram ainda pela mentira, e que agradeço a Deus a consideração que o mundo me dá, sairei a público, entrarei nos salões, falarei nas praças, e, se for preciso, quando o conde de Santa Bárbara ousar assentir aos caluniadores de sua mulher, eu bradarei bem alto: «Este homem mente como um vil!»

Minha mãe, exaltada pelo enlevamento majestoso do sacerdote, saltou do canapé, tomou as mãos do padre e caiu de joelhos, soluçando palavras ininteligíveis. Nem então, nem hoje posso explicar a força que me fez também ajoelhar! Minha mãe, vendo-me ao pé de si, lançou-me o braço esquerdo pelo pescoço, e disse-me com voz balbuciante:

– Chora comigo, meu filho, aos pés de um homem que quer salvar tua mãe!

O padre fez-nos erguer e conduziu minha mãe ao canapé. Às emoções desta triste grandeza não resistem os caracteres ignóbeis, quanto mais o de um homem cujos lábios não tinham sido desonrados pela mentira! Padre Dinis tinha a face inundada de lágrimas, que pareciam paralisar-lhe o dom da palavra. Pelos gestos conhecia-se que o digno ministro de um Deus misericordioso nos queria dizer que a sua missão era aquela e que o sublime daquele quadro estava no Evangelho e não no intérprete; estava em Deus, que mandava, e não no homem, que obedecia.

– Ainda posso ser muito feliz neste mundo, não é assim, Sr. Padre Dinis? – perguntou minha mãe, com estranha alegria.

– E qual é o cristão que não pode ser feliz neste mundo? – disse o padre. – O que

são as perseguições aqui em baixo nestes três dias de peregrinação? V. Ex^a pode ser feliz mudando de situação, porque, em verdade, não sei que possa piorar de sofrimentos.

– Pois bem... eu deixo esta casa... mas

E minha mãe nesta hesitação foi compreendida pelo padre.

– Mas... – acudiu ele – quer um tecto hospitaleiro onde possa viver com seu filho... não é assim?

– Sim, sim – exclamou ela como delirante –, com meu filho

Não posso aspirar a tanta felicidade... é muito para mim, que tenho sido tão desgraçada... é uma ilusão que quero nutrir sem que Deus me diga que posso realizá-la...

– Pode! – retorquiu o padre com confiança.

– Posso? Viver com meu filho? Em paz? Sem remorsos? Sem temores?... Posso?

– Pode, Sr^a Condessa. O mestre de seu filho não será indigno de ter como hóspeda, como filha, e como irmã, sua mãe.

– Oh, meu Deus!

Minha mãe, nesta exclamação, com as mãos erguidas, exprimiu o sentimento que não posso eu descrever. Creio que aquela elevação para o céu era uma expressão do reconhecimento, porque eu tenho sentido, na minha longa vida de trabalhos, necessidade de agradecer a Deus uma ventura das que eu, habituado a sofrer, já não ousava pedir. E este reconhecimento do infeliz é, porventura, um grande testemunho a favor dessa mão invisível que a Providência dá aos desgraçados que tocam a borda do abismo.

Neste lance o silêncio era o seu mais sublime complemento. Padre Dinis contemplava minha mãe com uma santa alegria, e parecia que na viva satisfação do rosto se lhe via brilhar a glória do homem que pode ao pé de uma inocente desgraçada exclamar:

– Salvei-a!

VIII

E minha mãe, animada pela esperança de melhores dias na Terra, parecia reaver o viço das faces, aquele rosado da saúde que não é o escarlate incendiado da febre, ou a palidez sombreada do moribundo. Até esse momento, nunca eu lhe vira outro colorido no rosto.

Era, pois, a possibilidade de abandonar aquela casa que a salvara. Não se explicará naturalmente a robustez e o desembaraço que, tão depressa, tomou o corpo alquebrado de minha mãe! Aquela fronte, alumada pelo sol da esperança, restaurou a nobre altivez de sua majestade acurvada pelo aviltamento. De pé, como a tige da flor que uma gota de água revocou à vida, minha mãe sentia-se viver das expansões delirantes do espírito. Era uma criança a doudejar de alegre, abraçando-me com frenesi, beijando com ternura as mãos do padre, e comunicando-nos o seu contentamento como um excesso de vida que lhe não cabia no coração.

– Se esta esperança fosse uma mentira – dizia ela –, eu seria mais desgraçada.

– Eu não minto, Sr^a Condessa – replicou o padre, dando à fisionomia um gesto de severidade em que se revelava a firmeza das suas tenções. – Hoje mesmo – continuou ele –, se V. Ex^a quer, entrará com seu filho em minha casa, com a mesma liberdade com que entraria na casa de seu pai, se o tivesse.

– Hoje mesmo!... – exclamou minha mãe. – Hoje mesmo!

Sim... e por que não há-de ser hoje mesmo?... Este convite que V. Ex^a me faz, bem pode ser um aviso de Deus... eu devo talvez fugir hoje mesmo... O anjo protector de meu filho é o Sr. Padre Dinis, e talvez seja também o meu... Mas... hoje mesmo... que dirão... oh!, minha querida mãe, inspira-me do Céu!

E uma força superior à minha vontade fez-me dobrar os joelhos aos pés de minha mãe, suplicando-lhe que deixasse aquela casa naquela mesma noite. Padre Dinis fortaleceu os meus rogos, pedindo-lhe que atendesse ao fervor com que eu lhe pedia. Minha mãe, irresoluta um instante, tocou uma campainha. Bernardo apareceu.

– Bernardo – disse ela –, posso sair sem ser vista?

– Quando V. Ex^a quiser.

– Posso levar comigo um baú?

– Estou eu aqui para levá-lo – respondeu Bernardo.

– É aquele – disse minha mãe, apontando para uma caixa de couro marchetada de amarelo.

A minha alegria era como um alvoroço íntimo, que me não deixava certificar da realidade daquele belo sonho.

Bernardo saíra com o baú: minha mãe cobriu-se do mesmo manto que lhe vira nas duas vezes que lhe falara; os seus passos para a porta eram firmes e resolutos; mas, voltando a face maquinalmente para o interior do quarto que deixava, franquearam-lhe os passos, cansou-lhe a coragem, e anuviou-se-lhe o brilho das faces, como se por entre as cortinas do leito lhe acenasse uma larva aterradora. Encostada ao alisar da porta, pousou a cabeça sobre a mão esquerda e segurou-se com a direita ao braço do padre.

– Então que fraqueza é esta, Sr^a Condessa? – interpelou o padre.

– Sou uma fraca mulher... a desgraça dá cabo do corpo e do espírito... nem para buscar a ventura deixa coragem à infeliz!

– Que sente, minha mãe? – perguntei eu, beijando-lhe enternecidamente a mão gelada.

– Que sinto, meu filho? Nem eu posso dizer-te... É o peso do meu destino... E a minha consciência que me diz que não devo tentar a felicidade, da qual não tenho

direito ao menor quinhão...

– Não fale em destino, senhora – interrompeu o padre. – Deixe essa palavra ao povo e aos ímpios, mais ignorantes que o povo. O destino é uma palavra vã, é uma negativa ao que Jesus Cristo nos diz dos sofrimentos neste mundo e dos contentamentos no outro

Enquanto o padre prosseguia neste discurso religioso, que não pude reter na memória, abracei minha mãe pela cintura, e senti-a tremer como em uma febre intermitente.

O susto obrigou-me a interromper o padre. Pedi a minha mãe que se sentasse e consegui, ajudado pelo mestre, sentá-la no mesmo canapé donde, há pouco, a vira levantar-se com tanta energia.

Aí, a infeliz escondeu o rosto entre as mãos, e soluçava ansiadamente.

Bernardo voltava de colocar o baú fora do palácio. Minha mãe estremeceu quando sentiu passos estranhos no quarto. O terror habitual da sua vida afinara-lhe o sistema nervoso, a ponto de figurar-lhe em cada ruído os passos do seu demónio doméstico, que se aproximava com o flagelo da morte lenta.

– Ah! És tu?... – exclamou ela.

– Sim, minha senhora; agora o que resta saber é para onde vai o baú.

– Para minha casa – respondeu o padre.

– Sim, sim, para nossa casa – acrescentei eu.

– Para nossa casa!... – disse minha mãe, sorrindo ternamente para a minha franqueza.

– Pois é o que se devia ter feito há muito... – disse Bernardo com aquela chã sinceridade que tão bem cabe em um amigo.

Minha mãe sorriu-se ainda ao decidido aplauso de Bernardo e, vencendo um esforço que lhe sofreaka o coração, ergueu-se outra vez corajosa e animada como há pouco.

Desta vez não voltou o rosto ao transpor a porta do quarto. Padre Dinis, prevenindo a repetição do acto, tomou-a pelo braço, e parece que a levava por força.

E depois atravessámos silenciosos o salão por onde viéramos: era o salão dos retratos.

Aí, minha mãe largou o braço do padre e foi ajoelhar-se diante de um dos seis quadros cujas feições eu não pudera enxergar.

Nem ao menos murmurava a sua oração, se era uma oração o que ela fora ali fazer com a linguagem mística do espírito.

Pé ante pé, acerquei-me do padre e perguntei-lhe baixinho se aquele painel era a imagem de alguma Nossa Senhora.

Respondeu-me que era a imagem de uma santa.

Perguntei ainda o nome da santa.

Respondeu-me que era minha avó, a mãe daquela outra mártir que estava de joelhos.

– E por que não hei-de rezar também? – interroguei eu.

– Ninguém o priva, menino, reze também, peça-lhe que leve à presença de Deus as lágrimas de sua mãe.

E eu fui ajoelhar-me ao lado dela. Não sei quais então foram os pensamentos calorosos que a minha inocência elevou à imagem daquela que vivia em minha mãe pelo espírito de martírio. Sei que havia eloquência na minha fé e esperança na minha oração, mas se hoje me pedirem uma palavra daquelas, uma lágrima das que então chorei naquele veemente fervor, eu terei de pedir primeiro aos homens que me restituam a minha inocência, a minha fé, e o tesouro de virtude que me roubaram.

.....
Minha mãe levantou-se e caminhou com firmeza, mas calada, e recolhida, como se continuasse ainda a sua prática com os espíritos invisíveis.

Durante o trânsito do palácio à casa de padre Dinis, minha mãe careceu do nosso amparo, algumas vezes, para não cair desfalecida. Apenas pudemos arrancar-lhe algumas palavras, apesar de todas as diligências que fizemos por distraí-la.

Quando entrámos no meu quarto, saía Bernardo de pousar o baú. Minha mãe fez-lhe sinal de acompanhá-la e disse-lhe:

– Vai para casa e vem amanhã participar-me o menor incidente. Tem cuidado que te não sigam, nem te vejam entrar nesta casa. Queria remunerar-te os teus serviços, meu amigo leal, mas sou pobre como sabes, e se fosse rica seria muito melindrosa em recompensar-te porque o teu coração é nobre de mais para ser pago com dinheiro.

Bernardo chorava, e não podia articular os gemidos com que se despediu de nós.

Minha mãe, movida pelos carinhos de D. Antónia, passou a aparentar um sossego e contentamento de espírito que fazia a felicidade de todos nós.

IX

Não houve algum incidente desagradável. Minha mãe parecia feliz, e nós procurávamos, com as nossas conversações alegres, sustentá-la naquela sua distração.

Até à uma hora da noite estivemos juntos no meu quarto. Depois, minha mãe recolheu-se ao de D. Antónia, onde fora preparada a cama.

Quando me levantei, na manhã seguinte, vi da janela do meu quarto que minha mãe passeava no jardim.

Corri, cheio de alegria, a beijar-lhe a mão, repreendendo-lhe docemente não me ter mandado chamar. Respondeu-me que o sono da manhã era a única hora feliz do dia para as pessoas pouco venturosas, e não quisera por isso acordar-me. Disse mais que se erguera muito cedo, porque dormira quatro horas um sono sossegado, o que não lhe acontecera há muitos anos; e, como não pudesse nem precisasse dormir mais, viera, com permissão de D. Antónia, recordar, sozinha, a ventura que Deus lhe concedera em umas poucas de horas, sem que alguma nova desgraça lha perturbasse.

Minha mãe fez-me sentar ao pé de si e inclinou-me a cabeça sobre o seu ombro. Nesta postura, estivemos silenciosos alguns minutos.

E inexprimível o gozo de minha alma naqueles rápidos instantes.

Eu e minha mãe precisávamos daquele recolhimento, daquela mudez, em que o coração parece povoar-se-nos de espíritos celestes, que falam uma linguagem que a língua humana não articula.

E tanto assim é que, se, naquele momento, me perguntassem o que eu sentia, não me fora possível definir com a palavra as vagas imagens que tanto me diziam.

E, como eu então notasse a insuficiência das minhas ideias para revelar a expansão de imensa felicidade que me enlevava, lembrei-me se a falta seria de mim e da minha falha de palavras. E, por isso, pedi a minha mãe que me dissesse o que sentia.

Respondeu-me que não podia.

– Olha, meu filho, eu penso que Deus não concede à palavra a soberania que concede ao espírito. As grandes dores são mudas como os grandes júbilos. Em situações de infinita amargura, cheguei a um estado de não poder gemer. Ajoelhei muitas vezes, sem balbuciar uma palavra queixosa ao Deus da justiça, porque a não tinha. E já hoje ajoelhei aos pés da minha cama, com o coração a transbordar de alegria, e também não tive uma palavra com que agradecesse ao Deus da compaixão os momentos de felicidade que me dá. O que sinto agora, meu caro filho, é um desafogo na alma, uma primavera na vida, um não sei quê de felicidade, que só pode comparar-se ao transporte do convalescente que se levanta de um leito de prolongado sofrimento para respirar o aroma das flores de Abril. Compreendeste-me, meu filho?

– Sim, minha mãe – respondi eu. – Compreendi, porque eu, se pudesse falar como fala minha mãe, não saberia responder com outras palavras; mas não somos nós tão felizes?... Não parece que Deus nos está olhando neste momento com tanto amor? A gente nunca deve supor-se desgraçada de todo

– Porquê, meu filho?

– Porque nós éramos ontem muito infelizes, chorávamos muito, e estamos aqui agora abraçados, e tão venturosos, que nem podemos dizer porque somos tão felizes

– E se o dia de amanhã assim não for?

– E por que não será?! A mãe não quer levantar-se amanhã como hoje, vir como hoje ao jardim abraçar seu filho... dizer-lhe que há-de fazer o mesmo no dia seguinte...

– Ah!, sim, meu filho, eu queria como não pode querer-se mais à vida, ao amor e à salvação; mas os desígnios do Senhor são tão ocultos... e o mundo está sempre tão

acordado para não deixar adormecer a desgraça no coração de uma mulher infeliz

– Pois que há agora a rezejar?

– O meu passado... meu filho... o meu passado

Neste momento, vimos Bernardo descer para o jardim. Minha mãe sobressaltou-se quando o viu e murmurou com voz trémula:

– Que desgraça virá anunciar-nos?...

Bernardo justificava o triste pressentimento de minha mãe: vinha pálido, e assustado, como se o perseguissem.

– Que há, Bernardo? – perguntou minha mãe com sobressalto, saindo-lhe ao caminho.

– Não há boas cousas, Sr^a Condessa... O Demónio está da parte dos maus sempre a tecer contra os bons.

– Pois que é?

– Que há-de ser, minha senhora... Era meia-noite, e bateu à porta o Sr. Conde...

– O Sr. Conde! – exclamou atribuladamente minha pobre mãe.

– É verdade. Eu fiquei sem pinga de sangue quando lhe ouvi a voz.

Minha mãe transfigurou-se rapidamente, perdendo a vivacidade que há poucas horas principiava a agitar-lhe as feições, de antes paralisadas pela dor. E receando ser vista no quintal, onde realmente não podia sê-lo, levantou-se precipitadamente, tomou-me pela mão e correu a esconder-se no meu quarto.

Bernardo entrou connosco, e em seguida o padre e D. Antónia.

– Há algum acontecimento? – perguntou o padre.

– Era impossível que o não houvesse... – respondeu minha mãe, e continuou com um triste sorriso, semelhante a uma ironia às suas próprias desgraças. – Eu não te disse, meu filho, que o dia de amanhã não seria como o de hoje!... Enganei-me, porque a desgraça estava outra vez comigo, quando eu supunha que ela me daria algumas horas de tréguas

– Pois que foi? – interrompeu o mestre, voltando-se para Bernardo.

– Chegou o Sr. Conde; é o que aconteceu quando ninguém o esperava – respondeu o criado.

– Nesse caso – tornou o padre com estranho contentamento –, nesse caso, Sr^a Condessa, levante as mãos a Deus e agradeça-lhe não estar em casa para o receber.

E minha mãe fitou um olhar de profunda reflexão na face do padre, como se aquelas palavras confortadoras tivessem feito em sua alma uma saudável impressão.

Bernardo continuou:

– O Sr. Conde foi direito ao quarto de Eugénia; e, encontrando-me em um corredor, onde vim cumprimentá-lo, disse-me que não era preciso que a Sr^a Condessa soubesse da sua vinda. Não respondi nem uma palavra; mas sentia cá por dentro uma aflição daquela casta! Em vez de me ir deitar, estive de vigia a ver o que se passava, porque eu não sabia verdadeiramente o que vinha a ser aquela recomendação de não dizer à Sr^a Condessa que tinha chegado o seu marido, tão depressa, saindo por tanto tempo. Antes de mais nada, desci à cavalariça e perguntei ao lacaio se o Sr. D. Miguel tinha voltado. Disse-me que não. Perguntei-lhe porque tinha vindo o Sr. Conde, que fora na companhia do rei, respondeu-me que não sabia, nem se. Lhe importava saber. Fiquei como de antes. Descalcei os sapatos e vim em palmilhas até à porta da sala, onde está a porta do quarto da criada. Esta porta estava aberta e deixava ouvir tudo o que lá se dizia. Ouvi algumas cousas, que ainda me não esqueceram, porque até as escrevi, para as vir dizer à Sr^a Condessa

– Não, não, Bernardo – interrompeu minha mãe. – Não quero saber as conversas de meu marido com a sua criada.

– Mas talvez seja útil e necessário sabê-las... – disse o padre.

– E o certo é que é muito necessário sabê-las – redarguiu Bernardo. – V. Ex^a dá licença que eu as conte?

– Sim, dou, diz tudo; ainda que seja para meu mal.

– Pelo contrário – tornou Bernardo –, talvez que tudo seja para seu bem. Foi assim: o Sr. Conde estava a dizer à criada que, chegando a Santarém, tivera muitas saudades dela e conhecera que já não podia viver sem ela; e por isso se fizera doente, e fora deitar-se dizendo que tinha febre; e que o Sr. D. Miguel, pensando que era verdade a sua doença, lhe dera licença de vir tratar-se a sua casa, e procurá-lo em Braga depois que estivesse restabelecido. Que tencionava demorar-se alguns dias, e depois tornava a ir, levando a criada em sua companhia, porque não podia viver sem ela. Ora aqui está o que se passou até às duas horas, em que me fui deitar, porque se fechou a porta do quarto.

Olhei para minha mãe e vi-lhe o semblante prodigiosamente sereno. Esperei ouvir-lhe uma palavra, mas não se abriram seus lábios, fechados por um sorriso inexprimível.

D. Antónia tinha-se benzido duas vezes durante a narrativa de Bernardo. Eu sentira-me feliz por concluir de tudo aquilo que minha mãe continuava a ser minha mãe e minha companheira.

– Está dito... – disse Bernardo –; o Sr. Conde levanta-se das dez para as onze, e eu vou ver o que acontece agora.

Com estas palavras, conhecemos todos que o verdadeiro acontecimento devia dar-se quando o conde não encontrasse em casa sua mulher. Não trocámos palavras, mas o silêncio em que Bernardo nos deixou era o susto em que todos ficávamos.

X

Quem sofre muito, com raros intervalos de repouso, familiariza-se com a dor. Nas pessoas muito infelizes há uma renúncia voluntária do seu quinhão de prazer, quando chegam a convencer-se da esterilidade de seus esforços por uma sorte melhor.

A dolorosa prática destas ideias conhecia-a na presença de espírito com que minha mãe ouvira Bernardo, e esperava ainda ouvi-lo, depois que o conde a não achasse em casa.

Reparei muito então, e avalio hoje mais aquele seu sorriso indecifrável, quando o criado lhe contava os extremos de seu marido pela sua criada.

O amor-próprio ferido, o orgulho senhoril aviltado, o desprezo absoluto em que seu marido a tinha, sacrificando a honra de ambos às saudades de uma criada, estas afrontosas vexações ao coração de minha pobre mãe, arrancaram-lhe apenas um sorriso de aparente indiferentismo.

Seria indiferentismo?

Não era, não. Era a resposta mais nobre que uma senhora podia dar. Era a expressão mais leal de um espírito pundonoroso que, ainda na desgraça, recebe com majestade a extrema das vilanias.

A mulher trivial desencadearia uma trovoada de epítetos a seu marido e à sua ignóbil rival. Vomitaria golfadas de maldições sobre o seu algoz; e protestaria vingar-se dele, obrigando-o a corar quando visse sua mulher usurariamente paga de suas infidelidades conjugais.

Tive muitas vezes, no trabalhoso curso da minha vida, ocasião de comparar minha mãe. Cheguei a ser «povo», acreditando na superstição do sangue nobre; mas quem ao depois me desiludia este prestígio eram as mulheres fidalgas, que desciam às iras sórdidas e plebeias se o ciúme lhes azedava o sangue... azul.

O que, em verdade, concluí de todas estas variantes foi que este planeta, organizado por Deus e entregue à administração dos homens, não podia cair em piores mãos.

Mas não vá eu perder-me em abstracções fastidiosas para mim e para os que me lerem estas pungentes reminiscências.

Era à tarde, quando Bernardo voltou. Esperávamo-lo ansiadamente, eu e o padre. Minha mãe, essa parecia indiferente, ou pelo menos resignada não sei para que novos tormentos que de seu marido podiam vir-lhe.

Bernardo contou assim o que presenciara:

– O Sr. Conde às onze horas ergueu-se, e a criada poucos minutos antes veio à cozinha dar ordens para o almoço. Eu fui quem levou o tabuleiro para a antecâmara da moça. O Sr. Conde saiu do quarto, com ela ao seu lado, e parecia muito contente da sua vida. Sentaram-se, e mandaram-me sair. Ao meio-dia tocaram a campainha, e eu fui buscar o tabuleiro. Quando me retirava, chamou-me o fidalgo, e perguntou-me se a Sr^a Condessa já estava a pé. Respondi que não sabia. Mandou-me saber. Não estava má esta! Que havia eu de fazer nestas entalãs? Estive um bocado por ali a passar tempo, e lá quando me pareceu fui-lhe dizer que a Sr^a Condessa não estava no quarto. Perguntou-me ele onde é que estava; respondi-lhe que não sabia. Disse-me que fosse sabê-lo. E vai eu comecei a perguntar aos criados se sabiam onde estava a Sr^a Condessa; respondiam-me que não. Forte novidade! Pudera responderem-me que sim... Tornei ao Sr. Conde, e disse-lhe que ninguém sabia dizer onde estava a senhora. E vai ele fita os olhos espantados em mim e grita como um endiabrado:

»– Quem foi que te chamou outra vez para esta casa? Eu não te tinha mandado

embora?

»Fiquei atordoado com estes gritos, e quase que me ia engasgando!

»– Responde – gritou ele outra vez –, quem foi que te chamou para esta casa?

»– Foi a Sr^a Condessa – respondi eu, com todo o desengano.

»– E onde está essa mulher?

»– Não sei dizer a V. Ex^a

»– Vou-te mandar amarrar, brejeiro, e vergalhar como a um preto, até dizeres onde ela está – disse ele.

»Subiram-me cá uns certos fumos à cabeça. Eu sempre fui homem prudente e temente a Deus; mas, quando me querem chegar ao forro da camisa, não conheço ninguém. Não pude conter cá a raiva, e sempre lhe fui dizendo que não seria fácil amarrarem-me contra a minha vontade; que, se eu estava naquela casa, era porque a dona dela me mandara chamar; o mais que o Sr. Conde podia fazer era mandar-me para a rua, e pagar-me primeiro. O fidalgo pôs-se a olhar para o lado, como quem procurava com que me atirar à cabeça. O que estava mais à mão era uma cadeira, que decerto viria sobre mim, se a Eugénia lhe não agarrasse no braço, dizendo-lhe palavras ternas. Foi o que me valeu a mim, e não sei se lhe diga, Sr^a Condessa, que não foi nada mau para ele; porque, favas contadas, ele a dar-me com a cadeira na cabeça, e eu a procurar-lhe a barriga com uma navalha, Deus me perdoe! A criada levou-o pelo braço para o quarto e fez-me sinal de que me escapasse. Não foi preciso segundo. Fiz a trouxa, e mandei-me mudar, e não trouxe saudades. Ora aqui está o que eu sem.

Minha mãe conservou-se na sua admirável atonia moral, enquanto Bernardo falou. Eu e o padre algumas vezes sorrimos às franquezas de Bernardo, que não poderiam, sem a gíria plebeia, causar vontade de rir. O padre Dinis ofereceu acolhimento em sua casa ao fiel criado; mas nem ele nem minha mãe puderam conseguir que se aproveitasse, visto que não precisavam dele para o trabalho. Aquele amigo leal chorava quando se despedia de nós; e consolava-se com a esperança de ser um dia testemunha da nossa felicidade.

Estávamos, portanto, privados de saber o que se passava em casa do conde de Santa Bárbara. Minha mãe não se mostrava interessada nisso, e parece que se esforçava por afastar semelhante assunto das nossas conversações. Eu estimava muito esta simulada serenidade de seu espírito; mas padre Dinis conhecia melhor do que eu o coração humano, quando disse a minha mãe:

– Eu vou sondar por terceiras pessoas o que se passa em sua casa, Sr^a Condessa. Penso que não poderei saber cousa que mais agrave o seu infortúnio; pelo contrário, é de crer que seja a favor da tranquilidade de V. Ex^a tudo o que se tiver passado.

– A favor da minha tranquilidade!... – interrompeu minha mãe.

Por certo... Não podemos esperar que o conde de Santa Bárbara se converta em um bom marido. Eu estou persuadido disto, se é que a Providência me não desmente com algum milagre. E, enquanto Deus não vier directamente intervir nos negócios dos homens, eu penso que a índole de seu marido há-de ser sempre a índole do seu algoz, e perdoe-me V. Ex^a esta maneira de chamar às cousas pelo seu nome. O que primeiro devemos pedir a Deus é a regeneração desse homem; e, se as nossas orações não bastarem para conseguirmos tal maravilha, devemos pedir que o desvie para longe de uma infeliz senhora, que não deve deixar-se morrer pedindo à justiça divina que a vingue. Um crime menor vai afastar esse homem de um crime maior. Seu marido, abandonando Lisboa para mais livremente saborear os amores da sua criada, deixa a V. Ex^a uma respiração mais livre, um ar mais puro e uma sombra de menos a persegui-la de noite e de dia. O que ele não pode roubar-lhe é a suprema felicidade, que V. Ex^a deve agradecer a Deus, porque é inegável que o mal é uma planta da terra e o bem o orvalho

do céu. Embora esse orvalho nem sempre nos converta os espinhos da mortificação em flores de paciência, devemos agradecer muito ao Altíssimo os pequenos benefícios, que bastam para compensar-nos grandes amarguras. V. Ex^a tem um filho e tem um pai. Este nome quero-o para mim; e, se uma infeliz amiga não desdenha que eu a intitule minha querida filha, há-de seguir os ditames de um homem de cabelos brancos. Mulher que ama seu filho pode dizer ufanamente que o seu coração está cheio de amor. Eu não sei que possa desejar-se na Terra mais suprema felicidade. O amor de mãe, este amor tão santo, este reflexo de ternura de Maria Santíssima, é o vínculo que prende as delícias dos anjos com as raras alegrias da Terra. Que mais quer, Sr^a Condessa? Não tem aqui seu filho?

– Tenho, tenho – exclamou minha mãe, abraçando-me com exaltada veemência –, tenho aqui meu filho, e tenho medo que mo roubem, tenho medo que Deus o chame para junto de seu pai... Oh! Sr. Padre Dinis! Eu sou tão desgraçada, que tremo até de pedir um bem tão simples, como se tivesse a certeza de que não tenho direito às migalhas de felicidade que sobram às mais pobres mães, a essas pobres mulheres que apagam com lágrimas a sede de seus filhos. Pois não vê? Acha que esse homem não fará valer toda a sua autoridade em Lisboa para vir-me arrancar dos braços desta criança? Não sabe, meu querido pai, que este menino é a inocente causa dos meus padecimentos, há tantos anos?

– Sei, sei-o de mais!... – respondeu o padre –, mas Lisboa não é uma aldeia. V. Ex^a viverá em minha casa, desconhecida, como se, em vez de entrar aqui, se afogasse no Tejo, ou fechasse sobre si a lousa de uma sepultura. Quando fosse possível ser descoberta a sua existência em casa do pobre mestre de meninos, V. Ex^a acharia nesta pobre casa os meios necessários para transportar-se com seu filho

a duas mil léguas de Lisboa. A bênção de Deus não desamparou Agar no deserto. A vítima que foge a um sacrifício de morte, que lhe não é necessário para salvar a honra, em toda a parte encontra a mão invisível da Providência a ministrar-lhe o sustento dos que padecem por amor de Justiça.

Minha mãe, ajoelhando aos pés do sacerdote, regava-lhe com lágrimas as mãos.

XI

Padre Dinis dedicara-se exclusivamente a consolar a sua filha adoptiva. A sua conversação era quase sempre o meu futuro. Ninguém, como ele, saberia desenhar tão belas perspectivas. E não sei que toques de certeza os seus quadros tinham! Minha mãe ouvia-lhe aquelas famosas ilusões, e juraria pelas realidades delas, como se o padre fosse um profeta.

Não seria profeta, mas tinha o dom mais sublime do anjo do conforto. Eu, no abatimento escuro em que hoje me vejo, neste abandono mortal a que votei as mentiras da vida, seguiria por toda a parte a um homem cuja linguagem arrojada em visões estranhas pudesse arrebatá-lo o ouvido, já que o espírito não pode tirar dos seus recursos uma ilusão momentânea. Eu queria deparar esse homem, para viver alguns anos das belas quimeras dos seus sonhos, lançar-me fora deste globo em que me vejo cansado em um giro de infortúnio, e acabar de convencer-me que o fantástico é a cousa unicamente boa deste mundo.

Ora o padre Dinis era um homem de suprema inteligência, porque recebera do Céu a imaginação criadora. Uma vez, sentados, à tarde, sob as sombras das faias do quintal, eu e ele e minha mãe tínhamos caído em um silêncio profundo. Padre Dinis estivera longo tempo embevecido nas belezas do horizonte, onde o Sol, como a lava de um vulcão, parecia espirrar línguas de fogo à superfície das águas.

Eu, atraído pela meditação extática do padre, procurava compreender os mistérios que seriam vistos por ele na majestade do Sol, atufando-se nas ondas.

Minha mãe não olhava para o céu, nem para a terra: as suas visões eram lá no interior do seu espírito, onde os nossos olhos não podem penetrar. Com as mãos entrelaçadas e a cabeça pendida sobre elas, minha mãe poderia chorar em segredo, se uma lágrima, escorregando-lhe até aos lábios, não viesse dizer-nos que um grande peso de infortúnio não deixa levantar os olhos para admirar os augustos quadros da criação.

E é assim; porque a desgraça é-me sempre mais intolerável, quando vejo, fora de mim, uma bela natureza, serena como a paz, risonha como a alegria, embalsamada como um jardim cultivado por anjos, e sinto, no meu mundo íntimo, e vejo, no meu panorama de agonia, a desconsolação do passado, as trevas do presente e o terror do futuro. Não sei que alegria insultuosa à minha desgraça vejo aí nessas belezas insensíveis de uma natureza límpida, onde me considero insulado como um traço negro, um proscrito da felicidade!

E talvez que minha mãe pensasse assim naquele tempo em que nós contemplávamos o céu e ela chorava. Talvez que aquela alma varonil descesse então aos abismos de um sofrimento que deveria ser um exclusivo de maldição para os homens de ferro, que não tivessem o direito de exclamar em lances de desesperação: «Compadece-te de mim, ó Deus, que sou teu filho!» Porque este grito, se não é ouvido nos Céus, é o precursor de uma blasfémia, que deve ser ouvida nos Infernos. Porque essas lágrimas de uma criatura que se acha neste mundo a sofrer, neste mundo onde uma força invisível a colocou e abandonou... essas lágrimas, conforme vão caindo em um chão estéril, apagam desse chão os vestígios da Providência.

.....
Estávamos, pois, na situação que descrevi, quando o padre Dinis, descendo os olhos do céu, e fixando-os na face meio escondida de minha mãe, falou assim:

– Esta hora manda recordar; e a recordação é a vida mais grata aos infelizes.

– Decerto! – exclamou minha mãe, erguendo de repente a cabeça e suspirando com desafio.

– Recordaremos, pois – continuou o padre, pousando as mãos entrelaçadas sobre o peito. – Haverá quinze anos... era assim por uma serena tarde de Verão... e lembra-me de um céu azul e de um crepúsculo saudoso, semelhante a este que nos faz reconcentrar, sentir e sofrer.

»Além, por aquela escada, vi descer um homem que me não conhecia... e eu de relance conhecera no ‘grande mundo’. Fui a meio caminho recebê-lo e cumprimentá-lo. Disse-me que, sabendo que eu estava só neste jardim, antes quisera ser aqui recebido, porque tinha a falar-me de coisas inviolavelmente secretas.

»Mandei-o sentar no banco onde agora está a Sr^a Condessa; e eu sentei-me neste ,mesmo banco.

»Devo aqui ceder ao desejo que tenho de ajuntar os traços da figura deste homem, se a reminiscência mos der fielmente.

»Não era alto; era admiravelmente magro. Tinha olhos grandes e negros, e nestes olhos cintilava uma luz inquieta, que revelava um grande alvoroço de espírito. E não era só nos olhos que eu admirava esta volubilidade. Naquele composto de feições, dir-se-ia que a boca era o órgão que menos falava. Por um contraste admirável, a fisionomia deste homem era ao mesmo tempo severa, absorta e tristíssima. O pálido e o descarnado daquele rosto representaria fielmente a paralisia de um cadáver, se a energia exuberante dos olhos lhe não vertesse um como clarão de vida.

»Vestia de preto, como em luto rigoroso; e notava-se um desalinho no seu vestido, se bem que de pronto se conhecia que era o desprezo e não o mau gosto que presidia àquele desarranjo de gravata, de camisa, e até de simetria na abotoadura do casaco.

»Ora eu não pude esquecer-me desta frívola circunstância que menciono, porque tenho sido muito curioso em reparar na maneira como se vestem alguns homens que pretendem distinguir-se na sociedade seja pelo que for.

»Tive sempre para mim que a primeira condição de um homem banal, e sinceramente tolo, é o cuidado com que ele compõe a gola do seu casaco, de modo que não discrepe uma linha do talhe que o seu alfaiate lhe deu. Há aí muita frivolidade nesse espírito, que se considera tanto mais sublime quanto pode manter-se direito entre os colarinhos da camisa e verticalmente equilibrado entre as duas asas do laço da sua gravata.

Minha mãe, por condescendência, talvez, sorriu-se ligeiramente; e eu não pude avaliar competentemente a crítica jocosa de meu mestre. Continuou:

– E, portanto, se me perguntassem que juízo fazia eu da minha visita, antes de ouvi-lo falar, diria de antemão, como um profeta, aquilo que depois me saiu tão ao certo com o meu sistema de julgar do monge pelo hábito.

»Depois dos primeiros cumprimentos, o cavalheiro disse-me quem era. A Sr^a Condessa adivinhou-o já. Este menino não tem precisão de lhe saber o nome: faça de conta que ouve uma lenda fantástica, em que o nome do herói é a palavra menos curiosa do enredo.

Vi que minha mãe empregava dobrada atenção, enquanto o padre continuava:

– Dito o seu nome... inútil para mim... o cavalheiro ficou por alguns momentos silencioso, metendo os dedos por entre os cabelos, que atirava negligentemente para trás das orelhas. Pediu um copo de água, pediu licença de fumar, e alguns minutos de descanso antes de declarar a causa por que viera procurar-me. «Devo parecer-lhe um homem extraordinário!...» disse ele. «Por enquanto», respondi eu, «não vejo em V. Ex^a mais nem menos do que um homem.» «Muito infeliz...», acrescentou ele, tomando o copo de água, e dizendo ao criado que o deixasse ficar.

»Passados os minutos de descanso, o cavalheiro, com voz pouco firme, porém de um timbre insinuante e simpaticamente melancólico, explicou-me a sua vinda da

seguinte maneira:

»– Antes de falar, poderia eu mover a compaixão de V. S^a a meu favor, se pudesse chorar. Não posso... nem jamais poderei. Se eu, ao menos, puder pintar bem a minha situação, e a de uma infeliz menina que não posso resgatar com o meu sangue... terei conseguido da sua caridade o que as lágrimas conseguiriam.

»– Fale sem reserva. Possua-se de que fala com um homem disposto a servi-lo, como se a nossa amizade fosse de muitos anos, como se V. Ex^a viesse pedir ao seu mais querido irmão um grande sacrifício. – Estas palavras reanimaram-no sensivelmente, dando-lhe à expressão uma firmeza de confiança e intimidade.

»– Eu não procurei – disse ele – quem me apresentasse a V. S^a. Não há dificuldades invencíveis para uma dor que não envergonha a pessoa que a sofre. Vim só, e não me arrependo de o ter feito, porque leio no bondoso rosto de V. S^a a tolerância.

»‘Sou um filho segundo, e, portanto, sou um homem pobre. A lei dos caprichos humanos deserdou-me no coração, desde criança, certas inclinações que um homem pobre, um filho segundo, mal pode sufocar, quando está adulto no espírito, e forte na vontade. E já que o filho de um pobre, que não deve a primogenitura a um acaso feliz, é legalmente pobre, parece que a lei, em recompensa, deveria desvelar-se pela sorte desse bastardo de um matrimónio legítimo. E não lhe seria nada penoso o seu desvelo, decretando que o filho segundo de qualquer senhor de vínculos, cujos bens não bastassem à sustentação dos que vierem depois do morgado, fosse conduzido dos braços da parteira a um despejo comum de crianças. A criança cresceria ignorante e ignorada no seu nascimento. Chegada a idade de guardar uns porcos, de alinhar umas botas, ou de esfregar uma sala, o filho segundo do ilustre senhor dos vínculos seria um sapateiro, um criado de servir, um gaiato de praça, e poderia alegremente satisfazer as necessidades da sua condição. Então, sim; a lei seria generosa para o morgado, e generosa para o filho segundo.

»‘Desculpe-me V. S^a destas delongas, cujo valor só eu compreendo, porque não posso desviar a reflexão destas puerilidades, desde que me lançaram em rosto o meu nascimento, como *segundo*, querendo assim convencer-me que não podia aspirar aos nobres estímulos do coração de um *primeiro*.

»‘Era tarde quando mo disseram, Sr. Padre Dinis.

»‘Saí de um colégio aos catorze anos. Oito anos de um amor célebre, desta celebridade que não faz ruído no mundo, mas que devora um ano da existência em cada dia que passa... um amor assim tem sido a minha infância, a minha adolescência e a minha velhice... V. S^a bem vê que a minha aparência é a de um homem que se arrasta nas vizinhanças de um túmulo, como esses vermes esmagados que não acham no ar livre, que respiram os vivos, o alimento e o repouso que têm certo entre os cadáveres.

»‘Encontrei, aos catorze anos, uma dessas mulheres fatídicas, que trazem no seu primeiro olhar de amor a ventura plena ou a desgraça absoluta do homem que encaram.

»‘Era criança como eu, filha segunda como eu, e predestinada como eu para o infortúnio.

»‘Não sei dizer-lhe como vivi pelo amor deste anjo. Foi, primeiro, um sonho sem sobressaltos, uma suave embriaguez do coração sem delírio dos sentidos, um ardentíssimo desejo de felicidade, sem calcular o que devia ser a felicidade para nós. Foi, depois, um acanhamento em nossas revelações, um corar sem motivo quando abaixávamos os olhos um na presença do outro, quando os levantávamos simultaneamente para o céu, como a suplicarmos coragem para podermos ao mesmo tempo soltar a palavra tremenda, a expressão comprimida que devia selar o contrato que mutuamente fazíamos de sermos ambos desgraçados por toda a vida. Foi, por fim, a luta desabrida do coração com a cabeça, da inocência com o cálculo, da santidade das afeições com o

demónio das conveniências sociais.

»‘Este é o enredo da minha tragédia, Sr. Padre Dinis. O que não pode ser contado é aquilo que eu calo, porque não sei como se contam as minhas angústias secretas, nem V. S^a poderia compreender-mas. A serenidade da sua fisionomia assegura-me que eu sou um estrangeiro que lhe fala uma linguagem sem significação para o sacerdote, que verte o mel da religião na taça das agonias cujo travo nunca provou.

»– Eu compreendo-o, senhor.

»Foram as minhas únicas palavras, e ele continuou:

»– No fim de seis anos, este amor abafado pela mão da indignência... da indignência... Não lhe parece bem aviltante, bem ignóbil, esta palavra, Sr. Padre Dinis?

»– Nem ignóbil, nem aviltante... Acho-a exagerada... Seria talvez melhor dizer: a força das circunstâncias...

»– A palavra mais sincera, senhor, é *indignência*. A mulher que eu amava era filha do marquês de Montezelos, e eu era filho do conde de Alvações. E, contudo, quer V. S^a certificar-se da indignência destes dois filhos de duas primeiras famílias de Portugal? Espero que poderei consegui-lo.

»‘No fim de seis anos disse de joelhos a esta mulher que havia no mundo uma situação santificada por Deus, e concedida às almas que a sociedade não podia desligar. Disse-lhe que fosse minha esposa, que me deixasse colher as flores que nossas lágrimas regaram, que me deixasse buscar na sua vida uma protecção que eu, sozinho, não podia dar-me contra os combates de uma morte prematura.

»‘Recebeu-me com lágrimas de alegria. Disse-me que já fizera juramento a Deus de pertencer-me em alma e corpo, na vida e na morte. Falou, como eu nunca a ouvira, contra a prepotência de uma sociedade que ousara segredar-lhe as inconveniências da sua afeição por um homem filho segundo como ela. Pediu-me, porém, que fosse seu amigo, respeitando essa mesma sociedade que a condenava.

»‘Compreendi-a.

»‘No dia imediato pedi ao marquês de Montezelos que me ouvisse por alguns minutos. Respondeu-me estas palavras, que me foram gravadas com fogo no coração: ‘Para evitar-lhe o embaraço de pedir-me minha filha, previno-o que não deve instar por que eu o ouça esses minutos. Eu só dou minha filha ao homem que me prove que é tão nobre como ela. A esta condição satisfaria V. Ex^a; mas eu só dou minha filha ao homem que, além de nobre, possa provar-me que é bastante rico para fazer que ela não tenha nunca saudades da opulência com que foi criada. Minha filha é pobre; V. Ex^a é pobre; e nem eu nem o conde de Alvações podemos criar para nossos filhos segundos um estado que envergonhe os primeiros.

»‘Eu não sei se baluciei algumas palavras que ferissem a susceptibilidade do marquês; é certo, porém, que me voltou as costas, dizendo-me ‘que espaçasse quanto me fosse possível as visitas a sua casa, para evitarmos ambos o dissabor de dar e receber uma ordem de proibição completa’.

»‘Senti-me vexado e corrido: envergonhei-me de mim mesmo, e cheguei quase a persuadir-me da ousadia que acabava de praticar, dirigindo-me ao pai de uma mulher a cujos olhos eu queria valer muito... e o pai dessa mulher acabava de lembrar-me que eu era um homem pobre, e desprezível como um vilão! -

»‘O orgulho, em homem pobre, é uma paixão terrível. No rico expande-se em pompas, que deslumbram os seus inimigos. No outro respira pela vingança surda, quando o não devora lentamente.

»‘Lembrou-me a vingança sórdida, a vingança, não direi de um plebeu, porque os fidalgos não se vingam com mais cavalheirismo, mas de um homem corrompido, que satisfaz os baixos instintos da sua alma fazendo subir o rubor da vergonha à cara de um

pai que primeiro o envergonhara a ele.

»‘Esta luta do orgulho com a desonra não durou muito. Venceu o orgulho, mas o orgulho da probidade e da virtude, meu único património.

»‘Chorei muito, Sr. Padre Dinis, tanto por mim como por ela. Por ela, coitadinha, que contava as horas, e via soar a última do dia, sem que eu chegasse a consolá-la com uma esperança mentirosa daquelas mil que um homem inventa quando quer consolar uma mulher que as decepções não gastaram de todo.

»‘Eu fora doente desde o berço, e por mais de uma vez, durante a minha vida de colégio, estive perigosamente enfermo. Não poderia alguém dizer qual seria a minha morte; mas eu sim, porque lhe conhecia os progressos por minutos. Morrer de tristeza aos dez, ou aos doze anos, parecia uma fantasia de romance, mas é verdade que eu não podia classificar as minhas doenças com outro diagnóstico. A consumpção rápida e sombria, que me fora na infância o prelúdio desta morte que hoje sinto matar-me, foi acelerada pelo golpe que recebi da única mão que podia dar-mo. O pai daquele anjo convertera-se em um espectro torvo, que nem o reflexo do amor da filha podia desassombrar. Mas este rancor era inofensivo. Nem eu tinha alma para o mal, nem o coração me pedia o sangue de quem me fazia verter lágrimas tão amargas de desesperança

»‘Esperança... tinha uma, mas era ainda uma mentira instantânea... Lembrava-me a América, onde há muito ouro, onde se conquistam grandes posições na Europa, onde se trafica com o género humano e donde se parte depois a tirar um diploma de homem honesto em Portugal. Lembrou-me, pois, fugir a meu pai, com a ideia da minha pobreza gravada sempre na consciência, para que não houvesse trabalho grosseiro e baixo que me repugnasse, nem escrúpulo de honra que resistisse à minha fome de riqueza. Era necessário que a sociedade me indemnizasse do património que me tinha roubado com a sua lei dos morgados; e, visto que eu não tinha lei para contrapor à lei, premeditava entrar na conquista da minha propriedade usurpada com as armas, mais ou menos astuciosas, da desonra.

»‘Conheci que esta contrariedade à minha generosa paixão me fizera no espírito um grande estrago. Senti-me corroído pelo cancro da ambição, e perdoei a muitos imorais, cuja causa de perversão me não era conhecida. Vi que bem pouco basta para a desmoralização do mais bem organizado espírito. A imagem dessa inocente menina transparecia luminosa na escuridade dos meus projectos sequiosos de ouro. Como o anjo da serenidade, parecia-me ouvi-la repreender-me a luta de perspectiva ambiciosa em que a minha esperança se empenhara. A recordação da minha passada independência, e do indiferentismo com que via o fausto dos ricos, servia-me de padrão para avaliar a riqueza de virtudes que minha alma perdera.

»‘Era chegado o tempo da minha partida, três meses depois que fora urbanamente despedido de casa do marquês de Montezelos.

»‘Os aprestos de viagem não me davam cuidado, nem eu poderia tratá-los sem ser descoberto o meu plano.

»‘Até à véspera do dia em que havia de partir, não tivera nem procurara notícia alguma da minha infeliz companheira de infortúnio. Passei a maior parte do tempo em uma quinta de meu irmão, a sete léguas de Lisboa. Quando procurei aquele refúgio, ambicionava morrer na mesma casa onde vira Ângela, na mesma quinta onde este infeliz amor nascera belo e desassombrado, como as flores que lá colhíamos, e que falavam de nossos amores ainda mais que nós.

»‘E, demais, desde muito criança tivera eu um pressentimento, quando orava ajoelhado diante do jazigo de meus avós, que está na capela da quinta. O pressentimento dizia-me que eu iria, muito cedo, pousar a face, ainda viçosa de infância, sobre as

ossadas daqueles que tinham passado no mundo mais felizes que eu. E nunca este abalo profético me esqueceu. Quando, nas minhas enfermidades, me sentia perigar, pedia que me levassem para a quinta, onde muitas vezes convalesci com um verdadeiro pesar de não sucumbir.

»‘Foi daí que eu escrevi algumas linhas à filha do marquês de Montezelos. Meu próprio irmão, que não sabia as minhas tenções, encarregou-se do bilhete. Era muito pouco o que lhe dizia. Pedia-lhe coragem e esperança. Pedia-lhe compaixão e lealdade. Pedia-lhe segredo e condescendência na minha partida.

»‘Meu irmão foi o portador da resposta. Era também muito simples.

»‘Consentia que eu partisse, mas impunha-se uma condição, que devia cumprir no momento da minha saída: o seu suicídio.

»‘Lendo este escrito, perturbei-me, e busquei amparar-me nos braços de meu irmão, que me pediu o segredo daquele escrito.

»‘Não lho confiei. Perguntei-lhe se a vira. Respondeu-me que sim, e no estado em que a vira receava não poder mais vê-la, porque não podia viver-se muito tempo assim.

»‘As minhas ambições morreram neste momento. A generosa dor do coração venceu os cálculos egoístas da cabeça. Rapidamente compreendi que o meu plano era um crime, e o silêncio daquela infeliz, durante três meses, uma violência que seu pai lhe fazia. Doeu-me o coração e envergonhei-me de mim próprio, comparando as nossas situações. Ela morria no silêncio da sua saudade, violentada pelo pai; eu abandonava-a, buscando espairar livremente as mágoas do meu amor infeliz na conquista do ouro. Senti então necessidade de pedir-lhe perdão de joelhos; queria explicar-lhe com razões persuasivas o nobre incentivo que me fazia abandonar a Pátria, para mais tarde realizar as santas esperanças do meu amor. E entenderia ela as minhas razões, se eu lhas desse? Não lhe seria uma linguagem nova a do homem que vai esterilizar o coração no amor do dinheiro, para depois lho oferecer, combatido pela úlcera das mercancias ambiciosas? E, se ela chegasse a compreender-me, não lhe seria bem aviltante esse ouro que eu ia granjear, para depois poder arrematá-la em leilão vergonhoso?

»‘Estas interrogações que eu fazia à minha consciência, se as fizesse a qualquer amigo meu dos que proferem todos os dias o epitáfio da virtude morta na Terra, fá-los iam naturalmente rir. Que importa à mulher o processo de que te serviste para enriquecer o trono em que a sentaste? – diz uma certa filosofia sórdida, que se afadiga em rebaixar a humanidade ao mais raso lamaçal do sensualismo. Importa muito, creio eu; importa muito, quando a mulher, no momento de ser deixada pelo homem que vai merecê-la, ganhando uma posição, que só o dinheiro pode dar-lhe, consente a partida desse homem, e impõe-se corajosamente a condicional do suicídio. Ora esta mulher, em vez do trono, quer um túmulo.

»– E seria capaz de cumprir a condição? – perguntei eu.

»– Não tenho a certeza; bem sabe V. S^a que não posso responder-lhe.

»– Essa menina não teve educação religiosa?

»– Penso que teve: sua mãe susteve-se, até ao extremo do longo martírio da sua vida, ajoelhada aos pés da cruz; é impossível que não tivesse nos braços a sua querida filha. Faz-me essa pergunta porque não pode combinar a religião com o suicídio?

»– É verdade.

»– Eu tenho a mesma dificuldade em combinar a extrema desgraça com a resignação religiosa. Penaliza muito não vingar uma esperança das que o Criador plantou no coração, e que espontaneamente aí nasceram. Uma inclinação virtuosa é contrariada; as mais inocentes tendências do espírito são punidas pela mão da sociedade, que as sufoca; é-se desgraçado sem ser-se criminoso. Quer V. S^a que o espírito, assim calcado e repellido das suas generosas aspirações, possa levantar-se para

Deus, e transigir amigavelmente com a dor?

»– Eu não quero, senhor, mas aconselho os desgraçados que procurem em Deus a consolação que não acham nos homens.

»– Não ampliemos esta questão, Sr. Padre Dinis, que vai muito fora do nosso assunto. Perdoe-me V. S^a, mas eu fujo de argumentações religiosas, porque sou muito desgraçado. Se fosse feliz, talvez não as evitasse... seria mesmo um crente de convicções, porque não há nada mais belo que a gratidão, e eu queria ser reconhecido ao supremo espírito, protector da minha felicidade. Assim, convencido que o mal é todo da Terra, e Deus não pode ser mau, não sei pedir a Deus consolações dos males que os homens me fazem... seria aproximá-los muito... seria talvez uma oração blasfema...

»– Respeito agora a sua dor – repliquei eu –, mas não respeitarei a sua opinião, quando lhe conhecer mais serenidade de espírito.

»– Escrevi logo a Ângela, dei a carta a meu irmão, pedindo-lhe que me não obrigasse a fazê-lo meu intimo confidente do que decorrera nos meus amores com aquela menina. Assegurei à pobre inocentinha que não daria um passo contra sua vontade. Pedi-lhe que dominasse as minhas acções e os meus pensamentos; que marcasse o meu destino; que suavizasse o seu sofrimento, impondo-me a doce obrigação de sofrer com ela.

»‘Estas palavras foram o orvalho do céu na florinha que as lágrimas de mãe já não podiam reverdecer. Ângela era um instrumento do egoísmo de seu pai. O marquês de Montezelos conhecia os sofrimentos da filha; mas encarava-os apazivelmente, reputando-os uma febre passageira, uma crise que devia salvá-la desse amor inconveniente.

»‘Meu irmão, sem que eu o autorizasse, lembrou ao marquês que não seria prudente estalar com tanta violência os vínculos inocentes que a mão da infância atara em dois corações. Pintou-lhe o meu estado não menos perigoso que o de sua filha, e acabou por suplicar-lhe que nos deixasse encontrar algumas vezes, até que a razão operasse lentamente sobre o espírito.

»‘O marquês recebeu mal as reflexões de meu irmão, e chegou a irritá-lo no seu pundonor, lançando-lhe em rosto que o conde de Alvações representava um triste papel tomando sobre si uma comissão que o não honrava nada...

»‘Mas as cartas de Ângela recebi-as sempre; era ainda meu irmão que, por terceira pessoa, me proporcionava seguros meios de recebê-las. Dizia ele que não queria levar mais adiante a sua vingança.

»‘Ângela, revivendo pela esperança, justificou as presunções do pai. Supunha ele que sua filha, descoroçoada, se esqueceria; e, esquecida, lisonjearia os seus orgulhosos cálculos.

»‘E, efectivamente, a aparência jubilosa de Ângela não poderia traduzir-se de outra maneira. Restituída, portanto, à sua plena liberdade, a pobre criança no coração não calculou os perigos que devia vencer se a paixão lhe pedisse sacrifícios que ela não reputava *sacrifícios*. Esta palavra não tem a mesma significação entre duas mulheres, uma das quais considera o amor um contrato em que se estipulam reservas, que dão ao corpo um preço infinitamente superior à alma, e outra que, reconcentrada no espiritualismo das suas afeições, não sabe que os voos da alma devem ser reprimidos pelas leis do decoro, que versam todas sobre a matéria, e não têm nada com o espírito. Esta mulher é inocente; a outra é a que não tem nada a perder, mas inventa diariamente sacrifícios novos.

»‘Ângela, sem que eu lhe instasse, permitiu-me entrada em sua casa. Desde o momento que pude a sós com ela enxugar-lhe as lágrimas, quatro meses represadas, intitulei-a minha irmã. Contei-lhe os meus passados projectos de riqueza, fantasiei-lhe

um belo futuro, comprado com ouro, visto que uma terceira pessoa queria fazer um contrato do nosso amor. Não me perdoava tal pensamento, por mais colorido de felicidade que lho apresentasse. Falava-me na deliciosa existência que tínhamos em um deserto, ainda que não tivéssemos mais alimento que o nosso amor. Voejava por esses mundos infantis onde eu já não podia despersuadi-la do grande preço do dinheiro aplicado às mais subtis idealidades do coração.

»‘O que me fazia dobradamente feliz junto dela era a esperança de alcançar um dia em Portugal uma posição que me desse em nobreza *real* o que me sobrava em nobreza *imaginária*. O filho segundo do conde de Alvações valia menos que o filho do merceeiro, que entra em casa do fidalgo, dota-lhe uma filha para que lhe dê a outra, e edifica um palácio, onde amanhã mandará insculpir um brasão de armas, se essa loucura lhe apetercer.

»‘Quatro meses, não interrompidos em alguma de suas noites, visitei Ângela, sem causar suspeitas. Este remanso de felicidade inexprimível, depois de muitas agonias, não foi perturbado, enquanto a candura fraternal santificou as nossas puras entrevistas.

»‘O anjo da inocência abandonara-nos, quando a voz impetuosa da paixão falou mais alto que o tímido balbuciar daquele sereno desejo de um Céu que a Terra não realiza a duas almas que lho pedem, idealmente apaixonadas.

»‘O anjo da inocência abandonara-nos; e eu conheci então que o mal é sempre punido pelas suas próprias consequências, embora tardias.

»‘Em uma dessas noites, ao dar as duas horas, procurava eu, escondido contra o muro do quintal de Ângela, o sinal que, por um costume inalterado, me animava sempre a subir sem receio.

»‘Esse sinal não aparecia. Demorei-me alguns minutos, conjecturando o que poderia ter acontecido, com os olhos pregados no ponto em que, a cada instante, esperava ver assomar o vulto de Ângela.

»‘Vi, com efeito, levantar-se uma cabeça em um outro ponto do muro. Estremeci. Vi, ao lado desta, dois vultos a meio corpo: quis esconder-me; era tarde. Ouvi a detonação de algumas armas de fogo. O relampaguear da escorva cegou-me, e uma nuvem cerrada dos vapores da pólvora pôs-me os sentidos na perturbação em que tinha o entendimento.

»‘Senti duas ligeiras dores, que aumentavam progressivamente: uma no braço direito e outra no ombro. Vi que estava ferido. Dera uns poucos de passos maquinalmente, quando me cercaram patrulhas de policia. Perguntaram-me que estrondo de tiros fora aquele em um beco sem passagem.

»‘Balbuciei na resposta, e prenderam-me como suspeito.

»‘Levado ao corpo da guarda, fui interrogado, mas já não pude responder. Tinha perdido muito sangue, senti banhar-se-me o rosto de um suor frio, e perdi completamente os sentidos.

»‘Esta síncope foi momentânea. O comandante da guarda era um homem delicado, e casualmente filho de um brigadeiro que frequentava a nossa casa. Não foi preciso eu dar-lhe explicações da minha aventura: conheceu o melindre do acontecimento e acompanhou-me a uma botica para eu ser curado.

»‘A ferida do braço procedia de quatro balotes, era de fácil cura; mas a bala que me penetrara o ombro, e me fizera estragos no peito, era mortal.

»‘O meu primeiro impulso, quando cheguei a casa, foi ajoelhar aos pés de meu pai e de meus irmãos, pedindo-lhes inviolável segredo daquele acontecimento. Eu, da minha parte, não disse uma só palavra que denunciasse o lugar onde fora ferido e a razão por que o fora.

»‘Nos primeiros dias, nenhum médico afiançou a minha vida. Eu tinha a coragem

de perguntar se eram mortais aqueles ferimentos, e a resposta que alcançava da minha família eram lágrimas.

»‘O segredo daquele acontecimento devia morrer comigo. Resisti às carinhosas perguntas de meu pai, e cheguei a negar a meu irmão a verdade, que ele devia suportar sem grande custo. Um e outro, insinuados pelo médico, não me afligiam com as suas instâncias, nem permitiam que alguém de casa me fizesse perguntas.

»‘Mas eu sofria o que há de mais terrível na escala do martírio. Não eram as dores físicas, nem o pavor da morte. A sorte de Ângela era um segredo que me despedaçava. Custava-me a reprimir nos lábios aquele nome; precisava de proferi-lo com um grito de aflição, como a súplica do moribundo que pede uma gota de água, como o brado de socorro à Providência, quando não há forças humanas que salvem o desgraçado de um abismo em que se sente escorregar.

»‘Era impossível vencer-me. Chamei meu irmão à cabeceira do leito, pedi-lhe a compaixão que reclama um agonizante. Conte-lhe a cena dos tiros. Atalhei os assomos de cólera que o inflamavam suplicando-lhe prudência para salvarmos a infeliz, se fosse ainda tempo. Abri-lhe todo o meu coração: solucei, confessando-lhe as minhas culpas, que nem uma paixão violenta poderia absolver-me...

»‘Ouvir-me com indulgência e reanimou-me com palavras unguidas de um sincero amor de irmão. Perguntou-me o que eu queria da sua amizade. Respondi-lhe que se informasse de Ângela e a tomasse debaixo da sua protecção, se a encontrasse desamparada.

»‘Meu irmão revelou-me que, dois dias depois de meu ferimento, fora ele, já suspeito, a casa do marquês de Montezelos. Achara franca entrada no quarto do marquês, onde fora encontrá-lo encostado a uma banca, sobre a qual estava um par de pistolas em postura que designava prevenção. Disse-me que o vira empalidecer, apenas entrara, e fora friamente recebido. Acrescentou que contara ao marquês o acontecimento dos tiros, e nem por isso lhe movera grande curiosidade em querer saber as especialidades do sucesso. E de tudo isto combinado concluía ele que eu fora ferido em casa do marquês.

»– E Ângela? – perguntei eu.

»– Ângela não a vi, nem perguntai por ela ao pai. Demorei-me alguns minutos, e, quando saía, perguntei ao guarda-portão se a menina saíra a visitas; disse-me que sim, há dois dias, e não voltara, nem talvez voltaria. Quis saber pormenores, e nada colhi: falei-lhe em uns tiros que se ouviram por aqueles sítios, respondeu-me que eram novidade para ele.

»‘Fiquei, portanto, sabendo que Ângela não estava em casa. Senti-me arder em febre.

»‘O diálogo com meu irmão foi interrompido por uma carta dirigida ao conde de Alvações. O sinete eram as armas do marquês de Montezelos. Meu pai não estava em casa; e meu irmão, suposto usasse daquele título, reconheceu que a carta era dirigida ao pai, e não a ele.

»– Mas – reflectiu ele –, talvez que esta carta contenha toda esta história...

»– É preciso que o pai a não veja... – atalhei eu sobressaltado.

»– Mas – replicou meu irmão –, é falta de respeito abri-la... »– Bem o sei; mas eu nunca falei ao respeito a meu pai: será esta a primeira e última vez. Dir-lhe-ei que fui eu, quando venha a saber que o marquês lhe escreveu

»‘E freneticamente lancei mão da carta; abri-a; quis lê-la, não pude, porque de súbito se me embaciaram os olhos de um véu que parecia lançado entre mim e a vida.

»‘Meu irmão foi quem leu essa carta... Ei-la aqui... Tenha V. S^a a paciência para ouvi-la:

Sr. Conde.

Os tempos mudaram, e as desafrontas cavalheirosas foram-se com o tempo da honra. Meu avô, se tivesse uma filha, e o pai de V. Ex^a viesse a casa requerer-lha contra sua vontade, intimava-o para não mais transpor o limiar do seu palácio; e, se seu pai insistisse descaradamente no seu plano, encontraria uma espada das que os marqueses de Montezelos experimentavam no campo das batalhas. Mudaram, porém, os tempos. A traição de um degenerado fidalgo de hoje pune-se com um tiro, quando o atraído não quer confiar ao seu laçao o encargo do castigo. E demais um chicote não castiga um homem sem brio: é preciso puni-lo com instrumento que lhe doa. Dito isto, tenho explicada a razão por que mandei disparar alguns tiros sobre seu filho, como quem se quer livrar de um salteador que lhe escala os muros do seu jardim.

Seu filho foi mais feliz que a pontaria das minhas armas. Não se persuada que eu, matando-o, faria mistério desse atentado. Não, Sr. Conde. Eu tencionava que o cadáver de seu filho fosse conduzido a casa de seu pai em uma padiola; e nas mãos desse cadáver acharia V. Ex^a a história póstuma de seu filho, já que ele não podia contar-lha com os lábios mortos.

Tenho uma filha, a cuja posse ninguém tem direito sem meu consentimento. Ora seu filho quis cuspir-me no rosto, provando-me que os direitos de um pai não podem competir com a audácia de um amante. Enganou-se, e, se viver, pode aproveitar muito da lição que lhe dei.

Também tenho a certeza de que essa filha está pura de toda a mácula com que podiam sujá-la os amores de seu filho; e, a não ter esta certeza, nem o sedutor me fugiria no leito da doença, nem-minha filha sobreviveria à sua desonra. As minhas nódoas costume lavá-las com o meu próprio sangue. O corpo maculado de minha filha estaria, a esta hora, envolto em uma mortalha.

O fim primário desta carta está cumprido.

Não preciso dizer-lhe que ainda tenho outro. Todavia, é boa toda a clareza, para evitarmos consequências funestas. Não consinta que nenhuma pessoa de sua família pise os tijolos do meu pátio.

Marquês de Montezelos.

»‘Eu compreendi muito pouco desta injuriosa carta, quando ouvi lê-la. Meu irmão eliminava metade das palavras e transtornava o sentido de algumas destas frases insolentes, que por aqui desmentem bastante a vergonha de quem as escreveu. Todo o meu empenho foi pedir a meu irmão que ocultasse de meu pai semelhante insulto, avisando-o por qualquer pretexto para que não fosse eventualmente a casa do marquês.

»‘Todas estas precauções eram pueris. O marquês de Montezelos gloriara-se do feito que praticou, e era ele o pregoeiro da sua glória. Contava do drama a cena que mais lhe convinha: dizia que seguira muito de perto os amores de sua filha; e quando soubera que, *pela primeira vez*, eu conseguira uma entrevista no quintal, às duas horas da noite, fora ele quem me quisera receber com descargas, segundo a pragmática devida a pessoas reais. O marquês ajuntava a isto a sua gargalhada cínica e recebia os emboras de seus amigos, que vinham depois escarnecê-lo com os meus.

»‘E, portanto, meu pai, quando entrou em casa, vinha senhor de todos os

acontecimentos, segundo a exposição do marquês.

»‘A sós comigo, o honrado velho tocou-me no caso, com todo o melindre. Perguntou-me se eu queria tirar alguma desforra judicial daquela tentativa de assassínio. Respondi-lhe energicamente que não; e meu pai recebeu-me com um abraço a imperiosa negativa que lhe dei.

»– ‘Queres, portanto – disse ele –, uma desforra de homem para homem?’

»‘Calei-me: parece-me que senti a mão de Ângela apertar-me os lábios e aquietar-me os sobressaltos do coração.

»‘E Ângela? – perguntei eu, quando ele esperava uma resposta à sua pergunta; mas, de repente, conheci a indiscrição em que me precipitara. O silêncio de meu pai confirmou este receio.

»‘Perdoe-me – lhe disse eu –, esqueci-me que falava com meu pai... vi só um amigo... não me enganei... que o é...

»‘A vinda de meu irmão veio mudar o estado violento em que meu pai me punha, involuntariamente. Eu tinha pejo de o trazer a uma prática deste género, em que a intervenção de um pai é sempre ridícula.

»‘Meu irmão, a meia voz, disse-me que o pai sabia tudo, menos o conteúdo da carta; perguntei-lhe por Ângela; respondeu-me com uma só palavra: convento.

»‘Esta única palavra, Sr. Padre Dinis, teve em mim a influência de um raio. Tudo o que há de mais aflitivo veio excruciar-me no coração angústias que deviam matar-me, se eu não estivesse reservado para maiores provações.

»– Mas porquê? – interroguei eu. – Parece que V. Ex^a devia estimar de preferência que essa menina entrasse em um convento. Onde podia tê-la com mais segurança, e com mais liberdade, ao menos de chorar?

»– Liberdade de chorar, Sr. Padre Dinis, mas chorar lágrimas de vergonha, quando tiver de ser expulsa do convento onde está, para vestir a mortalha que seu pai lhe promete na carta que acabei de ler...

»– Essa menina entrou como noviça ou como secular?

»– Como secular.

»– Há, portanto, um desgraçado segredo entre V. Ex^a e ela...

»– Um desgraçado segredo, que brevemente será a infâmia e desonra de ambos nós. Deus não quis que eu morresse das balas, para me ver punido pelo flagelo das minhas paixões, que tão nobres principiaram, e tão vilipendiosas a sociedade mas tornou.

»– Que posso eu fazer-lhe, senhor?

»– Muito... uma grande esmola... pode salvá-la.

»– Como? Não se acanhe... fale com a certeza de ser servido.

»– Ângela está no convento de Nazaré¹.

»– Em Nazaré?

»– Onde V. S^a tem uma irmã secular, que é o anjo de amor da minha querida Ângela.

»– Tenho, sim, tenho, e portanto vamos salvar essa menina.

»A radiante alegria com que eu disse estas palavras consoladoras ao nobre moço transportou-o a meus braços na veemência do seu desafogo. Eram sublimes de reconhecimento as lágrimas que acompanhavam as suas palavras agradecidas! Não o deixei ajoelhar-se, mas não pude suster que me beijasse as mãos, onde os seus lábios soluçavam essas palavras que me fizeram chorar: ‘Ângela, a infeliz arrancada à desonra, há-de também beijar esta mão!’

¹ Não existe tal convento em Lisboa. Nazaré é um pseudónimo.

De repente, minha mãe, com o delírio nos olhos, com os cabelos eriçados, com o rubor da febre incendiado nas faces, ergue-se do banco em que estava, corre aos pés do padre, ajoelha, beija-lhe freneticamente a mão, sustém com um braço a cintura dele, que quer levantar-se, e exclama com uma voz forte e vibrante de entusiasmo:

– Sim, sim, a desgraçada Ângela, a infeliz arrancada à desonra, cumpriu a profecia do anjo que anunciara estes beijos, antes de partir deste mundo!

E voltando-se para mim:

– Meu filho, ajoelha também, que ouviste da boca do teu salvador, do salvador de tua mãe, a tua história, a história dos transe amargurados que precederam a tua entrada no mundo!

Ajoelhei.

A minha cabeça estava perdida nas visões daquele sonho! Eu ouvira a história de duas pessoas que se amavam com um amor muito feliz. Não compreendera algumas palavras que o padre dissera, falando da desonra de minha mãe, das suas lágrimas vergonhosas e do seu anjo de inocência fugido... Seriam essas palavras que eu não entendi a significação do meu nascimento? Eram: não consultei alguém para sabê-lo. Iluminou-se-me de improviso o entendimento, e compreendi em um relance de vista íntima o resto da história de minha mãe. Os que me lerem, porém, precisam que lha diga, porque o coração de um estranho não é o coração de um filho.

O padre, comovido e fatigado, tomou minha mãe pelo braço e conduziu-a ao seu quarto.

Atravessámos um corredor, quando D. Antónia nos saía ao encontro.

Já eram horas, disse ela.

– O ar da noite não é bom aos saudáveis, quanto mais aos doentes... Que tem, minha filha? Está tão desmaiada!

E minha mãe, abraçando-a com muita ternura, murmurou:

– Venho de ouvir a história de Nazaré...

– Para que falam nessas coisas? – replicou D. Antónia.

– É para que meu filho saiba beijar as mãos da secular que foi, em Nazaré, o anjo de amor de sua mãe.

D. Antónia não consentiu que eu cumprisse a vontade de minha mãe e os estímulos do meu coração. Abraçou-me, chorando, e fez sorrir a todos, porque teimava em querer tomar-me ao colo, sendo eu quase da sua altura.

XII

Depois destas revelações, senti necessidade de outras. O meu nascimento, a morte de meu pai, o casamento de minha mãe com o conde de Santa Bárbara, eram factos que eu não podia explicar-me, nem me sentia com o desembaraço de pedir explicações. O pudor tem um instinto que adivinha, não os segredos, mas o embaraço da pessoa que pode contá-los. Não obstante o desenvolvimento prematuro do meu espírito, eu olhava para mim, e via-me rapaz de catorze anos. Nesta idade parecia-me temeridade, e falta de respeito, interrogar o padre acerca de segredos de minha mãe, particularmente aqueles que a sua linguagem soube colorir de um toque misterioso para mim.

Mas as circunstâncias do meu nascimento dispensava-as eu. O que eu queria era a história de meu pai, cujas feições, desenhadas pelo padre, eu retivera na fantasia, profundas e salientes, como se as tivesse beijado mil vezes.

No dia seguinte, enquanto o mestre procurava satisfazer a missão que se impusera de observar os passos do conde de Santa Bárbara, entrei no quarto de minha mãe, depois que de balde a esperei no jardim.

Os seus padecimentos, adormecidos em um torpor de aparente felicidade, tinha-os acordado a comoção da véspera. Minha mãe recebeu-me com alegria, se assim pode chamar-se ao passageiro sorriso que bruxuleia a face pálida de uma luz pálida também. Poderei dizer que essa luz era o crepúsculo da eternidade que amanhecia para minha mãe? Era, era.

– Sente-se hoje pior, minha querida mãe? – perguntei eu, beijando-lhe as faces, que escaldavam.

– Pior não, meu filho: o mesmo, sempre o mesmo. Há quinze anos que não sinto alteração nos meus padecimentos... E tu? Dormiste bem?

– Eu não dormi; cismeï toda a noite... como havia eu de dormir? Aquela história deixou-me tão triste...

– Triste!... Porquê?

– Minha mãe sofreu muito, e meu pai...

– Foi feliz...

– Feliz?! Eu pensava que não podia sê-lo.

– Pois não foi, meu filho? Teu pai não sabes que morreu já?

– Sei, minha mãe.

– Pois que melhor ventura lhe deseavas tu? Não imaginas quanto é bom morrer quando se é desgraçado e virtuoso! Não tens ouvido dizer ao teu mestre que a peregrinação trabalhosa neste mundo é o caminho suave do Céu? Teu pai morreu como vivera, meu filho foi um justo, que pede talvez neste instante ao Senhor o espírito de tua mãe

– E será verdade que eu hei-de vê-lo um dia?

– É, meu filho... e, se não fosse, qual seria a bem-aventurança dos que se salvam? Deus permite neste mundo a ligação de duas almas, que nunca mais se desligam... Ah!, meu filho!, se me compreendesses... se eu pudesse dizer ao teu entendimento os formosos sonhos do meu coração... Quem sabe? Talvez eu seja compreendida!... Olha, meu querido anjo, a nossa alma é imortal, e os sentimentos divinos que ela tem são imortais como ela. Tudo o que sentimos sublime e santo pertence a Deus; tudo o que sentimos rasteiro e vil pertence à Terra. O que é da Terra, na Terra se consome: mas o que é de Deus pertence à glória, entra no seio da eternidade, porque Deus é infinito. Aquele santo amor com que amei teu pai, esta santa saudade com que o procuro há catorze anos em um mundo melhor, é a respiração da minha alma, é a vida do meu

coração, é a chama imortal do meu espírito, que não pode nunca extinguir-se, nem pode satisfazer as suas ânsias sem entrar no seio de Deus a unir-se com a parte da existência que me levou... Espera, meu filho

Minha mãe tomou um lenço, onde salivou sangue, e enxugou as lágrimas. Repetindo hoje o que então Lhe ouvi, vejo confirmada a opinião dos que reputam extraordinariamente subtil a inteligência do tísico. Minha mãe, falando comigo, fixava olhos imóveis no céu, como se buscasse, acima da humanidade, espíritos aéreos que a compreendessem. Era tragicamente sublime o rasgo de inspiração que Lhe iluminava o rosto de uma auréola, como esse toque de luz que admiramos nos retratos das mártires, a expirarem sob o alfange, e a saudarem a miríade dos anjos que Lhes acenavam do Céu.

Quando me disse «Espera, meu filho...», talvez uma visão inexprimível em língua humana Lhe arrebatasse o espírito! Talvez o anjo das suas saudades, com a fronte engrinaldada das flores do Céu, Lhe mostrasse a coroa triunfante do seu martírio! Minha mãe, absorta em uma adoração, qual o estatuário imprime no mármore das virgens cristãs, estendia o braço esquerdo na direcção da minha boca, como impondo-me silêncio. Com ambas as mãos aproximei a sua aos lábios; e duas vezes a chamei, sem responder-me.

Passaram-se minutos. Eu esperava que minha mãe caísse desfalecida, quando descesse daquele doloroso enlevo de espírito. Não foi assim. Espantei-me quando a vi passar daquele arroubamento à vivacidade com que há pouco me revelava as suas convicções sobre a imortalidade do espírito. Não se deu a mais ligeira transição, a não ser o movimento de feições, que pareciam petrificadas. Dir-se-ia que o hálito criador soprara de improviso nos lábios da estátua o espírito de vida, a harmonia da palavra, afinada pela música dos anjos que seus ouvidos recebiam.

Foram estas as suas palavras:

– Pouco importa, meu filho, uma flor sem seiva, em um jarro de cristal... A pobrezinha não respira o ar dos cortinados e dos festões dourados. Tiraram-lhe o seu céu, o seu orvalho matinal, o seu beijo da viração e o mórbido clarão da Lua, que a namorava no silêncio da noite. A mim não me deixaram o seio onde eu pousava a minha face... Era o meu único arrimo... fiquei desamparada... cai sobre a minha sepultura, onde me arrasto, há quinze anos, até que o anjo da morte me diga «Entra no seio do teu esposo...» Meu filho, tu não podes mandar ao morto que se levante, não podes dizer às folhas espalhadas de uma rosa que floresçam, não podes encher de vida o coração de tua mãe... Ficarás sem mim bem cedo. Verás então o que é a viuvez de todas as esperanças neste mundo... Desejarás a morte... hás-de pedi-la a Deus, como os felizes do mundo Lhe pedem a vida... Es uma criança, terás uma época de criança, quando o homem te chamar homem. Ai de ti, quando os teus afectos não forem moldados pelas inocentes ilusões de uma criança... Ai de ti, porque então, quando julgares que sucumbes a paixões de mancebo, consultarás o teu coração, e senti-lo-ás cansado. O primeiro amor desgraçado envelhece o coração, meu terno filho... Sou uma louca... falo-te... e tu não me compreendes... Que importa? Retém na memória estas palavras... é a página profética da tua vida... lê-a todos os dias, e um dia virá em que a compreendas... Desde esse dia ansiarás a morte; se fores religioso, tudo o que o mundo tem de bom e de mau te fará feliz, quando mais vizinho te vires do túmulo. Se não fores religioso, a mesma desgraça te fará crente, não nos homens, nem nas superstições dos homens, mas em Deus... E, depois, à sombra desse grande princípio criarás um outro mundo, e sorrirás ao infinito, onde vais passar, transpondo a sepultura, como a avezinha que canta sobre a árvore a cujo pé se despenha uma torrente medonha, e de um voo transpõe esse abismo, para depois cantar de novo sobre a árvore da outra margem... Hás-de recordar as palavras de tua mãe, sim, meu filho?

– Não as esquecerei nunca; mas eu quero que minha mãe mas repita daqui a vinte anos... Não me diga que cedo ficarei sem mãe... Bem sei que não posso fazê-la feliz, como meu pai poderia fazê-la; mas eu sou o filho desse seu amigo, desse anjo de saudades, como tantas vezes lhe chama.

Não me deixou continuar: lançou-se-me ao pescoço, beijando-me sôfrega e abrasada.

Padre Dinis veio presenciar este lance.

Minha mãe desceu do seu fervente misticismo à realidade da sua vida na Terra. Padre Dinis vinha falar-lhe do conde de Santa Bárbara e da sua serva idolatrada. A repugnância que tinha de ouvi-lo exprimiu-a ela nestas palavras, que acompanhou de um gesto significativo de aborrecimento:

– Quisera antes, Sr. Padre Dinis, que me não dissesse nada.

– Pouco poderei dizer-lhe, Sr^a Condessa. Não tive tempo para informações.

Dirigi-me a casa de seu mano

– Do marquês de Montezelos? – interrompeu minha mãe como assustada.

– Do marquês de Montezelos; e, se seu pai fosse vivo, procuraria directamente seu pai.

– Com que fim?

– Com o fim de cumprir uma missão providencial: iria puni-lo, acordando-lhe o remorso no coração. Dir-lhe-ia que sua filha, amarrada por ele a um poste de ouro, estava em circunstâncias de esmolar um bocado de pão. Dir-lhe-ia que o conde de Santa Bárbara, como desvelado algoz de sua filha, exercera cabalmente a tirania que o marquês de Montezelos lhe concedeu com os legítimos direitos de marido... Mas seu pai não esperou a punição neste mundo...

– E que disse a meu irmão?... Ele conhecia-o?

– Não era preciso conhecer-me

– Mas que tem o meu irmão comigo? Oh! Sr. Padre Dinis... permita Deus que as minhas desgraças se não complicassem com esse passo que deu... que foi dizer a meu irmão?

– Muito pouco. Disse-lhe que V. Ex^a era irmã do marquês de Montezelos; que fora violentada a casar-se com um rico para manter a dignidade do seu nascimento; que esse rico a martirizara durante alguns anos, para lentamente se desfazer dela; que essa infeliz senhora, aconselhada por um homem compassivo, fugira a seu marido, procurando uma morte menos trabalhosa...

– E que importava isso a meu irmão, que, há catorze anos, expulsei da minha presença?

– O que importava? Eu vou dizer-lho, e tivera-o dito já, se V. Ex^a me escutasse com mais serenidade. Lembrei-lhe que a condessa de Santa Bárbara devia judicialmente separar-se de seu marido...

– Para quê?

– Para haver dos bens de seu marido quarenta contos com que foi dotada.

– De que me servem esses ignóbeis quarenta contos?... Venderam-me, mas eu não me vendi...

– De que lhe servem os quarenta contos? De resgatar este menino da miséria em que há-de vi-lo encontrar a idade em que a subsistência é garantida pelo suor do rosto ao homem que nada tem de seu.

– E por que não há-de o meu filho ser pobre?

– Para não morrer, como seu pai, sufocado pela mão descarnada da miséria... Sr^a Condessa; este mundo está organizado tristemente, mas quem não quiser amoldar-se nas formas em que a sociedade lho apresenta luta sem forças contra um destino invencível.

As mais amargas lágrimas que V. Ex^a tem de chorar hão-de ser as últimas, quando, ao despedir-se de seu filho, não tiver um pão independente que legar-lhe, uma ressalva com que possa atravessar a sociedade sem ser apupado das vaias que achincalham o homem pobre. A honra não é herança; é uma bela recordação que um filho conserva de seus pais, enquanto a miséria lhe não risca no coração essas cinco letras, que ninguém desconta... Adiante... Falando com seu irmão, disse-lhe que V. Ex^a não estava em casa de seu marido. Perguntou-me onde estava: respondi-lhe que lho não dizia. Recebeu-me cavalheirescamente esta negativa e não instou. Disse-me que ia partir, na direcção de Braga, até encontrar o conde Santa Bárbara, que acompanhava D. Miguel. Observei-lhe que o conde voltara de Santarém, a pretexto de curar-se de uma enfermidade que subitamente o atacara. Vestiu-se e despediu-se de mim, ordenando-me que o procurasse hoje de tarde para informar-me do que passara com seu cunhado...

– Vai acontecer uma desgraça, Sr. Padre Dinis! – exclamou minha mãe, tocada por aflitivo pressentimento.

– Que vaticina V. Ex^a?

– Um conflito de vida e de morte entre meu irmão e meu marido.

– Pode ser que não. O conde de Santa Bárbara há-de dar-lhe quarenta contos, porque a vida é preferível a quarenta contos

– E, se os não dá, meu irmão...

– Castiga-o? E um dever... é um pecado, que eu absolvo, porque em uma sociedade desmoralizada, onde os preceitos de Deus são inválidos, permite Deus que os preceitos dos homens valham alguma cousa. Não devemos deixar passar ao pé da vítima, que chora lágrimas estéreis, o criminoso com a fronte erguida. preciso abater-lha no chão, é preciso evitar o escândalo; ora, um mau homem impune é feiamente escandaloso, porque desafia muitos a seguirem-no pelo caminho da impunidade. Seu marido amanhã partiria com a sua criada a saborear, livre de remorsos, os frutos da sua obra. De vez em quando assaltá-lo-ia a lembrança de sua mulher, que lhe fugiu; mas tal lembrança, em um coração estragado, não doeria tanto como as saudades da criada, que o trouxera de Santarém com um lenço apertado na cabeça. Suponhamos que o conde de Santa Bárbara reputava uma infidelidade a fuga de sua mulher...

– Por Deus!... Sr. Padre Dinis!... Tenha compaixão de mim!... Não faça semelhantes conjecturas

– Deixe-me fazê-las, porque sou eu que as faço... Imaginando ele que a fuga de V. Ex^a era uma infidelidade, dar-se-ia por muito desferrado na sua consciência. E quem sabe mesmo se ele diria: «Minha mulher trocou-me por outro», para que lhe não dissessem: «Mataste tua mulher, porque ninguém sabe onde ela vive.» E o mundo acreditá-lo-ia; e, para que o mundo não tenha de entrar na perigosa solução do problema da sua fugida, competia-me declarar que V. Ex^a fugira, que V. Ex^a vive, e, quando seja necessário declará-lo para sua honra, direi que vive em casa de um padre, cujo nome, aí nesse mundo, pesa mais na balança da honra que todo o ouro do conde de Santa Bárbara... Até logo, minha filha; vou dizer missa, que já é bem tarde, para quem está em jejum.

Padre Dinis não deu tempo a que minha mãe exprimisse uma ideia que se lhe via tumultuar na inquietação dos gestos e na ansiedade com que ouvira as últimas palavras.

Disse-me que a deixasse sozinha e lhe mandasse D. Antónia.

Padre Dinis, conforme combinara, foi, na hora aprazada, procurar o marquês de Montezelos.

Na volta, contou assim a minha mãe as informações que colhera.

– O marquês recebeu-me com maneiras extraordinariamente rudes. «Fui falar com o conde», disse ele, «encontrei-o aflito; perguntei-lhe por minha irmã, respondeu-me

que fugira de casa, durante a sua ausência. Indaguei os motivos da fuga, respondeu-me que minha irmã vivia desde muito para um homem, que ele não conhecia.»

Padre Dinis reparou em mim, quando se interrompeu naquela palavra última, e mandou-me sair do quarto de minha mãe. Conservei-me na antecâmara do quarto, repisando o sentido de cada uma daquelas expressões. Poucos minutos se passaram, quando ouvi um grito agudo. Conheci que era minha mãe: abriu-se a porta do quarto, e vi o padre, que chamava D. Antónia para tomar minha mãe nos braços.

Devo concluir o lance que produziu aquele grito, se bem que vou buscar-lhe a explicação anos depois, porque só então fui sabedor desse segredo, que não pude mais cedo arrancar ao padre, nem a D. Antónia, nem a minha mãe.

Acrescentara o conde de Santa Bárbara que sua mulher fora em solteira o que estava sendo em casada: absolutamente livre; e a prova estava em uma carta que o conde mostrara ao irmão de minha mãe. Esta carta era de meu pai, escrita nos últimos dias da sua vida, pedindo-lhe protecção para o orfãozinho, que era eu. O marquês de Montezelos conhecera a letra do filho do conde de Alvações, sobre quem disparara um tiro junto a outro de seu pai. E, convencido da desonra de sua irmã como solteira, não podia rebater as afrontas que lhe eram feitas como casada. Acrescentara o conde de Santa Bárbara que o agente das negociações adúlteras de sua mulher era um padre, cujo nome com grande mágoa sua não sabia, porque muito desejava agarrá-lo para arrancar-lhe o segredo daquela infâmia e mandá-lo depois azorregar pelo seu laçao.

Padre Dinis, portanto, era o padre das negociações adúlteras, e estava na presença do irmão da adúltera, que protestara vingar a sua honra e a honra de seu cunhado tanto quanto fosse possível.

O padre, depois que ouvira o infamante arazoado do marquês, tirou da sua carteira com admirável tranquilidade um bilhete, que dizia:

Padre Dinis Ramalho e Sousa, Largo da Junqueira, nº 44.

«— Dou-lhe a minha residência, Sr. Marquês», disse ele serenamente, «para que V. Ex^a, não querendo receber as últimas lágrimas de sua irmã, vá ao menos levar-lhe um óbolo da sua fortuna para as despesas do seu funeral, que eu não posso suprir, porque sou pobre como ela.»

O marquês impressionou-se destas palavras e vacilou na resposta. Padre Dinis ia retirar-se, quando o irmão de minha mãe lhe indicou que não saísse. O inalterável *agente das negociações adúlteras* da condessa de Santa Bárbara tornou a sentar-se. O marquês fitava-o atentamente, como quem queria ler-lhe na tranquilidade do rosto muita inocência.

«— Então», disse ele, «convida-me o Sr. Padre Dinis a que vá ver minha irmã?»

«— Tomo a liberdade de convidá-lo, conquanto não fosse autorizado para isso; mas a desgraçada senhora há-de querer um parente à cabeceira do seu leito de agonias... Esta punhalada deve matá-la... mas juro que ela não quer morrer sem lavar o escárnio aviltante que o seu marido lhe cuspiu na face. Trata-se de salvar-lhe a honra a ela... Enquanto a mim, serei eu o restaurador da minha honra ultrajada por um homem que me fará esquecer que sou um sacerdote.»

«— Quando posso ver minha irmã?»

«— Já, se V. Ex^a quiser.» «— À noite.»

«— Até à noite, Sr. Marquês.»

O grito de minha mãe fora arrancado por estas emoções despedaçadoras.

XIII

Algumas páginas que vão ler-se não me pertencem: copiei-as do *Livro Negro* de padre Dinis, como ele o intitulava. Não fui testemunha das cenas aqui descritas. Os meus quinze anos não puderam reter impressões então recebidas, porque o espírito débil não podia digerí-las. O encontro do marquês de Montezelos com minha mãe não consentia a minha presença, nem eu mesmo sabia que tal homem viria àquela casa. E, portanto, vejamos o quadro, vigorosamente desenhado pelo homem que empregou o resto da sua vida perpetuando as reminiscências amargas do tormentoso drama da minha mãe.

O marquês de Montezelos esperava sua irmã na sala, às nove horas da noite. Quando o anunciei, a condessa perdeu inteiramente uma afectada coragem que tinha mostrado. Sustive-a dificilmente, encorajando-a com a precisão que tinha de ostentar-se forte da sua inocência.

O encontro destes dois irmãos, que há catorze anos se não viam, não se exprime. O marquês reparava em sua irmã com os olhos perplexos de um espanto, que pareciam duvidar da pessoa que se lhe apresentava como condessa de Santa Bárbara. Esta, superior ao dorido ressentimento que devia irritar-lhe a presença de um homem que ajudara a cravejar-lhe os espinhos da sua coroa de martírio, caminhou para seu irmão, estendendo-lhe a mão afectuosamente:

– Ângela!... – murmurou o marquês, abrindo-lhe nos braços o amparo que ela muito precisava para não succumbir à convulsão.

Ângela tinha a face banhada de lágrimas. Dos braços de seu irmão, onde não podiam as pernas sustentá-la, passou a uma cadeira. Via-se que lutava com a exaltação dos variados sobressaltos que experimentava. Cada palavra, sufocada por um soluço, vinha-lhe aos lábios esvaecidos da angústia em raras articulações.

Pertencia-me a mim quebrar aquele silêncio aflitivo para a infeliz senhora, e não sei mesmo se aflitivo para seu irmão.

– O Sr. Marquês – disse eu – veio pessoalmente ouvir sua irmã depois que ouviu o conde de Santa Bárbara. Entre o Sr. Marquês e sua irmã está um padre, que deve parecer um mistério para V. Ex^a A história desse padre... a minha história... compete-me a mim contá-la, e eu farei por que, em poucos minutos, nem eu seja reputado o *agente das negociações adúlteras* da Sr^a Condessa, nem V. Ex^a tenha de ouvir da boca de sua irmã confissões que nunca se fazem sem uma grande violência.

»Há quinze anos que a Sr^a D. Ângela de Lima foi encerrada no convento de Nazaré, por ordem de seu pai. Na véspera desse dia foi ferido com dois tiros o amante desta senhora. V. Ex^a sabe que os ferimentos não mataram imediatamente D. Pedro da Silva, se bem que desde esse instante o desgraçado fez tréguas de alguns meses com a morte, porque o Altíssimo não o quis tirar deste mundo sem que expiasse, com as lágrimas de uma acção nobre, os desvarios de uma paixão generosa nos seus princípios e lamentável nas suas consequências.

»Conheci então D. Pedro da Silva, e amei-o, como filho, desde que o conheci. Amei-o como filho porque nunca me sentira mais comovido por um mancebo que queria salvar a honra de uma menina a quem sua família sacrificaria de bom grado no altar da desonra, para depois lhe fazer a apoteose no altar do ouro...

»Esta senhora, Sr. Marquês, quando entrou no convento de Nazaré, deixou

no mundo um homem que a sociedade não legitimara como seu marido, mas que o coração abraçara cegamente, sem reservas, sem condições e sem os receios da opinião pública.

»Sua irmã, senhor, entrara em Nazaré, quando devia entrar na igreja, para que o ministro de Deus lhe absolvesse uma culpa que a sociedade alcinharia... uma desonra.

»Será necessário rastrear a frase, para ser compreendido?

»O filho do conde de Alvações tinha um coração prodigioso de honradez.

»Apaixonado até ao delírio, não veio consultar-me para que eu lhe dissesse a maneira decente de participar ao marquês de Montezelos que sua filha seria brevemente mãe, e obrigaria as religiosas de Nazaré a serem, por compaixão, suas parteiras. Não: este nobre mancebo o que me pedia era a minha protecção para que a sua desgraçada amante se não desse em espectáculo de desonra às religiosas, que a tinham recebido como uma virgem que fora ali buscar no fervor religioso o complemento da sua educação.

»Eu tinha nesse convento uma irmã... uma amiga...

»Dirigi-me a minha irmã. Tive de revelar-lhe um segredo que a deixou passada desse singelo terror que devia preceder uma fervente compaixão. Pedi-lhe que, desde certo tempo em diante, a título de muita amizade, recolhesse na sua cela a pobre menina e desviasse quanto pudesse, sob qualquer pretexto, as visitas do quarto. Mas isto não era tudo, Sr. Marquês. Faltava ainda preparar os últimos socorros, para que esta senhora, por falta de assistência, não fosse um cadáver no acto de ser mãe. Esses socorros quem mos daria? O meu zelo, a caridade de minha irmã e a consciência de uma boa acção. Procurei uma mulher das que o silêncio se compra com dinheiro.

»Noto-lhe no rosto, Sr. Marquês, alguns sinais de indignação...

– É uma afrontosa surpresa – disse ele.

– Afrontosa, não, Sr. Marquês... chame-lhe antes uma cena de agonias surdas, a que seu pai assistia com a maior presença de espírito.

– Meu pai?! – exclamou ele arrebatado, com os olhos injectados de sangue.

– Seu pai – respondi eu placidamente.

– É mentira!... Meu pai, se o soubesse, apunhalava minha irmã e despedaçava o infame que a seduziu.

– Não é mentira, Sr. Marquês: seu pai não apunhalava uma filha porque tinha de dar ao público a razão por que o fizera, e nessa satisfação ao público era ferido o seu orgulho. O pai de V. Ex^a não despedaçava o amante de sua filha porque não há pai, nem irmão, nem marido, que não sofra uma afronta em silêncio, contanto que os seus amigos ignorem que foi afrontado.

– E mentira... repito, e sinto que V. S^a não esteja na condição de me dar uma satisfação plena.

– Dar-lha-ei pleníssima, Sr. Marquês, porque a minha condição sacerdotal não exclui os estímulos da honra: E começarei a dar-lha já, a meu modo, e, se não conforme as leis da cavalaria, ao menos com a lógica rigorosa dos documentos. Queira atender-me V. Ex^a.

»Vou ler-lhe a cópia de uma carta que escrevi ao Sr. Marquês de Montezelos. Hei-de mostrar-lhe outra, depois, que o Sr. Marquês se dignou escrever-me.

– Eu não me persuado que o senhor tivesse relações com meu pai...

– Quer com isso dizer-me que minto... Vejo que v. Ex^a é teimoso por índole, e não por educação... Conhece a letra de seu pai?

O marquês tomou a carta que eu lhe oferecia e não respondeu. Ângela exprimia sensivelmente a repugnância com que assistia às grosserias de seu irmão. Eu bem a via contorcer-se na cadeira, e franzir a testa, olhando impaciente para o marquês e envergonhada para mim.

Condoído da sua penosa situação, procurei um pretexto para a fazer ausentar da sala. Eu receava-lhe um esvaimento dos muitos frequentes que a atacavam quando recebia impressões fortes.

E, oferecendo-lhe o braço, disse eu: «E conveniente que V. Ex^a se retire. Não é bom que saiba tudo que tem relação com a sua vida... E, demais, a sua saúde é muito melindrosa... Logo tornará a encontrar-se com seu mano.»

A condessa ergueu-se e retirou-se, fazendo uma ligeira mesura de despedida a seu irmão.

O marquês olhou-a de revés, lance de olhos muito comum na refinada malícia, ou na estupidez grosseira.

Fechei a porta por onde saíra a condessa, e vim sentar-me ao pé do marquês.

– Ouça V. Ex^a esta carta – lhe disse eu – e depois lhe direi quais incentivos me fizeram praticar este acto.

E eu li:

Ex.^{mo} Marquês.

Encontra V. Ex^a no remate desta carta um nome que não conhece. Devo dar-lhe uma definição de quem sou, porque na simples palavra padre, que precede o meu nome, não está explicada a minha importância no mundo.

Um padre, Sr. Marquês, pode exercer no coração da filha de V. Ex^a o domínio que seu pai não exerce: ministro de Deus, que perscruta o recôndito da alma, vai sondar nas chagas profundas da consciência para aplicar-lhe o bálsamo divino, quando as consolações humanas são impotentes. Muitos gemidos, senhor, que sufocariam uma infeliz, antes que ela, aos pés de seu pai, pudesse balbuciar «Perdão!» coam-se através do confessionário, e vão pedir ao coração do sacerdote esse conforto de esperança que Jesus Cristo legou aos representantes da sua caridade para com a samaritana.

Eu sou, pois, o mais indigno dos que passam na Terra enxugando lágrimas e inspirando esperanças a quem as chora na desesperação de uma sorte melhor.

V. Ex^a tem uma filha que chora assim; e eu sou o sacerdote que, há poucos instantes, lhe ouviu entre soluços uma confissão dos erros, que lhe absolvi em nome de Deus. Mas não basta para a sua felicidade na Terra a misericórdia de Deus; é necessário que seu pai seja misericordioso, é necessário que seu pai lhe diga: «Ergue-te, minha filha, do abismo de perdição onde te arrojéi, cuidando que te salvava!»

Sua filha, senhor, entrou no convento de Nazaré, como quem vai expor o lastimável quadro de uma paixão cega entre pessoas que menos compreendem uma paixão e mais se horrorizam das suas fatais consequências.

V. Ex^a, quando a arrastou violentamente a essa casa, não sabia que sua filha tinha pertencido em corpo e alma ao homem de quem a separava.

Era tarde para levar ao abrigo da religião a mulher que se perdera sem saber que se perdia. Era tarde para entregá-la ao culto divino, quando uma paixão invencível, e vinculada à existência de um filho, era desgraça de mais para conceder à infeliz amante e mãe alguns minutos de oração com espírito tranquilo.

Estas revelações são pungentes, Sr. Marquês, mas abençoada dor a que nos livra de uma grande vergonha. A salvação desta menina é possível, porque a sua união com o homem da sua alma, vai santificá-la diante de Deus e da sociedade.

Permita, senhor, que eu seja o mensageiro do seu perdão. Inspire-se do grande nome de seus avós, do grande nome de V. Ex^a e do futuro da sua reputação, para que as flores da virtude, que começam a murchar na grinalda inocente de sua filha, possam reverdecer com o seu perdão e com o seu beneplácito neste casamento, em que V. Ex^a faz dois entes venturosos, poupando o vilipendioso nascimento de um terceiro, que virá depois, neto do marquês de Montezelos, pedir talvez uma esmola de pão aos lacaios de seu avô.

Antes destas considerações, todas mundanas, deveria eu reclamar de V. Ex^a a caridade evangélica, o amor do próximo, e particularmente os deveres sacrossantos que o prendem a sua filha. Deveria, mas eu compreendo a grandeza da Terra, e lembrou-me que V. Ex^a não quereria amesquinhar-se aos olhos da sociedade, caprichando na absoluta desonra de sua filha. Terei a honra de procurar hoje de tarde a resposta desta carta, assim como a tenho desde já, assinando-me capelão e servo respeitador de V. Ex^a

Padre Dinis Ramalho e Sousa.

– Já vê V. Ex^a, Sr. Marquês, que seu pai não deixou de apunhalar a filha, e despedaçar o amante da filha, por ignorância.

»A resposta confirma o facto verdadeiramente. Leia V. Ex^a.

Era este o conteúdo da resposta que o marquês leu:

Não me considero obrigado a dar satisfações dos meus actos, nem tão pouco a receber conselhos. Como pai, pertence-me granjear o futuro da minha filha, embora a opinião pública, com que V. S^a me ameaça, entenda que o futuro, que eu lhe preparo, não é o melhor. V. S^a, como sacerdote, a missão mais nobre que tem a cumprir é guardar o segredo que lhe foi revelado em confissão. Eu vou tomar as necessárias medidas para que a minha filha não seja exposta à desonra que V. Ex^a receia.

Marquês de Montezelos.

O irmão de Ângela dobrou placidamente esta carta e entregou-ma com a maior indiferença. Eu fiz-me estranho à sua frieza e continuei:

– Bem sabe V. Ex^a quais foram as medidas que seu pai tomou para que sua filha não fosse exposta à desonra. Mandou-a imediatamente sair do convento e transportou-a para uma quinta a vinte e cinco léguas de Lisboa.

»Estavam, portanto, inúteis todas as minhas precauções. Foi então que reputei irremediavelmente desgraçada D. Ângela! A mais cruel das conjecturas que me assaltaram foi o temor de que a infeliz menina fosse morta em torturas surdas às mãos de seu próprio pai. Eu tinha visto a carta que o marquês de Montezelos escrevera ao conde de Alvações. Essa carta prometia esconder em uma mortalha o corpo maculado da amante de D. Pedro da Silva, se por desgraça o estivesse.

»Não lhe direi, senhor, as agonias deste generoso mancebo quando lhe apunhalei o coração com esta nova. V. Ex^a não pode talvez ouvi-las sem piedade, e eu arrependera-me de contar-lhas, se lhe não visse uma lágrima. Basta que lhe

diga que esse nobre infeliz caiu, como fulminado, no leito, onde, quatro meses depois, proferiu uma palavra, o nome de sua irmã, e cerrou os lábios para sempre.

»Não estava cumprida a minha missão, Sr. Marquês. Um mês depois que sua irmã foi encerrada na quinta das Alcáçovas, via-se um homem desconhecido, trajando as vestes de cigano, e sustentando a mentira do seu falso modo de vida em vendas e compras de cavalgadas. Esse homem passara despercebido entre os fidalgos do Alentejo e conseguira pernoitar na quinta em que vivia D. Ângela de Lima.

»Quem aí morava, além dela, eram duas criadas, um capelão, um feitor e alguns criados. O desconhecido estabeleceu a sua residência provisória a três quartos de légua distantes dessa quinta.

»O cigano pretende astuciosamente ver a filha do marquês; mas nem conseguiu vê-la, nem ousou perguntar por ela. Mas os recursos do ardiloso cigano eram imensos, porque a sua vontade era de ferro.

»Em um domingo, convidou os criados do marquês para sua casa. Deu-lhes um jantar, e fez correr profusamente as canecas do vinho. Findo o jantar, a embriaguez dominava os seus convivas, e o cigano folgava, não pelo vinho, mas pelo seu triunfo.

»Quando viu aqueles espíritos a doudejarem nessas expansivas franquezas da embriaguez, pensou que tinha soado a hora das revelações. Falou na filha do marquês, e viu que a perturbação dos seus convidados não era superior ao sigilo que lhes fora imposto. Não instou; mudou de prática, e mudou também de vinho. Pouco depois, quando feriu de leve o assunto da filha do marquês, achou um só homem que lhe respondesse: os outros tinham caído aturdidos com o último trago de vinho que puderam comportar!

»Mas esse único, a quem a Providência conservava de pé, abraçou o cigano pelo pescoço e pediu-lhe que saísse dali, s queda falar à vontade.

»Saíram, e conversaram durante um quarto de hora apenas, porque o embriagado não pôde sustentar por mais tempo a sua posição vertical.

»Resta saber o que se passou entre o cigano e o criado do, pai de V. Ex^a.

»É um lance atrozmente incrível; mas o cigano não era homem que mentisse. Lembra-se V. Ex^a de um seu criado por alcunha o *Come-Facas*?

– Lembro – respondeu o marquês

– Pois bem; ouça V. Ex^a as revelações do *Come-Facas*.

»Este homem fora chamado de uma quinta em que seu pai o tinha escondido por causa de umas facadas que dera em um rival de seu pai, não sei em que desordens nocturnas aí para os lados de Belém. Seu pai estimava este homem como um arnês em que fazia resvalar a punhalada que não podia pessoalmente sustentar. E, demais, o *Come-Facas* era um intimo confidente do marquês de Montezelos e uma cega máquina das suas vinganças em variados lances.

»Foram estas as revelações do amigo do cigano; mas o cigano não limitava a isto a sua curiosidade investigadora.

»Chamando a conversa ao assunto da filha do marquês, encontrou no *Come-Facas* a mais cordial franqueza, e receou não poder desfrutar-lha muito tempo, porque o seu interlocutor dificilmente se sustinha em pé.

»Soube, portanto, que o foragido fora mandado vir para aquela quinta alguns dias depois que D. Ângela entrara nela. O *Come-Facas* não viera para ali sem comissão. A seu cargo estava vigiar que não entrasse na quinta pessoa suspeita; e, quando nessa pessoa fosse reconhecido o filho segundo do conde de Alvações, podia ele confidente disparar-lhe um tiro, de modo que não houvesse

grande pena em esconder o cadáver dos olhos da justiça. Era hediondamente feroz esta missão; mas o horrível dela tem alguma cousa mais grandiosa em atrocidade!

»*Come-Facas* fora encarregado de receber em tempo oportuno uma criança, que devia ser-lhe entregue por uma mulher. Esta criança, Sr. Marquês, antes de receber o primeiro beijo de sua mãe, e a palavra de Cristo, que a chamava à redenção, devia soltar um vagido de morte entre as mãos do infanticida, a cujo cuidado ficava lançar-lhe em cima algumas pás de terra.

»Parece que se horroriza, Sr. Marquês!... O cigano também recuou horrorizado diante do assassino, que já não pôde ver a impressão que causara no seu hóspede, porque dera em terra com a última palavra do seu programa sanguinário.

»O cigano tomou nos braços este homem, transportou-o à sua cama e deitou-o com o carinho com que deitaria um seu irmão! E, depois, sentou-se à cabeceira do embriagado e velou-lhe o sono profundo, até que, alta noite, a digestão se fizera; e o espírito de seu comensal procurava recordar-se da razão por que ali estava.

»*Come-Facas* ergueu-se prazenteiro e chamou pelos camaradas. O cigano sondou-o, antes que os seus camaradas viessem, procurando-lhe algumas reminiscências da conversação que tiveram.

»Não tinha nenhuma; lembrava-se, apenas, que bebera algumas canadas de belo vinho, e confessava que se sentia disposto para uma nova bambochata. O cigano a ele só em particular, e a título de especial simpatia, convidou-o para no dia seguinte cear com ele, depois que a sua saída da quinta se não fizesse notada.

»No dia seguinte, à noite, o cigano esperava com ansiedade o homem a quem apertara a mão, e chamara amigo; não obstante, porém, este lisonjeiro título que lhe dera, o cigano preparou-se para receber o *amigo* como quem esperava lutar com um assassino; meteu duas pistolas em um cinturão e uma faca de mato no bolso da sua jaqueta de peles.

»*Come-Facas* não era homem que faltasse. A mesa estava posta, o vinho provocava o apetite, e o convidado cedia galhardamente à provocação. Antes, porém, que o rubor da embriaguez lhe subisse ao rosto, o cigano tirou da algibeira uma saca de ouro e atirou-a sobre a mesa.

»— Que é isto? — perguntou *Come-Facas*.

»— E ouro — respondeu o cigano. — Conta-o e chama-lhe teu se me fizeres um serviço, que não te custa nada.

»O homem abriu com sofreguidão a bolsa e contou quarenta peças.

»— Diabo! — exclamou ele. — Tu és rico! A quem roubaste este dinheiro?

»— Que te importa? — tornou o cigano. — É teu se me vendes a criança que o marquês de Montezelos te mandou matar!

»*Come-Facas* ergueu-se de um pulo e cravou no cigano uns olhos onde regurgitava o sangue da ferocidade surpreendida.

»— Quem te disse isso, alma de mil diabos? — exclamou ele, levando a mão ao cabo do punhal.

»— Tu! — respondeu serenamente o cigano, apontando-lhe ao peito a boca de uma pistola.

»*Come-Facas* estacou nesse espasmo estúpido, tão vulgar em gente da sua condição. Deixou o seu punhal na bainha, com repugnância, e cedeu prontamente não sei se à boca da pistola, se ao espanto em que o deixara aquele ‘tu!’ proferido com a mais firme presença de corpo, que para tal homem valia mais que a presença de espírito.

»– Senta-te – lhe disse o cigano, metendo tranquilamente a pistola no correão –, senta-te e conversa comigo em boa amizade. Tu bem vêes que eu sei o teu passado, o teu presente e o teu futuro. Bem vêes que eu, se não simpatizasse com a tua cara, podia entregar-te à justiça, e não só dar cabo de ti, mas até atirar com teu amo às Pedras Negras. Vê lá como são as cousas! Não só não te faço mal, mas até te quero dar dinheiro, e livrar-te, por tal preço, de matares uma criancinha.

»– Mas que demónio te disse que eu queria matar a tal criança?

»– Já te disse que foste tu em carne e osso. Estavas bêbedo, homem... acabemos com isto; foi o vinho que te fez franco como deve ser um leal amigo. Não te lembras que jantaste ontem comigo?

»– Oh! Diabo! Então os outros criados do marquês ouviram!... Com mil raios de diabos, estou perdido!...

»– Não ouviram nada... Quando tu falaste a sós comigo já eles ressonavam como três porcos a grunhir!... Por isso fico eu. O segredo até ontem era de três, agora é de quatro

Tu recibes a criança: não a matas, entregas-ma, recibes quarenta peças, e dizes ao marquês que a criança está enterrada

»– E tu pra que queres essa criança?

»– Que te importa a ti? Imagina que quero um enjeitado de quem hei-de fazer um potreiro de primeira ordem e um pequeno cigano, fino como o diabo!... Eu sou rico, e não tenho filho, nem filha, nem mulher, nem sobrinho, que me caísse no gotto cá para o modo de vida em que me vêes; e quem houver de apanhar-me as manadas de potros há-de ser homem de se atirar em pêlo para cima de uma faca e saltar por cima de ti pra outra banda. Ora a tal criança, se for rapariga, há-de vê-la daqui a doze anos fugir como um raio por essas campinas sobre a melhor égua do Alentejo. Se for rapaz, isso então, meu caro, há-de ser como se quer. Neto de marqueses e de condes, há-de ter costela de cigano a preceito. Os fidalgos da nossa terra são a raça que mais se confunde com a nossa. Não há cigano que lhe bote água às mãos aí nas feiras. Palmada que dêem na anca de cavalo de nora, fazem-no estremecer como um ginete puritano de Alter, ferrado pelos acicates do mais hábil Marialva. Ora aí tens para que quero a tal criança. Se fosse teu filho, não me servia de nada, porque de um óptimo jogador de faca nunca pode sair um sofrível picador. Lá do neto do marquês de Montezelos, eu te prometo que, se as bexigas o não lamberem, hei-de fazer o primeiro cigano das províncias do Sul. Que mais queres que te diga? Vendes a vida da criança por quarenta peças?

»– Homem! Tu queres-me botar a perder!...

»– És um asno... Perdido estás tu, se eu quiser, pelo menos nem matas a criança, nem recibes quarenta peças... Eu vou daqui direito a Elvas, falo com o corregedor, e digo-lhe que a filha do marquês de Montezelos está como nós sabemos e que tenho minhas razões para supor que o menino ou menina há-de ser espatifado logo que saia do ventre... Que te parece que fará o corregedor? Intima *in continenti* o pai para que lhe apresente o neto vivo ou morto...

»– E que tem lá isso?... Apresenta-lho morto

»–Mas isso é o que não quer o marquês. Tu pensas que vais matar essa criança para que não venha a suceder em alguma grande herança? Que herança, nem qual cabaça!... O caso é outro. O que o marquês não quer é que se saiba que a filha teve um filho bastardo... Entendes-me, parvo?

»– Vou-te entendendo

»– Ora, se o corregedor o sabe, faz de conta que o sabem quinhentos marotos que ele tem em volta de si, que vêm a ser escritvães, meirinhos gerais,

meirinhos particulares, oficiais de diligências, beleguins, aguazis, finalmente as escolhas mais podres da humanidade... Entendeste agora?

»– Está dito! Dou-te a criança, palavra de honra!

»– E eu dou-te trezentos mil réis, com que tu podes viver um ano honradamente sem dares uma facada no teu semelhante. Fazes uma acção boa, e podes, com o dinheiro que te dou, arranjar um modo de vida que te resgate desse ofício de carrasco, em que estas atrelado às sopas do marquês de Montezelos.

»Eis aqui, Sr. Marquês, a parte mais interessante do diálogo que tiveram o seu criado *Come-Facas* e o cigano.

»No fim de três meses, às duas horas da noite, foi acordado o cigano para receber o recém-nascido. Era um menino embrulhado nas dobras de um saco e comprimido na boca por um lenço, que a generosa parteira não apertou de mais porque quis desviar de si a maior responsabilidade do infanticídio.

»Não obstante, a criancinha vinha quase morta, e principiou a reviver nos braços de uma ama de leite que o cigano tinha consigo.

»Poucas horas depois, o cigano abandonava os lugares onde vivera quatro meses, traspassara a grossa manada de cavalos que tinha e desaparecia do Alentejo, onde nunca mais foi visto, nem mais notícia sua pôde chegar...

– Isto parece-me uma novela, Sr. Padre! – interrompeu o marquês. – Pois não houve mais notícia desse cigano?!... Quem nos afiança que tal cigano existiu?

– Afiança-lhe o próprio cigano, Sr. Marquês. O padre Dinis de hoje não deixa mentir o cigano de há quinze anos.

– Então V. S^a conheceu-o?

– Perfeitamente; se bem que raras são as pessoas que se conhecem... O cigano era eu, senhor; espero, portanto, que acredite na minha existência, se não pertence à escola dos pirrónicos.

O marquês encarava-me com certo olhar reflexivo, em que o respeito e o espanto se combinavam.

Eu continuei:

– Tomei a meu cargo a criação do filho de sua irmã, Sr. Marquês. O pai do menino a essas horas estava nas vascas da morte. Ainda o viu, e gravou-lhe nos lábios um beijo, para que o entregasse a sua mãe um dia, ou lho restituísse na presença de Deus, onde esperava encontrá-lo. Na minha presença, e nesses dolorosos instantes, é que D. Pedro da Silva escreveu uma carta à mãe de seu filho, pedindo-lhe protecção para ele, se um dia tivesse proporções de dar-lha. Essa carta, que eu pude em tempo fazer chegar às mãos de sua irmã, com a notícia da existência de seu filho, é a mesma carta que V. Ex^a viu, e é justamente o alvará de algoz que apresenta o conde de Santa Bárbara, se lhe pedem explicações do direito com que martiriza sua mulher.

»Entretanto, Sr. Marquês, seu pai, desembaraçado dessa criança que, sem falar, apregoaria alta voz a desonra de sua mãe, chamou-a para a sua companhia, tratou-a carinhosamente e lamentou com ela a morte de D. Pedro da Silva! O cinismo de seu pai, Sr. Marquês, envergonharia Diógenes! Essas flores de saudades, depositas pela mão do marquês de Montezelos no túmulo do amante de sua filha, são o mais aviltante escarro que podia cuspir-lhe na face morta! É quando eu creio que o cadáver estremece no túmulo e que a justiça de Deus recua espavorida diante dos crimes dos homens!

»D. Ângela aparecia, passado um ano, nos salões. Era aí arrastada por seu pai, quando o não seguia, silenciosa e humilde, como quem receava desafiar-lhe as iras.

»O conde de Santa Bárbara era um rapaz, órfão aos dezasseis anos, senhor de três milhões de cruzados e dissipador de grandes créditos, que contraía sobre grandes usuras garantidas no futuro.

»Seu pai começou a meter-lhe à cara sua irmã; sua irmã, porém, nunca encontrou os olhos do jovem conde sem corresponder-lhe com soberano desprezo. A infeliz menina devorava-se por dentro, chamando em seu auxílio a imagem do homem que morrera quando lutava com o pai, que lhe impunha despoticamente o amor do conde.

»A luta era desigual. D. Ângela não teve coragem de ceder a vida às ameaças de seu pai. Quando se viu abandonada de todos, recorreu ao próprio conde, pedindo-lhe que a não amasse, que desistisse de um coração que não podia dar-lhe, que a desprezasse publicamente, e ela em particular lho agradecerá com as mãos erguidas.

»Falava com um rapaz sem brios, nem nobreza de alma e sem esse amor-próprio que raras vezes se extingue na mais depravada alma.

»O miserável revelou ao marquês as súplicas que tivera de sua filha. O marquês prometeu-lhe organizar um novo coração à sua futura esposa, contanto que ele estivesse disposto a emprestar-lhe uns quarenta contos com que queria endireitar a sua casa e a dotar com outros quarenta sua filha.

»O conde não falhava a nenhuma condição das que lhe eram impostas. Apaixonara-se, e faltava-lhe, como já disse, aquele nobre orgulho que nos faz renunciar altivamente uma mulher que nos pede o nosso ódio por comiseração!

»Tratou, portanto, o marquês, de organizar um novo coração à futura esposa do conde.

»Proponho-lhe o programa do seu processo, Sr. Marquês: era muito simples. Constava da tortura corporal. Fechava-se em um quarto com ela. Roxeava-lhe o corpo com disciplinas e alimentava-lhe a vida com alguns caldos, para no dia imediato achar um corpo vivo onde repetir as experiências do processo, que ele chamava infalível.

»Ângela estava disposta a deixar-se matar. Pediu um confessor. O pai não lho negou, e louvou-lhe a lembrança. Apareceu-lhe um padre, cuja consciência o marquês amoldara pela sua. A inocente viu a vingança de Deus sobre sua cabeça e convenceu-se de que era ré de desobediência a seu pai. O padre, comicamente horrorizado, pintou-lhe uma legião de demónios de vários feitios, que vinham buscá-la em corpo e alma para as abrasadas entranhas do Inferno. A infeliz chorou, gritou, desmaiou, e pediu o perdão de seu pai, se ainda era tempo de sustentar a vingança de Deus.

»O crime estava consumado. Com vergonha e compaixão, declaro que a mão de um meu colega pôs a pedra angular neste edifício de imoralidade!

»Efectivamente, o coração da futura esposa do conde de Santa Bárbara recebera uma nova organização.

»Apenas os vestígios da maceração desapareceram da face de D. Ângela de Lima, o conde, recebido em casa de seu futuro sogro, encontrou um sorriso nos lábios da filha.

»E que sorriso, Sr. Marquês! Era a fiel expressão da mártir involuntária, a quem pintaram Deus como um tirano, que delega em seu pai o direito de tyrannizar-lhe o coração!

»Seu pai acelerava o casamento. Vencera, com ameaças, a resistência do tutor do conde, e iludira a vigilância dos parentes que o estorvavam, chamando para um casamento clandestino o mesmo pároco a quem pagara a confissão de sua

filha.

»Não se dava neste negócio imoral um passo que me fosse oculto. Eu travei relações com o cura do pároco por quem o marquês repartia um quinhão de confiança íntima, igual àquela que depositara no *Come-Facas*.

»Consegui saber o dia do casamento, a hora e a menor circunstância desse sacramento sacrílego, embora as leis civis sancionem a relaxação eclesiástica.

»D. Ângela de Lima era já condessa de Santa Bárbara.

»Às duas horas da noite, o ministro de Deus que vinculara para sempre aquelas almas por um vínculo de Satanás lavrava no chamado *livro dos casamentos* a acta de adjudicação de uma mulher que fora ali ajoelhar aos pés do altar ao lado de seu dono, mas que foro ali impelida pelo terror das penas intermináveis do Inferno, que seu confessor lhe abrisse.

»O templo estava escuro na sua maior extensão. Apenas finda a cerimónia, o marquês e o genro entraram na sacristia para assinarem o assento do casamento.

»D. Ângela ficou orando, e eu, pouco distante, orava também por ela.

»Quando vi o conde, curvado sobre o livro, lutando naturalmente com as dificuldades de escrever o seu nome, pé ante pé aproximei-me de Ângela e entreguei-lhe uma carta.

»A pobre menina, assustada, deixou-a cair. Disse-lhe o meu nome, e ela, trémula como a haste de uma flor que não suporta uma comoção ligeira, tomou a carta do estrado e vacilou muito tempo perturbada, sem saber onde a escondesse.

»Chamada para assinar, a condessa de Santa Bárbara, ao perpassar por mim, murmurou estas palavras:

»— Perderam-me... para sempre!

»As portas da igreja fecharam-se. Uma carruagem, cujo frémito ao longe se perdia, levava da casa do Senhor uma mulher que viera, no altar do Justo, receber na frente o estigma da sua escravidão. O código de Jesus Cristo, interpretado pelo seu ministro, santificara esse estigma com o pomposo titulo de sacramento! E eu, sozinho no adro do templo, com o peito varado de agonias que me faziam prevaricar na fé, dizia a sós com a minha alma: ‘Se não existisse o altar, se não existisse o templo, se não existisse o padre, se o ateísmo fosse a suprema razão da humanidade, aquela infeliz não seda agora escrava. Porque o altar é uma irrisão à fé, o templo foi constituído um escritório de venda de alma e corpo; e o padre é aí como a porteira do lupanar, que conduz pela mão o primeiro que lhe paga à câmara da mulher perdida, que se vende.’

»E, levantando os olhos para o céu, tremi horrorizado dos meus juízos. Pareceu-me que a minha blasfémia fora insculpida no astro da noite, como uma nódoa negra, através da qual me velava o olho da justiça de Deus. E senti curvarem-se-me os joelhos, quando a palavra «perdão!» se me desprendeu dos lábios como um grito atribulado do remorso.

.....

»A carta que eu entregara à condessa de Santa Bárbara era a do pai de seu filho, escrita nos transes do passamento. Acompanhava-a um bilhete meu, em que lhe indicava a minha residência, onde poderia alguma vez receber notícias de seu filho.

»Não sei dizer-lhe, Sr. Marquês, o acolhimento que sua irmã encontrou nos braços do marido a quem seu pai a vendera. E certo, porém, que, no dia imediato ao do casamento, a condessa de Santa Bárbara, no cúmulo de uma desesperação que eu não sei, nem quereria, ainda que soubesse, definir-lhe, desprezou as penas do Inferno com que fora ameaçada pelo crime de desobediência a seu pai. Tanto

assim foi, que ela proibiu tanto ao marquês de Montezelos como a V. Ex^a a entrada em sua casa.

»E, como seu pai lhe lembrasse o ardente fogo com que o confessor a ameaçara, sei que ela teve a coragem de responder-lhe que, escrava de seu marido, estava isenta de ser escrava de seu pai, porque o não podia ser de dois senhores. É isto verdade, Sr. Marquês?

– Foi assim; e eu por isso há quinze anos que não via minha irmã, nem meu pai tornou a vê-la, nem mesmo à hora da morte conseguiu que ela o visitasse.

– Eu lhe digo, Sr. Marquês... Quando seu pai se debatia nas agonias da morte, que lhe duraram quatro meses, estava a condessa de Santa Bárbara fechada em um quarto, privada de luz, privada de alimentos e incomunicável para todas as pessoas que não fossem o verdugo que seu pai lhe escolhera e um criado fiel que a Providência lhe deparara.

»Seu pai, senhor, morreu sem que sua irmã o soubesse, porque o conde lhe não deu tal nova, receando com isto dar-lhe prazer.

– E por que estava minha irmã fechada em um quarto?!

– Durou oito anos essa atribulada situação... pouco mais posso dizer-lhe

– Pois não se explica essa atrocidade?

– Todas as atrocidades se explicam. Medite bem V. Ex^a e poupe-me o dissabor de lembrar-lhe que sua irmã fora amante e mãe antes de ser esposa...

– Não o compreendo bem...

– É incrível!... V. Ex^a crê que a bênção nupcial tenha o poder de fazer virgens?

– Não.

– Basta, pois: se me não compreende agora, deixe-me dar-lhe uma segunda explicação, que vem confirmar a primeira.

»Poucos dias tinha sua irmã de casada, quando o conde de Santa Bárbara, revistando-lhe os livros das suas orações, encontrou a carta que D. Pedro da Silva lhe escrevera. As suspeitas do marido já não podiam ser iludidas por algum defeito de organização. Da carta constava em plena luz que sua mulher fora amante, e fora mãe, e tinha um filho, vivo, entregue à educação de um padre, e recomendado, à hora da morte, pelo pai aos desvelos de sua amante. Tudo o mais que eu disser para explicar-lhe a reclusão de sua irmã durante oito anos é uma ociosidade em mim e uma impertinência no Sr. Marquês.

– Compreendo perfeitamente; mas V. S^a, que é padre, e sabe das cousas de Deus, me dirá se minha irmã não estava sendo providencialmente punida da sua falta...

– Não blasfeme, Sr. Marquês! Deus não permite que o instrumento da sua justiça seja um homem que dá um tiro no generoso amante de sua filha, que lhe manda enganar o filho, que a vende por quarenta contos de réis e que a faz passar do tálamo, onde subira desonrada, a um potro de torturas, onde seu marido a faz expiar a traição que o sogro lhe fizera... Eu detesto a hipocrisia, ainda mais que a estupidez. V. Ex^a deu-se agora um ar beatífico nessa profunda veneração à Providência, que me fez descoroçoar de colher os frutos que esperava desta sementeira de palavras arrancadas com dificuldade ao coração...

»Franqueza, senhor! Que impressão lhe tem feito a história de sua irmã? Quer entregá-la ao marido?

– Não, senhor.

– Quer abandoná-la à miséria?

– Eu, por mim, decerto não posso dar-lhe uma opulência que não tenho. A

minha casa está empenhada...

– Pois seu pai não a endireitou, como ele dizia, com os quarenta contos da mercancia da filha?

– Não sei que fim levaram esses quarenta contos! Meu pai morreu devendo oitenta, e eu devo cento e vinte.

– E que lhe parece, Sr. Marquês: chegaria agora a ocasião de eu falar-lhe da punição providencial, sem para isso fazer trejeitos beatíficos?

– Será a punição providencial; mas eu não posso ser responsável das injustiças de meu pai com minha irmã...

– V. Ex^a nesse drama sanguinário tem a sua cena, e é preciso que se lave com alguma acção que lhe não deixe ver aos meus olhos a face borrifada de sangue...

– De sangue?!

– Que dúvida, senhor. Já se esqueceu da facilidade com que desfechou uma clavina sobre D. Pedro da Silva?

– Quem lho disse, para afirmá-lo tão audaciosamente?

– A terceira pessoa dessa covarde emboscada. *Come-Facas*, quando estava bêbedo, era verdadeiro como Epaminondas Tebano... O crime passou, Sr. Marquês: a sua pouca idade desculpa-o; mas o remorso é o nobre sentimento de um criminoso. Condoa-se das gotas de fel que lançou no cálix de sua irmã: lembre-se que lhe ulcerou o coração de chagas profundas, cujas dores só o amor pode mitigar-lhe. Dê um pouco de amor de irmão a esta infeliz senhora. Estanque-lhe as lágrimas com palavras unguidas desse bálsamo de esperança que ela, coitadinha, pede, porque o seu espírito não pode nutrir-se de agonias somente.

– Que posso eu fazer-lhe, Sr. Padre Dinis? Não me dirá? Ainda as últimas palavras desta glacial pergunta não estavam proferidas, quando a porta da sala se abriu e a condessa de Santa Bárbara, formosa de um nobre orgulho que lhe reverberava no rosto, exclamou:

– Desprezar-me!... E o maior serviço que pode fazer-me meu irmão: é uma justa recompensa do sentimento que me inspira há quinze anos!

A energia destas palavras, e a nobre soberba do gesto que as acompanhara, envergonhou o marquês e encheu-me a mim de satisfação.

Parece que um fio eléctrico fizera voar o meu pensamento ao espírito de D. Ângela! Era justamente aquela resposta que eu quisera dar-lhe; mas a consciência acusava-me de ter sido eu o condutor daquele homem à presença de sua irmã.

O marquês, impassível, depois da surpresa que o envergonhara, e rapidamente se desvanecera, ergueu-se, tomou o chapéu, e fazia uma despedida em retirada, quando a condessa, soberanamente altiva, tragicamente bela desses grandiosos rasgos de um orgulho corajoso, lhe estendeu a mão, indicando-lhe a cadeira em que devia sentar-se.

Nunca eu vira, nem verei, situação real na vida que melhor nos faça compreender as posturas heróicas em que o cinzel grego aprimorava a glória da arte! Senti os calefrios do entusiasmo! Cuidei que os lances da tragédia não podiam naturalizar-se fora da cena; cuidei que a mulher, fraca e pobre de valentia moral nos grandes padecimentos, não podia, sem muito estudo, impor-se magnífica e majestosa, apesar de acurvada sob o peso da afronta e do desprezo!

O marquês sentara-se, como se um braço invisível o obrigasse. Fascinara-o talvez o olhar de sua irmã! Em mim pelo entusiasmo, e nele pelo ascendente do remorso ou da vergonha, a fascinação era real.

A condessa sentou-se também; cravou no irmão os seus belos olhos

coléricos; limpou as bagas de suor que lhe banhavam a testa e deu a cada uma destas palavras um tom de angústia, de severidade e de arrogância, que eu apenas posso recordar, e não insisto em descrever:

– É preciso que me ouça, meu irmão. Há quinze anos que nos não vemos: fui eu que o afastei com indignação da minha presença: lembro-lhe este facto porque não duvido que o marquês de Montezelos tivesse a cínica audácia de procurar ver-me no fundo do abismo a que me atirou com a ponta do pé. O ódio silencioso é um cancro que devora o coração. O martírio que me infligiram meu pai e meu irmão foi-me tanto mais dilacerante quanto eu sofri em mim o grito de desgraçada que eles deviam ouvir-me. Calei-me. Deixei-me arder neste inferno íntimo, onde as esperanças em Deus parece que se extinguem no fogo da desesperação nos homens... Nunca fora do meu quarto se ouviu um gemido! Nunca pedi consolações aos meus nem a estranhos! Bebi silenciosa o meu trago de fel, na taça que meu marido me chegava violentamente aos lábios. Aprendera assim a humildade, quando me ensaiei por flagelos que recebi de meu pai. Bem sabe, meu irmão, que eu sofria os seus despezos com o rosto risonho. Lembre-se que recebi insultos seus, quando lhe chamava «irmão», porque, dizia o mano... era injuriar-lhe o nobre sangue que lhe girava nas veias. Eu injuriava-o porque não queria ser mulher do conde de Santa Bárbara, de quem o mano esperava receber quarenta, contos de réis para desempenhar o seu vínculo. Eu injuriava-o porque não queria pagar com o meu corpo os desperdícios de meu pai, nem a herança de meu irmão. Eu injuriava-o, enfim... porque receava ser a vítima expiatória da traição que meu pai e meu irmão faziam a meu marido, entregando-lhe arditamente uma mulher que não podia ser sua... porque fora de outro... Apenas casei, meu irmão, o sangue que girava nas suas veias, de *nobre* que era, degenerou para servil. Enojou-me quando o vi sentado a meu lado nos salões da condessa de Santa Bárbara, a quem chamava afectuosamente irmã e a quem pedia perdão de a ter trazido à força ao trono da opulência em que a via sentada. Lembra-se muito bem que o encarei com uma certa compaixão que se dói do carácter rasteiro. Ao pé de mim estava o conde de Santa Bárbara, por quem meu irmão repartia as suas baixas adulações, visto que estava próximo o dia de receber os quarenta contos de réis estipulados na venda da escrava, cuja liberdade era injuriosa ao nobre sangue que girava nas veias de meu irmão. Quando soube que estavam em seu poder os quarenta contos e que a minha repulsa já não podia tolher-lhes o ganho da sua veniaga, mandei retirar da minha presença um bárbaro que se chamava pai e um filho digno desse homem, a quem eu me envergonhava de chamar irmão.

»Certo que os não vexei, porque lhes reputo o carácter invulnerável ao mais cortante vexame. Durante quinze anos não pude esquecer-los, porque de instante a instante cá sentia no coração profundar-se a chaga que eles me abriram. Depois do ódio, viria o desprezo; mas o ódio perpetuava-se com as dores do flagelo que passou das mãos de meu pai e de meu irmão para as de meu marido. Saiba, senhor, que não fui eu que o mandei chamar depois de quinze anos. Foi o voto espontâneo deste meu benfeitor, a quem, pela primeira vez, tive de repreender uma acção. A sua presença recebi-a como um ultraje; e ainda assim tive a fraqueza de apertar-lhe a mão. Quando ouvi perguntar que poderia o marquês de Montezelos fazer em meu favor, respondi, mas não respondi plenamente. Saiba, pois, meu irmão, que sou a condessa de Santa Bárbara, vendida por oitenta contos. O preço do meu corpo é todo meu, compreende-me, senhor?

– Não – respondeu rapidamente o marquês, fixando no chão os olhos rancorosos.

– Não? – tornou ela. – Pois eu lhe digo. Poucos dias antes da minha fuga de casa do conde de Santa Bárbara, disse-me este homem que fosse a casa de meu irmão receber quarenta contos de réis que lhe emprestara há quinze anos e que vivesse deles longe da sua vista; e dizendo-me isto, atirou-me com um título de dívida... Ei-lo aqui... preciso ser embolsada... A mulher vendida reclama o preço de seu corpo.

A condessa proferiu as últimas palavras já de pé, com o título de dívida aberto e voltado para o marquês. Este, imóvel e estupefacto, viu-a virar-lhe as costas e sumir-se pela porta por onde há pouco entrara.

Eu quis ainda atalhar o último lance desta cena; mas fiquei surpreendido com aquele título. A condessa era tão nobre que não quisera, mais cedo, mostrar-me tal documento, receosa de que eu lhe aconselhasse que o pusesse em juízo. O marquês, superior a todas as afrontas, depois do primeiro choque, reanimou-se dos espíritos da sua herdada depravação e sorriu-se como por desprezo.

– Não me parece justo que se ria, Sr. Marquês! – lhe disse eu. – Essa valentia moral com que V. Ex^a afronta desprezivelmente as aflições de sua irmã não lhe é honrosa, nem mesmo proveitosa. Eu, pela minha parte, declaro-lhe que esta senhora não precisa de alguém que a proteja no caso de querer embolsar-se judicialmente dos quarenta contos que V. Ex^a lhe deve. Eu, que lhe salvei o filho, hei-de ser um tão bom procurador como fui cigano e como tenho sido ministro de Deus ao pé de seu pai, de V. Ex^a, dela e do pai de seu filho.

– O que V. S^a a quiser – disse o marquês desenfastiadamente; e desceu as escadas trauteando não sei que estribilho galhofeiro dos que se ouvem nas orgias taverneiras do Bairro Alto.

Suspenderei aqui a cópia do *Livro Negro* de padre Dinis.

XIV

O conde de Santa Bárbara era um desses muitos maridos corajosos que recebem, sem vacilar, o golpe de uma afronta que suas mulheres lhes dão. Essa coragem não é, porém, uma qualidade nobre. E o cinismo, o extremo oposto da honra, que, por uma dessas analogias dos extremos, se parece muito com a virtuosa resignação. O conde não fora afrontado por sua mulher; mas, enquanto não soubesse os passos que ela dera fora de sua casa, deveria julgar que o fora. Não é preciso que um homem seja honrado para calar em si o vexame de uma preferência que lhe fere o orgulho; mas é rigorosamente preciso que seja de índole estragada, até à lástima, o marido que proclama a desonra da mulher para justificar a sua. Tal fora o conde de Santa Bárbara. Quando a consciência lhe dizia que sua mulher fugira debaixo daquele tecto, onde a desesperação e a tortura lhe golpeavam a vida em um vagaroso paroxismo, esse homem excepcional vingava-se da infeliz, que não quisera morrer às suas mãos, apregoando-a adúltera, e adúltera das que abandonam seus bondosos maridos para se hospedarem em casa de seus amantes. Se minha virtuosa mãe se suicidasse, o conde de Santa Bárbara talvez dissesse que uma paixão violenta por um amante que a desprezara a impelira a esse vergonhoso delírio.

Padre Dinis prometera espreitar os passos do conde. As revelações feitas pelo conde de Alvações poupam-no a diligências. O carácter do primeiro estava definido e o do segundo também.

O conde não alterou o programa com que voltara de Santarém. Poucos dias depois que entrara em casa, viram-no sair com a galharda presença de um homem que leva no rosto a paz da consciência. Algumas horas antes saíra uma traquitana com as portinholas cerradas. Quem dentro ia era a criada, o anjo da sublime paixão do conde. Anjo sublime lhe chamo eu, e não é por ironia que o digo. Para certos caracteres são aquelas mulheres os anjos, e nem eu sei se é judicioso criticar um homem que viu a sua felicidade onde nós veríamos a nossa desgraça... Quem previra então o que esta mulher foi depois?...

Antes de partir, o conde recebera a visita das primeiras pessoas de Lisboa, que por cerimónia se interessavam na sua saúde. Para este culto respeitoso muito concorria a valiosa importância que o conde tinha ao pé de D. Miguel. As ilações que um político poderia tirar desta simpatia, desta aproximação, desta importância, não importam nada ao romancista que escreve uma história contemporânea; mas tantas são elas, e de tanto alcance na perda inexplicável das instituições políticas em vigor até 1833, que muito valia a pena dissecá-las, sem receio de resvalar com o escalpelo pela face de alguns que ainda vivem.

Ora o conde de Santa Bárbara a cada amigo que lhe perguntava pela condessa contava-lhe, com ar de constrangimento, a história de sua mulher enquanto solteira, a má vida que lhe dera como casada e, por fim, o seu aviltante e inqualificável procedimento no abandono em que o deixara, refugiando-se não sabia ele aonde, com o homem por quem fora preferido.

Minha mãe, portanto, era o alimento ignóbil das conversações das salas e das praças, quando o conde de Santa Bárbara, contente de si, e firme com todo o peso da sua perversidade, abandonava Lisboa e sonhava voluptuosamente uma quadra de venturas novas, que tão risonhas lhe prometia o terno sorriso da sua amada Eugénia.

Padre Dinis, com o coração cheio de amargura e os lábios cerrados pela compaixão que tinha de minha mãe, calou a vil reputação em que a pobre senhora estava sendo conceituada. Era fulminá-la, talvez, uma semelhante denúncia.

Mas o padre não podia, com mais ânsia, zelar a honra de uma filha cuja inocência lhe fosse uma convicção tão íntima como a probidade de minha mãe.

O primeiro passo dado pelo padre foi o único que podia dar-se em favor de minha mãe. Apresentou no tribunal, onde se tratam sevícias e castigam caluniadores, uma petição que não era só petição, mas um apelo que a condessa de Santa Bárbara fazia a seu marido para repetir as infâmias que lhe imputara na presença das pessoas que as propalavam em Lisboa.

Este requerimento de minha mãe produziu uma profunda sensação de remorso naqueles que a arrastaram ao pelourinho das praças, segundo a vontade de seu marido.

Era necessário que voltasse o conde para responder à interrogação, ao grito aflitivo, às sagradas exigências de sua mulher. Minha mãe tinha uma protecção única: era o padre, que apenas lhe pedira a sua assinatura, em um papel em branco, porque não queria fazê-la sabedora do estigma que lhe cuspiram na face senão depois que ela já o não sentisse.

À hora em que o requerimento era despachado, o conde de Santa Bárbara chegava a Santarém. Ao apearse do seu cavalo, chegou à portinhola da traquitana, oferecendo o braço à criada, que se viu embaraçada com o cortejo das pessoas que a reputaram condessa de Santa Bárbara.

O conde entrou melancólico no quarto da hospedaria e queixou-se de uma dor física que o não deixava respirar. Esta dor cresceu com sintomas assustadores, e os facultativos que rodeavam o leito do conde olhavam-se mutuamente com esse olhar de desconfiança que aterra um enfermo. A ideia da morte apresenta-se a um perverso com um cortejo de flagelos, que não sabemos se lhe mordem a consciência varada de remorsos, se lhe despertam a ansiedade da vida para novos crimes.

Algumas horas depois que a dor parecera apertá-lo em seus braços de ferro até sufocá-lo, o conde sentira alívio, contorcia-se menos, mas desfalecera em uma completa atonia do corpo. Uma febre violenta sobreveio-lhe imediatamente, e os médicos declararam-no perigoso.

Vinte e quatro horas depois, apeavam na mesma hospedaria um escrivão e um meirinho geral, perguntando, não pelo conde, que o não supunham ali, mas pelo tempo que lhes seria necessário para alcançá-lo. Entre estes homens de justiça via-se um outro. Era o padre Dinis, que se despedira de nós por dois ou três dias indispensáveis para negócios seus.

Outro qualquer vacilaria antes de levar uma citação vilipendiosa à cabeceira de um enfermo gravemente perigoso. O padre, não. Os enviados do juiz de fora pareciam hesitar, encarando a farda agaloadada dos lacaios do conde, que, encostados à porta do quarto de seu amo, esperavam as ordens que lhes eram transmitidas pela serva carinhosa, que não abandonava o leito do seu enfermo.

O padre, porém, instigava-os com a lei e com o seu ar de soberania, menos fácil de ser desobedecido que a lei de ser sofismada pelas simples vistas das librés do nobre conde de Santa Bárbara.

A antecâmara do ilustre enfermo estava cheia de fidalgos de Santarém, que vinham respeitadamente depor nas mãos da criada, como costuma dizer-se, os seus profundos sentimentos pelos incómodos do conde.

Padre Dinis, o escrivão e o meirinho atravessaram a sala destes senhores, maravilhados do que viam. Já com a mão no fecho da porta, que abria para o quarto do conde, padre Dinis, voltando-se para os grupos de fidalgos que o contemplavam absortos, disse com delicadeza e intimativa:

– Peço a VV. Ex^a que se demorem alguns minutos, porque a sua presença vai ser necessária para uma obra honrosa.

E entrou no quarto do conde de Santa Bárbara.

O conde estava com a cabeça inclinada sobre o ombro da criada, que recebia, em

uma postura graciosa, o doce fardo de seu senhor.

Surpreendido pelo ruído da porta, que rapidamente se abria, o febricitante abriu os olhos, e cuidou ver mais três fidalgos da comitiva, que não cessavam de visitá-lo.

Padre Dinis cortejou ligeiramente o conde e olhou de revés com estudado desprezo a enfermeira, que, pela indiferença, parecia convencer-se da honesta missão que preenchia à cabeceira do doente.

– Quem são VV. Ex.^{as}? – perguntou o conde, esforçando-se em receber com gravidade heráldica que o caso pedia os recém-chegados.

– Pelo tratamento que nos dá – respondeu o padre – bem se vê que não temos a honra de ter relações com V. Ex.^a Eu sou um padre, que neste momento, contra os cânones, acumula de alguma forma a função de procurador de causas. Este senhor é escrivão da terceira vara, estoutro é um meirinho.

– Que pretendem de mim? – interpelou o conde, franzindo a testa.

– É aqui ao Sr. Escrivão que compete responder – disse o padre tranquilamente.

– Citar V. Ex.^a – acudiu o escrivão – para o fim conteúdo neste requerimento.

– Não devo nada a ninguém – exclamou o doente, com a face duplamente abrasada pela febre e pelo orgulho irritado.

– Não se trata de dívida, Sr. Conde – tornou o escrivão. – V. Ex.^a perdoará se venho involuntariamente mortificá-lo. Sou mandado aqui a requerimento da Sr.^a Condessa de Santa Bárbara

– Que tem essa mulher comigo? – interrompeu o conde, afastando freneticamente os cabelos que se lhe empastavam no suor da testa.

– A Sr.^a Condessa – prosseguiu o inalterável escrivão – queixa-se de ter sido atrozmente caluniada por seu marido, e requer que V. Ex.^a seja chamado a juízo para provar a calúnia, ou desdizer-se.

– Desdizer-me! – vociferou raivosamente o conde. – Desdizer-me!... Eu?... Você sabe com quem fala, *su* beleguim, *su* miserável, que o mando azorregar pelo meu boleeiro!

Estes gritos acabaram de resolver os fidalgos que estavam na antecâmara a entrarem atropeladamente no quarto. As visagens que o conde contorcia denunciavam um louco furioso e assustariam qualquer homem que não fosse um escrivão de juízo. Não há nada mais heróico que a impassibilidade com que o razoável funcionário respondeu às ameaças do enfermo.

– Sr. Conde de Santa Bárbara – disse ele, sorrindo bondosamente –, a lei, cujo executor eu sou, exerce o seu domínio sobre os membros da sociedade do estado normal. V. Ex.^a não pode ser autuado, porque as suas faculdades intelectuais reclamam a enfermaria de S. José, e não podem achar o bálsamo no Limoeiro. E se isto assim não fosse, creia V. Ex.^a que o autuava. Esperarei um intervalo lúcido, para que V. Ex.^a assine a citação que vou lavrar na presença destas testemunhas.

Enquanto o escrivão experimentava na unha os bicos da pena que o meirinho lhe ministrava do seu tinteiro de osso, o conde, com os olhos torvos e esgazeados, fixava diabolicamente a fisionomia de padre Dinis.

– Eu já vi este homem... outra vez!... – murmurava ele. – Era esta mesma cara... lembrás-te, Eugénia?...

O conde não achou resposta a esta interrogação. Eugénia não pudera suportar a vista fulminante do padre e fugira sobressaltada quando viu pelo quarto dentro a irrupção dos cavaleiros atraídos pelos gritos desentoados do seu amante.

O conde, espantado de não ver a seu lado a inseparável companheira das suas agonias daquele dia, rodava sobre o tronco e procurava-a ansiadamente em todas as direcções.

Padre Dinis, que ouvira a pergunta e não vira a criada para responder-lhe, aproximou-se lentamente do travesseiro do enfermo e disse-lhe quase ao ouvido:

– Sou efectivamente o homem que V. Ex^a viu...

– Defronte das minhas janelas... – atalhou o conde.

– Defronte das suas janelas – continuou o padre –, justamente, quando V. Ex^a me mandou retirar, ameaçando-me.

– E consigo estava um rapaz...

– Não há dúvida... estava comigo um rapaz...

– Quem era?

– Que lhe importa a V. Ex^a saber quem era? Era um órfão, suponha, era uma criança inofensiva...

– E com que direito vem o senhor aqui acompanhando este escrivão?

– Eu sou o protector único da Sr^a Condessa de Santa Bárbara. Sou a sentinela vigilante da sua honra, e posso, sem escrúpulo, dizer que o sou também da honra de V. Ex^a.

– Da minha honra!... O senhor zomba de mim!...

Este curto diálogo passou despercebido para os que estavam alguns passos distantes da cama do enfermo. O escrivão acabava de lavrar o auto de notificação, ou como é que se chama, e oferecia atenciosamente ao conde a pena, para o indispensável efeito da assinatura.

O conde não hesitou aceitá-la; mas, apenas a recebeu, deixou-a cair, como se a mão lhe paralisasse nesse momento. A queda da pena sucedeu a queda das pálpebras, e uma sonolência profunda lhe deu às feições a placidez cadavérica de um moribundo em paroxismos.

Esta transição improvisa levou o terror ao espírito do próprio escrivão, que de bom grado se retiraria se uma lei ferrenha lhe não infugisse em perda de officio a imperfeição do solene mandato.

Neste momento entrou um dos facultativos, que tomou o pulso ao doente e disse:

– É uma síncope; os sintomas não são aterradores; mas após esta pode vir uma que o mate.

– Sr. Doutor, que doença é esta do Sr. Conde? – perguntou o padre.

O doutor encolheu os ombros...

– É um caso novo na minha clínica e na dos meus colegas – disse ele. – Temos esgotado há quarenta e oito horas todos os recursos, e esperamos um diagnóstico mais característico para capitularmos este caso extraordinário.

O doutor iria espraçar-se em um manancial de palavras arvesadas e túmidas; mas o conde de Santa Bárbara abriu os olhos impetuosamente e cravou-os ainda no padre, como se acabasse de vê-lo em um sonho pavoroso, para encontrá-lo ainda na realidade de acordado.

Esperava-se daqueles lábios convulsos e semiabertos uma imprecação, uma blasfémia, uma injúria, ou pelo menos um brado pelo boleeiro, armado do afidalgado chicote, quase sempre instrumento preferido nas desforras fidalgas.

Não aconteceu assim. O conde, com olhos serenos e o rosto quieto, olhou em derredor de si e murmurou a meia voz:

– Antes que eu assine este papel... peço que me deixem só com este senhor.

A pessoa que ele apontava era padre Dinis.

Os circunstantes retiraram, e padre Dinis fechou-se por dentro.

XV

Padre Dinis, sem acertar com o assunto daquela entrevista extraordinária, fechou sobre os que saíram a porta do quarto e aproximou-se respeitosamente da cabeceira do enfermo. O conde, sem levantar os olhos das mãos, que tinha cruzadas sobre o peito, em devota postura, depois que humedeceu com a língua os lábios ressequidos do calor da febre, falou assim pausadamente, dando a cada palavra o tom lúgubre de uma solene revelação, feita à hora da morte:

– Sr. Padre!, eu, se escuto a minha consciência, ouço acusações, que me afligem; mas se consulto o meu coração, absolvo-me dos meus pecados, isto é, daqueles que cometi em agravo da condessa de Santa Bárbara.

Padre Dinis cortou depressa o silêncio em que ficara o conde:

– Antes escute a consciência, Sr. Conde, porque o coração apaixonado é um mau conselheiro, que, depois de instigar o crime, não tem dúvida alguma em absolvê-lo.

– Mas a cabeça, senhor, inclina-se para o coração... Eu precisava vingar-me... vingar-me, sim!... Zombaram de minha inocência... fizeram a minha alma vítima da minha riqueza... Se eu fosse um pobre, não viriam os especuladores tolher-me a felicidade de toda a minha vida...

– Não o compreendo bem, Sr. Conde... Visto que V. Ex^a me faz a honra de querer ouvir-me, quisera eu que me aclarasse as suas ideias de modo que eu possa responder...

– Pois sim, responderá, mas eu é que tenho poucas... ou não tenho nenhuma perguntas a fazer-lhe... Não sei se vou dizer-lhe novidades. Se o não forem, ouça-as repetidas por mim, que são ditas como na presença de Deus... Há-de ouvi-las com paciência, e eu hei-de dizê-las com repugnância, mas com verdade... Eu era uma criança quando o marquês de Montezelos, mascarado de uma hipocrisia astuciosa, me veio perturbar nos meus desvãos de rapaz, que não faziam mal senão a mim, que os comprava à custa do meu dinheiro... O impostor lamentava os meus desperdícios e doía-se, dizia ele, de ver tão mal encaminhado o roteiro do representante de uma das mais ilustres casas de Portugal.

»Primeiro ouvi-o com paciência; depois afiz-me àquele pertinaz perseguidor, que se deu a liberdade de entrar em minha casa a toda a hora, de mandar os meus criados, de intervir nos meus negócios e de zelar os meus interesses com afecto paternal.

»O seu primeiro trabalho foi indispor-me com os encarregados da minha tutela, convencendo-me de que era uma cabilda de ladrões, que medravam no banquete da minha fortuna e me davam a mim os sobejos dele. Fazia-me concordar na ladroeira que me faziam, porque me não davam quanto eu lhes pedia, e, se eu replicava mostrando que a receita era maior que a despesa que me arbitraram, respondiam-me com as suas contas futuras no acto da minha emancipação. Estas *contas futuras*, dizia o ardiloso marquês, que eram palavras escolhidas para contemporar o roubo e organizar um saldo que tornasse ainda por cima os ladrões meus credores.

»A continuação destas calúnias estudadas capacitou-me. Era necessário estorvar o progresso do roubo, e para isso dizia o meu hábil conselheiro que o meio único era o meu casamento.

»Eu detestei esta palavra, cuja realização nem em sonho me tinha vindo à cabeça. Era a primeira vez que se me impunha como necessidade um estado que eu aborrecia nos outros, porque bem cedo estudei os outros, e bem gravadas tinha ainda na memória recordações de minha própria casa.

»O conselho do marquês tomei-o como um dito banal, não obstante a seriedade grave com que me foi dado. Ainda assim o importuno recalcitrava, e queria que eu lhe

respondesse alguma cousa. Uma vez, por me desfazer de uma conversa fastidiosa, despedi-me dele, dizendo-lhe que o melhor conselheiro de casamento era uma boa mulher solteira.

»O marquês sorria-se com não sei que ar de alegria, que me fez cismar! Eu não era tão simples que não visse naquele sorriso uma expansão de cálculo mal comprimida!

»Eu bem sabia que o marquês tinha uma filha. Lembrava-me de a ter visto dois anos antes, muito linda, muito cortejada, mas muito dedicada a um filho segundo do conde de Alvações. Lembrava-me também de uns tiros que, a horas mortas, foram dados sobre o namorado de D. Ângela, dos comentários que a sociedade fizera ao acontecimento e da entrada violenta que o pai lhe obrigara a fazer em um convento.

»Todas estas recordações, quase desvanecidas, porque nunca mais vi D. Ângela, eram ainda assim razões de mais para que a filha do marquês não merecesse a pena de um namoro, quanto mais a loucura... de um casamento! A existência dela para mim era uma cousa tão indiferente, e mesmo tão sem poesia, que, durante alguns meses de familiaridade com o pai, nunca me deu para perguntar-lhe por ela; e, se algumas vezes me lembrava que o meu inseparável mentor tinha uma filha, julguei que devia não falar-lhe dela, porque talvez a sua melindrosa susceptibilidade se magoasse.

»Como poderia eu lembrar-me seriamente de ser o esposo eleito da filha do marquês de Montezelos!

»Fui a um baile do conde de Colares. Entrei por ali dentro, deixe-me dizer-lhe a verdade, com tenção feita de namorar uma mulher que viesse equilibrar a desenvolta paixão que eu tinha por cães e cavalos de raça. Parece-me que um rapaz não estava bem sem uma mulher que morasse em uma rua espaçosa, onde pudesse um bom cavalo árabe saltar em corcovos mortais, que dessem uma alta ideia do cavaleiro à sua namorada. Aqui tem, Sr. Padre, como em mim principiaram as chamadas idealíssimas aspirações da mocidade. Vaidade de admiração, desejo de assustar uma mulher, e de extasiá-la, mostrando a superioridade das minhas pernas aos galões e solavancos de um cavalo. Triste definição do amor, por mais exclusiva que seja!... Vamos adiante

– Sente-se talvez incomodado com o esforço que faz em falar? – interrompeu o padre.

– Pelo contrário, senhor... estou melhor quando recordo épocas em que fui menos feliz... Como lhe disse, entrei nos salões do baile e fitei com avidez muitas mulheres. Mal entrara, o marquês estava comigo. E, depois das improrrogáveis frioleiras de um cumprimento, travou-me do braço e disse-me que queria apresentar-me a sua filha.

»Fui, não sei se de boa vontade, se maquinalmente. O caso é que fui, e vi ao cabo de uma fileira de cadeiras uma formosa mulher, uma figura deslumbrante, um misto de riqueza e de formosura que me pasmou. Era necessário atravessar vagarosamente a multidão de homens, e eu ansiava por avizinhar-me daquela mulher, muito contente, por supor que a filha do marquês lhe não estivesse longe.

»A minha curiosidade não me deixou tempo de a reconhecer ao pé. ‘Quem é aquela mulher que está sentada na última cadeira?’, perguntei eu ao marquês. ‘É minha filha’, respondeu ele. ‘Sua filha’, interrompi eu com um espanto idiota. ‘Sim, senhor; pois nunca a viu?’ ‘Creio que não... pelo menos nunca a vi com os olhos que tenho hoje...’

»O marquês tornou a sorrir de mim com a alegria da outra vez e foi comigo abrindo as massas cerradas de homens até nos aproximarmos da bela rainha da festa.

»A minha ilusão desmereceu um pouco com a vizinhança; mas nem tudo era ilusão; a mulher, vista de perto, aumentara em valor de coração o que perdia no quilate dos olhos. Era mulher para ver-se, mas era mais para amar-se... Como eu pude em um momento jogar com todas estas ideias!... O amor tem estas intuições iluminadas, que

podem fazer calar a mais frenética paixão por cães e cavalos de raça.

»Comigo deu-se o caso!

»Ângela recebeu-me com frieza, mas sem orgulho. Pareceu-me triste. Na face não tinha a frescura da inocência feliz. Não me espantou. O homem que aquela mulher amara muito tinha morrido, e quem sabia se ela lhe amava ainda a memória?

»Eu disse-lhe lugares-comuns, e ela respondeu-me com monossílabos. Falei-lhe em cousas do coração, respondeu-me com o silêncio. E a verdade é que eu estava amando-a. Sentia uma energia de alma, um incêndio repentino, que me fazia superior a mim. Que miséria! Até dessa imagem que eu supunha viver-lhe na alma, como a sombra de um cadáver, dessa mesma tinha eu ciúme! Notei-lhe a dificuldade que lhe sentia em responder-me. Ângela sorria-se, e eu tomei-lhe por escárnio aquele gesto de distração, talvez, se é que ele não era uma leal expressão do seu infortúnio

»Retirei-me azoado com a gelada recepção que me fez. O pai parece que nos contemplava de longe. Mal me separei da filha, saiu-me ao encontro. Vinha perguntar-me delicadamente o valor da filha, como eu pergunto a um picador o valor dos meus cavalos. 'Então', disse ele, 'esteve entretido?' 'Sua filha é muito económica de palavras', respondi eu. 'Então ela não falou?', perguntou ele em ar de zangado. 'É que não estava bem comigo', rematei eu, para ir cumprimentar algumas tias minhas, que me acenavam.

»Eu não podia, a despeito do amor-próprio, desviar os olhos de Ângela. Se ela tivesse dito torrentes de eloquência, amava-a naturalmente pelo espírito. Como não disse nada, amava-a pelo silêncio. O coração do homem é como o paladar dos pobres: tudo lhe sabe a comer.

»Vi que o marquês foi direito como um raio à filha; inclinou-se um pouco ao ouvido dela e disse-lhe cousa que a fez pôr os olhos no chão; e, apenas o pai voltava as costas, Ângela levava um lenço aos olhos, enxugando lágrimas.

»Fez-me impressão isto! Que lhe diria ele?

»O homem estava outra vez de volta comigo, chamando o assunto da conversação para a filha. E eu não me enfadava com tal. Dizia que Ângela tinha indisposições momentâneas, que ele não sabia se eram romanticismo, se temperamento melancólico; mas que estava pela primeira conjectura, atendendo ao coração de sua filha, que tinha sede de um amor puro e santo como a sua alma. Não podia dar-se um melhor corrector de corações sequiosos!... Mas a verdade é que estas informações de tão bom canal entusiasmarão-me a vaidade. O marquês era experimentado como todos os homens gastos! Sobejava-lhe em maldade o que a natureza lhe não dera de cavalheirismo. E, portanto, o homem adivinhava uma a uma cada sensação que as suas palavras me imprimiam. Sempre me disse cousas da filha!... Eu hoje estou corrupto, Sr. Padre, e penso que não há salvação para esta alma perdida no abismo do mundo; mas ainda assim não sei explicar o impudor do marquês, quando me dizia que tornasse ao pé da filha, que talvez a encontrasse já de outros humores. E pareceu-me tudo tão bem, tão natural então!

»E, em verdade, quando timidamente me aproximei de Ângela, achei-a dócil e risonha. Uma cadeira vaga junto dela proporcionou-me uma conversação, que, neste momento de confissão geral, lhe digo, Sr. Padre, que é a reminiscência que em todo o tempo me susteve o braço, para que eu mais tarde não enterrasse um punhal no seio da filha do marquês de Montezelos

»Sentado ao pé dela, apesar da minha desenvoltura, sentia-me sopeado de entendimento e falho de expressões, como um parvo dos meus mais parvos foreiros. Chegou a hora da coragem, e eu disse-lhe que a amava até ao delírio. À fé de cavalheiro, que lhe não mentia! Que cousas eu lhe disse, e que resposta ela me deu!

Basta que eu lhe diga, meu caro senhor, que de todo o conteúdo na nossa prática resumida resultou-me um decidido *não* da parte dela, que me fez dar em terra com a alma do amor, para me levantar até à fúria a alma do orgulho

– Eu já sabia essa história – acudiu o padre.

– Já sabia esta história? Contou-lha ela?

– Sei-a, não sei se dela, se de quem; sei que é uma das mais belas flores da coroa de martírio da Sr^a Condessa. Uma tal confissão feita por V. Ex^a priva-o de encaminhar a sua narração até encontrar justiça para o seu mau procedimento com a desgraçada filha do pior dos pais...

– Não acho conveniente – atalhou o conde – que V. S^a a se meta a juiz antes de ouvir o depoimento do réu...

O doente, por mais de uma vez, acompanhara de um sorriso irónico certas expressões que o leitor terá notado.

Era esse o carácter, e seria mais fácil fazer sorrir uma estátua que tirar o sorriso aos lábios do conde.

O padre admirava aquela incoerência, mas explicava-a melhor que eu posso explicá-la. Dizia ele no seu *Livro Negro* que o rir do conde de Santa Bárbara era um acto tão natural e espontâneo na sua organização como as lágrimas em outras organizações. E acrescentava ele que tanto devia julgar-se mau o rir de uma como bom o chorar de outras, porque há homens, e especialmente mulheres, que têm um reservatório de lágrimas sempre à bica, uma máquina de risos com as rodas sempre azeitadas. A expressão tem de verdadeira o que lhe falta de bonita.

O conde, que conhecia os seus costumes, e não era hipócrita, atalhou as reflexões mentais do padre com esta justificação plena dos risos equívocos:

– Rogo-lhe que, por bondade, não traduza mal estas minhas expressões galhofeiras. Eu fui sempre assim, ainda no mais apertado de minhas desgraças. Quando não tinha com quem falar, escrevinhava enredos de chistosas novelas, que poderiam muito bem revelar um homem de espirito truanesco. Pois não é assim, Sr. Padre? Por minha salvação lhe digo que entranhei até ao fundo da alma o horror da minha posição moral neste mundo... Basta de reflexões, não lhe parece?

– Não se prive de fazê-las, Sr. Conde... E pena que...

– Que é pena?...

– Que V. Ex^a não seja perfeitamente feliz! Sê-lo-ia se no baile do conde de Colares tivesse um amigo que lhe dissesse: «Olha que te aviltas, perseguindo uma mulher que te repele.»

– Não tive amigo, não tive ninguém... ao menos nessa noite. O meu segredo não podia eu confiá-lo, porque me envergonhava. Onde o meu orgulho podia desabafar era nas revelações feitas ao pai de Ângela... mas, é tão natural que me custasse então... fazê-las!... É preciso que eu já amasse muito aquela mulher para me envergonhar de fazer seu pai meu confidente!...

»Se eu não fosse muito criança, deveria ter sido muito escasso de timbre e de dignidade! A repulsão tinha sido gravemente senhoril; mas eu quis capacitar-me de que D. Ângela era muito grosseira. Amuado, e frenético como um rapaz de colégio em quem deram duas palmatoadas, ia retirar-me do baile, quando o marquês, vigilante espreitador de meus passos, me saiu ao encontro.

»– Então que é isso? – disse ele. – Refira-se?

»– Retiro-me – lhe respondi – porque não estou bem. Eu não sou um homem de bailes, porque não sei falar com esta gente; creio que sou muito estúpido, ou muito feio!... Parece que não valho um caracol quando desço do meu cavalo preto para o chão, onde toda a gente anda!...

»– Não estejas assim zangado – tornou o meu nobre amigo e Sr. Marquês de Montezelos, estreitando-me cordialmente ao seu sensível peito –, és ainda muito rapaz, meu conde, e eu quero fazer-te homem à força, para que se não diga que tal és tu como eu.

»A este abraço expansivo e ao *tu* que o acompanhou devia seguir-se o trato, a confiança e a familiaridade a que eu, até esse momento, dificulosamente me afizera. Desde então, o marquês, com os seus quarenta e quatro anos, parecia-me um rapaz, tratávamo-nos por *tu*, contava-me as suas rapaziadas, pedindo-me segredo inviolável, e de todas que me contava tirava sempre esta gloriosa conclusão:

»– E tudo isto que fiz, meu conde, são aventuras do tempo de casado... Já vês que o casamento é um contrato político, civil, económico e higiénico até certo ponto. Enquanto gostei de minha mulher, gostei; depois que a vi muitas vezes sempre com a mesma cara, com a mesma cintura e com a mesma mão e pé, que me fizeram endoudecer de entusiasmo, desejei que ela tivesse uma grande mão, um pé inglês, uma cara sabia e uma cintura mais larga que as espáduas. Como a estátua não se transfigurava, detestei-a... não digo bem... não a detestei como um belo traste dos meus aposentos, mas sim como excrescência matrimonial à minha vida. Ora aí tens, meu conde... a mulher com quem se casa é de todas as mulheres aquela com quem menos se casa. Sabes por que eu te digo, por que te conto estas saudosas bambochatas?

»Eu sabia perfeitamente... O *virtuoso* marquês dava-me prelecções que deviam alentar-me o espírito, se a ideia do casamento me intimidasse com o seu cativo de toda a vida.

»Que generoso sogro! Dispunha-se a levar-me pela mão até ao altar com sua filha; mas de antemão, atendendo à grandeza do meu sacrifício, resgatava-me da servidão e desquitava-me de todos os respeitos devidos a minha mulher! Como não há-de ser sólida a beleza da sociedade, com sustentáculos da força do marquês de Montezelos!

»Mas tornando ao baile: como eu fosse muito instado do marquês pelos motivos da minha apoquentação, respondi-lhe com a mais estúpida singeleza que sua filha não gostava de mim. Envergonho-me hoje desta simplicidade!... Hoje!... Pois já é preciso muito, Sr. Padre! Vejo que tenho ainda a atravessar longos estádios de imoralidade para correr parelhas com o meu defunto sogro!... Não acha?

– Deus é que vê os corações; e permita Ele que seja assim! – respondeu o padre, tão enjoado da história que ouvira como compa₁ decido da baixeza a que pode vir um homem dos que a sociedade considera mais altos na nobreza do sangue!

Oh!, se a nobreza do sangue importasse a ideia de nobreza de espírito!

O padre continuou:

– Naturalmente, o marquês foi de novo intimar a filha, não é assim?

– Nada; então fui eu que não consenti, porque o homem nem ao menos soube fingir-se; largava-me o braço como um furioso de comédia, quando eu o sustive, dizendo-lhe que não tornava a sua casa se ele desse à filha uma palavra só a meu respeito enquanto estivéssemos no baile. Portou-se bem: nunca o vi falar com ela; mas esse mesmo silêncio a castigava e anunciava-lhe, talvez, os carinhos paternos que tinha a prodigalizar-lhe em casa... Pobre Ângela! Deus sabe. o que ela sofria... eu creio que muito!

O conde suspendeu alguns minutos a sua narrativa. As últimas palavras eram balbuciadas com a tremida inflexão do dó. O espírito do bem pedira àquele coração uma lágrima de mágoa e um espinho de remorso. A lágrima denunciou-se, e o conde, como envergonhado dela, cerrou as pálpebras; mas o espinho, esse não podia esconder-se... aquele silêncio tinha em si a aflitiva mudez forçada pela mão que nos sufoca as palavras na garganta.

Decorreram esses cinco minutos de silêncio, únicos talvez de vida, de consciência e de dignidade humana que tivera o conde até aos seus trinta e dois anos.

Padre Dinis, assustado com a transfiguração do enfermo, passou-lhe a mão pela testa, sondou-lhe o pulso e chamou-o com sobressalto. O conde abriu os olhos e fixou-o com um certo ar de brandura que impressionou religiosamente o padre.

– Sente-se mais doente?

– Sinto-me fatigado... – respondeu o conde sem aquela energia de voz e de exposição que admiravelmente empregara até àquele momento.

– Assim devia acontecer – tornou o padre Dinis. – Esquecemo-nos ambos do estado de V. Ex^a Devia eu lembrar-lho; mas, Sr. Conde, eu tinha tanta necessidade de ouvi-lo para combinar os lances desta sua tão desgraçada vida doméstica!

– Muito desgraçada... muito

O conde continuava, quando bateram à porta. O médico instava por que o doente tomasse uma porção de remédio; mas o doente fez-me sinal de que não abrisse: ele mesmo respondeu que não podia a porta ser aberta, e continuou:

– Deixe-me, senhor, ceder a uma sensação que nunca na minha vida experimentei... E uma cousa nova... E uma aparição melancólica, um não sei quê de luz celeste que me transparece de além, de tão longe, através desta minha longa noite de quinze anos... Estou-a vendo ainda no baile!... Como eu hoje vejo com os olhos do espírito aquela mulher, que me faz tão desgraçado, e eu tão desgraçada fiz!... Como eu era feliz se o meu coração tivesse sido assim!... Ângela era tão bela quando me pedia que não a amasse! Oh!, ninguém viu como ela era uma mulher que devesse mover tanto à compaixão!... Acarinhavam-na tanto as mulheres... iam e vinham tantas vezes a consolarem-na... murmuravam não sei que desgraçada profecia de seu destino! Agora, sim, agora é que eu ouço e sinto as palavras de um homem que o mundo chamava poeta, e que eu não sabia o que era!... Esse homem, vendo-me tantas vezes ao pé de Ângela, falou-me dela com tanto espírito, com tanta ternura e com os olhos embaciados de lágrimas! «Conde», dizia-me ele, «repara bem naquela mulher... é uma flor meio seca, suplicando que a desfolhem, porque não pode, no outono das lágrimas, suportar as saudades da sua linda primavera! Tu não sabes o que aquilo é... Vai deste mundo retalhada de agonias... Tinha na alma um sacrário de amor... converteram-lho em taça de fel... Queres tu, conde, verter a tua gota no coração dessa infeliz?!... Deixa-a, porque a memória de um primeiro amor... o cadáver de um primeiro amante, alimenta aquela existência de uma nutrição de saudades, que a tua paixão impetuosa não pode dar-lhe... Deixa-a por piedade, não a compres a seu pai, que compres uma escrava morta...»

Padre Dinis, com o entusiasmo radiante nos olhos, interrompeu o silêncio às últimas palavras do conde:

– Esse homem, esse poeta, nunca mais lhe falou a mesma linguagem?

– Nunca mais o vi, nem encontrei quem me falasse dele mais.

– Pois não era conhecido na sociedade?

– Dizia-se que era um mistério... Falei só com ele duas vezes. Na primeira folgava de ouvi-lo, como folgo de ouvir cantar os pássaros nas olaias da minha quinta! Que falar ele tinha! Na segunda vez que o encontrei, na minha quinta de Almada, um dia depois do baile, foi ele que me falou de Ângela... Procurei-o depois... nunca mais o vi... Era um homem de quarenta anos, tinha um bigode negro e uma estatura delicada... Falava como nunca ouvi falar a alguém... Foi uma pena perdê-lo... Hoje, mais do que nunca, o falar daquele homem devia ser um hino, a cujo som as minhas desgraças adormecessem.

– Era admirável! Apareceu-lhe como um anjo de salvação e abandonou-o quando V. Ex^a mais necessitava dos seus conselhos!

– Abandonou-me quando viu que eu lhe escusava os seus desvelos. Pareceu-me

uma maravilha! Apareceu milagrosamente, no seio de uma sociedade que o não conhecia. Não disse de quem era filho, mas foi apresentado na sociedade por um marquês das primeiras famílias de Lisboa, talvez o único que o conhecia. Quando repentinamente se escondeu, muita gente indagou o descaminho de Sebastião de Melo, que assim se chamava. As informações tardaram, e supuseram-no cavalheiro de indústria. Disse-se que era filho bastardo do conde de Viso, que residira no Minho e morrera. Muitas outras coisas se disseram a respeito dele. Uns atribuíram-nas à mania de romantizar os homens misteriosos, outros acreditaram-nas, e farejaram o rasto deste homem, que não puderam encontrar. Naturalmente, morreu.

– Morreria. Mas que poderia então dizer-lhe Sebastião de Melo que não possa hoje ser-lhe repetido por qualquer homem de coração, de inteligência e honra?

– Tudo que me disserem vem tarde. Cai... A beira do abismo é que me valiam amigos. Hoje, senhor, os amigos o mais que podem é lastimar-me. Lástimas é que eu não agradeço, nem sei de que sirvam. Nunca disse a ninguém os desgostos secretos de minha casa. Nunca me aparentei desgraçado, para me fazer interessante à compaixão dos outros. É natural que o mundo adivinhasse o horrível segredo do meu inferno doméstico, pela solidão a que me dei, desde que me vi manietado a D. Ângela de Lima. Nunca vim com ela a público. Não poderia vir sem me denunciar pela face. Há certas vergonhas que fazem corar as caras mais superiores aos risos sarcásticos da sociedade. Parecia-me que o mundo, ao ver-me associado tranquilamente a uma mulher... assim, motejaria a minha boa-fé e me daria, por comiseração, o suave epíteto de pobre homem...

– E por consequência – atalhou o padre Dinis – as nódoas da sua soberba queria V. Ex^a lavá-las nas lágrimas de D. Ângela de Lima, fechada oito anos em um quarto, com a fome e a sede por companheiras e o desespero da alma como consolação?! Era um expediente bárbaro, Sr. Conde! A sua alma decerto não se sentia aliviada. O sistema de afrontas vilãs e covardes com que V. Ex^a atormentava sua senhora não podia fazer-lhe menos suave o arrependimento, nem mais suportável a vergonha. Qual era o seu fim?

– Matá-la lentamente...

– É verdade, matá-la lentamente. Se V. Ex^a não tivesse a franqueza de me responder tão lealmente às suas intenções, eu mesmo me responderia em nome da sua consciência. O Sr. Conde queria que sua esposa morresse, mas não queria matá-la... Suavizemos um pouco a linguagem deste modo. A cousa dita assim é menos revoltante e mais verdadeira talvez. O que V. Ex^a queria era que D. Ângela de Lima morresse de modo que o mundo dissesse: «Morreu de pesar, de vergonha, de remorso, por ter enganado um homem que a comprou muito cara, porque a reputava uma jóia de inocência, um coração imaculado e uns lábios por onde nunca passara um riso de afeição que não fosse conquistado pelo seu comprador.» Era isto que V. Ex^a queria que o mundo dissesse, não é verdade?

O conde de Santa Bárbara olhava estupefacto para o padre, como se cada uma daquelas palavras lhe fosse rasgando fibra a fibra o coração, para devassar-lhe o segredo da sua consciência, que ele fechara para todo o mundo. Silencioso à pergunta que lhe foi feita, o conde levou a mão direita aos cabelos que lhe calam na testa húmida de uma transpiração repentina, inclinou-se um pouco sobre o braço esquerdo, cerrou as pálpebras, e pareceu assentir à pergunta do antigo cigano da quinta das Alcáçovas.

De novo bateram à porta, intimando o ilustre enfermo, da parte da incansável medicina, para tomar uma tisana. Padre Dinis, sem consultar o conde, abriu a porta, recebeu o copo, conduziu-o ao doente e perguntou se tinha algumas ordens a dar. S. Ex^a respondeu negativamente com um aceno. A porta foi de novo fechada pelo padre, que

continuou em pé, com os braços cruzados diante do seu interlocutor, que o encarava espantado, sem compreender a fascinação que o humilde padre exercia sobre a sua arrogância.

– Sr. Conde, vamos arrancar alguns espinhos da sua consciência. Não há desgraça absoluta debaixo do céu. Todos somos infelizes quando olhamos a medalha por uma só das faces. V. Ex^a é um problema. Cheio de vaidades da sua honra, apurado no timbre da sua dignidade a ponto de imaginar que todo o mundo lhe adivinhava os recônditos segredos da sua desonra, como pôde atirar ao mundo com sua mulher, proclamando-a adúltera, para se justificar das acusações que ela poderia fazer-lhe? Isto não tem solução; é o problema da insondável prevaricação do homem!... Vamos adiante. Eu não quero fazê-lo feliz. Isso é impossível. A hora de Sebastião de Melo passou. Agora é-me necessário imaginar que a sombra de Sebastião de Melo me está aqui segredando ao ouvido as consolações que esse homem inspirado poderia dar-lhe se vivesse.

– Se vivesse... fugiria de mim – interrompeu o conde, agitando-se febrilmente.

– Talvez não... eu creio que não. O profeta do infortúnio viria, como Jeremias, chorar nas ruínas que predissera, quando a opulência de Jerusalém meditava o crime que a fez cair para sempre. O seu amigo viria lastimá-lo; e, embora as lágrimas do amigo pareçam estéreis, creia que o não são, Sr. Conde. Confortam, quando não restituem ao infeliz o vigor da alma, a crença em um melhor futuro e a tranquilidade no meio do assédio de desgraças, que neste momento parecem empenhar-se em escurecer-lhe a vida. Sebastião de Melo falar-lhe-ia assim: «Conde, há quinze anos que eu te disse: essa mulher tinha no coração um sacrário de amor... converteram-lho em taça de fel. Queres tu verter a tua gota no coração dessa infeliz? Deixa-a, porque a memória de um primeiro amor, o cadáver de um primeiro amante, alimenta-lhe a existência de uma nutrição de saudades, que a tua paixão impetuosa não pode dar-lhe...»

– Quem lhe disse essas palavras?! – interpelou o conde, convulsivamente agitado.

– Foi V. Ex^a, há momentos. Recorde-se que me falou do homem que o mundo chamava poeta. É, pois, esse homem, que eu consulto neste solene momento. E em nome dessa misteriosa aparição que eu lhe falo: «Conde», diria ele se estivesse aqui presenciando esta paragem da sua atribulada existência, «conde, a segunda vez que falei contigo na tua quinta de Almada foi na véspera do teu casamento. Tu estavas radioso de felicidade: enlevavas-te em arroubamentos de uma poesia que eu não pude conceber, porque D. Ângela de Lima te dissera um dia antes: ‘Sr. Conde de Santa Bárbara, eu vou ser desgraçada, e V. Ex^a, se não encontrar felicidade em ser o meu verdugo, será desgraçado também, e sem remédio...’»

– Essas palavras, senhor, não lhas repeti há pouco! – interrompeu o enfermo, encostando-se com violento esforço aos bilros do catre.

– É verdade, não mas repetiu; mas permite Deus que eu, neste instante, escute os ecos do passado por um milagre de audição. Imagine V. Ex^a que eu sou um iluminado que a Providência conduziu ao seu leito da dor.

O conde encarava-o com estranha visagem de espanto, e padre Dinis, inalterável, prosseguiu:

– Sebastião de Melo diria: «Conde, quando te dei o último abraço, comprimi-te muito ao meu seio e murmurei ao teu ouvido para que teu futuro sogro, o marquês de Montezelos, me não ouvisse, estas palavras: ‘É o último abraço que te dou, na tua época de felicidade; amanhã, se te encontrar, apertarei a mão ao mais desgraçado dos homens.’»

– Conheceu Sebastião de Melo? – interrogou o conde, cada vez mais alvoroçado.

– Conheci – respondeu o padre friamente, e continuou: – Esse homem, pois, que ambos conhecemos, diria a V. Ex^a: «E nunca mais te vi, conde. Não fui aos salões onde

nos encontrávamos: mas informei-me de ti, e soube que a tua casa, sombria como o terror e deserta do trato do mundo como o crime repulsivo, estava sendo um potro de torturas de tua mulher... um circo onde tua alma, transfigurada em instinto sanguinário de tigre, se sevava na desvalida vítima que dias antes te vaticinara o destino de ambos. Quis procurar-te... Não sei para quê... Nessa época, Sebastião de Melo era cruel como a cólera sufocada e robusto como a alavanca que se não torce debaixo do peso dos edifícios que arruina. Se te ele mandasse retirar o pé do pescoço de tua mulher e se tu não o retirasses, esse homem punha-te uma pistola ao peito, tu obedecias-lhe, naturalmente; mas tua mulher, desde esse momento, era dobradamente desgraçada. E, depois, não sei se o suposto filho do conde do Viso recuaria diante desta sua primeira intenção, se a sua vida não sofresse um revés, que tu não precisas saber. Sebastião de Melo desapareceu da sociedade, onde o reputaram cavalheiro de indústria, uns, e grande personagem, outros. O passado, passado. O mundo ficou, e Sebastião de Melo seguiu o seu destino. Há quinze anos és tu talvez, conde de Santa Bárbara, o único homem que se lembrou da existência desse enigma, que aí passou dois dias, envolto em um mistério, e alimentou os ócios da alta sociedade de Lisboa com o conceito da sua charada...»

– É possível, senhor! – interrompeu o conde alucinado, e estendendo os braços convulsos ao sacerdote.

– Possível... o quê, Sr. Conde de Santa Bárbara?

– O senhor é Sebastião de Melo... Agora sim... Esses olhos brilham como os dele... a sua voz era esta que estou ouvindo... era assim este corpo... Quantos anos tem?... Deve ter cinquenta e tantos... Justamente o mesmo... Diga-me quem é... é Sebastião de Melo, não é verdade?...

Padre Dinis estendeu solenemente a mão direita. Brilhavam-lhe os olhos vidrados de lágrimas. O escarlate do entusiasmo tingia-lhe as faces. Os cabelos, raros e brancos, parece que se eriçavam. Notava-se-lhe nos lábios uma críspação, como agitados pelo abalo do ar que não podia ser articulado na aspiração, que sobejava aos estos do peito arquejante. Estavam ambos suspensos, silenciosos, sublimes, e recopilando em um rápido pensamento uma síntese de dores cruelíssimas acordadas na reminiscência por aquele encontro.

XVI

Reanimara-se a fisionomia do conde. Eram de momentâneo empréstimo aquelas forças, mas o enfermo persuadiu-se que a sua morte estava na alma e que a presença de um homem que lá se lhe insculpira como um tipo de eterna saudade devia rejuvenescê-la. Padre Dinis, abalado pela comoção de tantos sentimentos sufocados, sentiu-se fraco para tanto. Sentou-se. Encostou os cotovelos à cama do seu antigo companheiro de poucos dias, deixou cair a face entre as mãos e esteve alguns minutos nesta posição, que o conde contemplava com sobressalto.

– Melo!... – murmurou o conde.

– Melo!... – respondeu o padre, sorrindo-se – chama-se padre Dinis Ramalho e Sousa... é como o mundo me conhece.

– És padre!... tu!... Que saltos a tua vida não daria para chegar a isto!... E estás velho!... O que é o homem! Como se pode ser o que tu és depois de ter sido o que foste, Sebastião de Melo!... Conta-me a tua história

– Não se trata da minha história... Falemos de ti, conde

Deixa falar esse homem do teu passado, visto que ainda tens para a sua memória um culto em tua alma. Respeita-o, que a desgraça é venerável. Não te recomendo os meus cabelos brancos, nem te falarei como o homem do Evangelho, que fala em nome de Deus, porque não pode ser obedecido como homem...

– Fala... Que queres de mim? Faz-me um homem bom, se podes.

– Não posso nada, conde... Se a tua consciência não for ferida pelo estímulo da honra, as minhas palavras passarão por teus ouvidos como as que te disse há quinze anos.

– Passaram-se quinze anos, Melo! A desgraça que eu alimentei nos meus braços quer hoje indemnizar-me, ensinando-me o que é a vida. Diz, amigo, o que devo eu fazer?

– Não to direi eu... Vai dizer-to a tua consciência.

O padre ergueu-se majestosamente, apertou a mão do conde e, com um ar de intimativa inexplicável, disse a meia voz:

– Sê honrado e verdadeiro.

Depois abriu a porta do quarto. Na saleta próxima estavam não só os fidalgos que o padre encontrara na câmara do enfermo, mas Outros que vieram informar-se das melhoras do amigo íntimo do Sr. D. Miguel. Ao darem de frente no aspecto estranho do sacerdote, pareciam acusá-lo da estirada reclusão em que tivera o seu amigo, com grave incómodo de SS. Ex.^{as}. O padre, direito como o batente da porta, curvando lentamente a cabeça, a que as mesuras fidalgas se dignaram corresponder, disse no tom daquela voz modelada em tom seráfico:

– O Sr. Conde de Santa Bárbara encarrega-me de anunciar às pessoas que o honram com a sua amizade que podem entrar no seu quarto.

E, dando um passo para o exterior do quarto, cruzou os braços, com postura hipócrita, e recebeu com ligeiras reverências os fidalgos que o saudavam como a um cardeal embrionário, ou pelo menos ao director da consciência do bispo de Viseu.

O padre seguiu o último e, voltando-se para o escrivão, que esfregava as mãos impaciente, disse:

– Espere.

A porta foi outra vez fechada. A aristocracia de Santarém rodeava o leito do enfermo. O corregedor, vestido de grande uniforme, desfez-se em zumbaias aos fidalgos, que o acotovelavam para que fosse ele o intérprete dos cuidados que a saúde

de S. Ex^a inspirava aos seus numerosos amigos. E, com efeito, o ilustre corregedor começava a gaguejar um improviso, que poderia render-lhe uma cadeira no Desembargo do Paço, quando padre Dinis, instado pelos olhares repetidos do conde, tomou o lugar mais próximo do doente e disse com intimativa sinceramente apostólica:

– O Sr. Conde de Santa Bárbara, suposto não se julgar em hora próxima de levar a Deus as rigorosas contas da sua vida, quis desagrar a sua consciência de mortificações, causadas pela inconsideração de um mau pensamento e de uma péssima obra. S. Ex^a bom de carácter, pôde reagir contra o instinto do mal, que deturpa as melhores índoles, quando o sentimento religioso se não apresta para as lutas quase sempre triunfantes da parte do erro...

Padre Dinis consultava, e de relance, na fisionomia do conde o momento em que devia calar-se para o deixar a ele «ser honrado e verdadeiro», como lhe tinha aconselhado. Esse momento cortou as últimas palavras do sacerdote. O conde, reanimado pelo tocante exórdio do enigmático Sebastião de Melo, possuindo-se do magnético prestígio que amolecia em docilidade de criança toda a dureza do seu orgulho, falou, e falou sem balbuciar, sem refugir um momento ao pavor de um vergonhoso desmentido a si próprio:

– Desonrei-me, senhores, cuspidando uma afronta na face da Sr^a Condessa de Santa Bárbara, minha mulher: infelicitei-a pelo violento casamento em que a comprei a um pai desmoralizado. Quis que ela expiasse as infâmias de seu pai e dei-lhe durante quinze anos uma vida de incriveis amarguras. A desgraçada sofreu de joelhos, silenciosa, humilde, e votada ao sacrifício com a santidade de mártir. Arranquei-a à tranquilidade das suas lágrimas. Não quis acreditá-la quando ela me disse que o seu coração tinha morrido no momento em que Deus a fizera viúva de um homem que o seu espírito adorava na eternidade. Meditei suplícios, afrontas, humiliações ao seu amor-próprio, ultrajes à sua dignidade, levei-a perto da sepultura e, quando a vi fugir, indignei-me de que a vítima se não deixasse arrancar o último gemido sem que a sociedade a ouvisse. A condessa de Santa Bárbara fugiu, há dias, de sua casa. Previ que ela viria contar os flagelos que ninguém adivinhava. Quis justificar uma infâmia com outra infâmia.

»Fiz correr que D. Ângela de Lima era adúltera e que, para saborear o crime com mais desaforo, abandonara seu marido. Este boato foi bem recebido. A desmoralização acolheu-o, sem estudar o meu carácter nem o da infeliz. É uma atroz calúnia, senhores. Minha esposa, cujo destino ignoro, poderá estar morta, poderá, a estas horas, ter descido à vil condição de uma criada de servir, mas a sua honra, se está manchada, é da minha perversidade, é do contacto a que a forcei com um homem de instintos degenerados, que desonram o nome de meus avós

A excitação exaurira a última aspiração das suas forças. O conde quisera continuar, e caiu da posição violenta em que falara. A surpresa pintava-se nas fisionomias que o rodeavam, com as cores que simulam a indignação. O corregedor, homem honrado, franzia a testa e roçava a ponta do nariz com o lábio superior. O decano dos fidalgos de Santarém, D. Cristóvão Vaz, carregava o sobrolho e alongava os beiços em ar de nojo. Em todas as outras fisionomias, mais ou menos expressivas de surpresa, observou padre Dinis o predomínio da moral sobre a corrupção. Quem apresentou um aspecto franco, sem esgares, festivo como o júbilo da consciência e soberano como o império da honra sobre as vilanias que se retorcem no raso da hipocrisia, era o ministro do altar, o maior entre todos aqueles, o tipo da grandeza do homem, investido da missão de acurvar orgulhos à força prestigiosa da palavra.

Padre Dinis chegou-se à cabeceira do leito, limpou o suor que escorria gelado na testa do conde, ajeitou-lhe os travesseiros, tomou-lhe o pulso e acenou aos circunstantes que se retirassem. O médico entrava quando eles saíram. Ao ver assim o doente, que

poderia, com a vida, elevá-lo às funções de físico-mor do reino, assustou-se e perguntou ao padre se o acesso durava há muito, se o suor seria crítico, se os espasmos eram diafragmáticos e as titilações intermitentes. O padre sorriu-se ao palavreado estrídulo do doutor e respondeu que não estava habilitado para ver tantas doenças juntas; que lhe parecia aquele acesso uma comoção toda do espírito, que passaria ligeiramente. O doutor, que tinha larga experiência, fechou o olho direito, arriou um pouco a comissura esquerda dos lábios, franziu a asa esquerda do nariz e começou a dar estalinhos nos dentes com a unha do pólex. Ora, tudo isto queria dizer que a medicina tinha momentos de consciência em que tristemente pensava no pouco que pode. Aquele era um dos casos; e aquelas visagens do médico douto, e farto de restituir ao pó os que vieram do pó, eram sempre fatais.

O conde desmaiara. Estava da cor do lençol. As pálpebras tremiam e as fontes pulsavam-lhe impetuosas. As mãos, frias e lívidas, roxeavam nas extremidades. Padre Dinis assustou-se e perguntou ao médico a sua opinião.

– A minha opinião – disse ele, compassando as sílabas e trauteando os sorvos da terceira pitada –, a minha opinião é a da ciência nestes casos. Aqui há supuração pulmonar ou alteração em qualquer outra víscera importante. Os medicamentos antipsóricos devem esclarecer-nos sobre o tratamento que mais convém seguir, no caso que a psora tenha traduzido a crise moral por que está passando o enfermo. Sabe-me dizer se estes acessos são apiréticos? Tem conhecimento dos hábitos higiénicos do Sr. Conde? Estas intermitências são típicas?

Padre Dinis queria sorrir às perguntas do sábio de Santarém, mas realmente a ocasião não era oportuna. O conde acabava de abrir os olhos, que pareciam toldados de uma névoa cinzenta. O sangue, que refluía ao coração, injectava-se-lhe agora em salientes cordões ao correr da testa. O palor da face avermelhou-se de improviso como a flor da romã. Os sintomas de uma congestão cerebral, no entender do padre, eram assustadores. O médico compulsava o doente, tacteava-lhe o sistema circulatório em toda a economia e propunha-se sangrá-lo, quando o conde, desafogando um gemido profundo, exclamou, estendendo a mão ao padre:

– Sinto-me melhor!

O doutor, contentíssimo do resultado, ainda assim contrário às suas previsões científicas, fez algumas perguntas ao enfermo, receitou variadas receitas para variados sintomas, e foi derramar benefícios com mão profusa sobre a humanidade.

Achavam-se, portanto, face a face o salvador de reputação de D. Ângela de Lima e o homem que, horas antes, se reputaria feliz se lhe dissessem que a condessa de Santa Bárbara se precipitara dos arcos das Águas Livres.

Padre Dinis disse afavelmente, levando a mão do enfermo aos lábios:

– Falaste do coração, conde; mas o corpo não podia tanto. Caíste extenuado; a tua alma, porém, elevou-se muito alto. E ela que te há-de restituir o vigor dos trinta e dois anos. Que te diz a tua consciência?

– Abençoa-te... Sente-se grande, onnipotente contra todos os vexames do infortúnio, promete-me uma vida mais tranquila, dá-me a todas as cousas do mundo um colorido novo, expande-se e vê horrorizada, mas sem remorsos, o que deixei de torpe na minha viagem até aqui... Remorso tê-lo-ia se não me abrisse tão francamente diante de homens que se aterravam das minhas confissões. Eras tu o único em cujo semblante eu via a minha absolvição... Não importa... Para amigo bastas-me tu... Eles que me deixem... tu nunca me deixarás... A solidão, agora, seria a minha morte... Preciso de ti...

– E dela... – atalhou o padre.

– Sim... dela; mas não ousou chamá-la aqui. Ninguém acredita na transfiguração dos grandes perversos. É necessário que ela se aproxime de mim, sem terror. É muito

cedo

– Não é. D. Ângela é superior a todas as mulheres. Se lhe disserem que é nobre e grandioso o sacrifício de se ajoelhar, pedindo-te perdão de ter desmentido a calúnia com que lhe fulminaste a reputação, virá ajoelhar-se aqui.

– Ela não pode amar-me.

– Há quinze anos que eu to disse. Não pode amar-te... não te amará nunca. Era impossível! Que queres de uma mulher que te foi atirada aos braços quando chorava as primeiras lágrimas por um homem que do leito da morte lhe dissera: «Morro mártir, não me cuspas na memória!»? Que queres, conde, dessa mulher que tu no segundo dia de casado atiraste com a ponta do pé para o canto escuro de uma alcova e mandaste reconcentrar bem no inferno daquela situação, que nem tu mesmo eras capaz de avaliar?!

– Não me fales assim, que me atormentas!... – disse o conde, levando-lhe a mão à boca.

– É uma necessidade, porque eu quero dar-te a felicidade possível. Tu não podes viver uma hora com a condessa de Santa Bárbara. O que podias fazer-lhe de bom está feito. Se a queres humilde e sofredora, ela virá humilhar-se e sofrer. Se a queres morta, morrerá. Amiga, pela vontade e pelo entusiasmo, é impossível. Não te julgues o assassino da muita vida daquele coração. Morta para o amor já ela veio ter a teus braços. O mais que fizeste foi macerar-lhe o corpo. Tua mulher deve entrar em um convento. O que ela necessita é uma pouca de paz, o contacto com a virtude que lhe dê às crenças religiosas a solidez que a desgraça lhe abalou. Precisa de respirar o aroma do céu; e cá fora o ar está pútrido, a dor materializa e o desengano quebra o único amparo a que pode encostar-se a mulher cortada em todos os laços que a prendem ao mundo. Pois que supunhas tu? Pensavas que D. Ângela viria acarinhar-te com astúcias de um amor sobreposse? O seu carácter não é esse. Aquela mulher, se em vez de a aviltares até aos chinelos das tuas criadas, a fizesses sentar em um trono, rodeada de aias e invejada das mais felizes, choraria sempre. Ali não há ambições nem de amor, nem de fausto. O que ela pede, isso peço em seu nome, é compaixão e soledade. Quer-se só.

– Só!... – interrompeu colérico o conde – e o filho... sim, já que me forças a esta nova vergonha... e o filho!

– Que tens tu com o filho de D. Ângela de Lima? Com o filho de uma mulher que se desquitou de todos os compromissos contigo, um dia antes de rubricares o contrato de compra por, quarenta contos em metal sonante?

– Não me declarou a existência desse filho

– Com que obrigação? Que é que tu querias dela? Amor? Negou-to. Um corpo? Compraste-o. Que mais? Querias forçá-la a confessar a sua desonra? Para quê? Uma mulher que diz a um homem «Não posso amá-lo» não tem obrigação de explicar os motivos porquê. E demais, em 14 de Junho de 1821, na quinta de Almada, sentado debaixo dos chorões do portal, que te disse Sebastião de Melo?

– A tal respeito... não me recordo

– É falso... a tua reminiscência é feliz... Mostrei-te uma flor, era a primeira que brotara no vaso

– É verdade...

– E disse-te: «Aquela planta valia menos antes de produzir uma flor. Dizem que as mulheres são flores, é bem diversa a sua estima no mundo. A planta morre quando produz a primeira.» E tu disseste:

«Morre!» «Pensas assim?», repliquei eu. «Penso... Deus me livre de pensar o contrário», respondeste com soberba intimativa. «Não te cases...», tornei eu. «Que queres dizer?», interpelaste-me com azedume, que me pareceu propício. «Não te cases...

D. Ângela de Lima é como a planta que produz a primeira flor.»

– Não te compreendi.

– Compreendeste.

– Mentos! – bradou o conde exaltado, e sentou-se no leito.

O padre sorriu-se e continuou placidamente:

– Eu não menti nunca. Duas horas depois recebias um bilhete.

– Anónimo.

– Anónimo... que importava? Não te diziam aí cousas que um falsário não saberia?!

– Cuidei que era uma calúnia!

– Foi, portanto, uma calamidade a tua conjectura... Recapitulemos esta longa sessão. Não tens nada a perdoar a D. Ângela de Lima...

– Tens razão...

– O marquês de Montezelos é o único que deve falar à tua compaixão.

– Infame!

– Julgue-o Deus. A pedra do túmulo é sagrada. Profanem-se as cinzas dos mortos, quando precisarmos de justificar os vivos. D. Ângela já perdoou a seu pai: aqueles lábios, roçados pela esponja de fel, amaldiçoaram. Hoje, não. Se lhe disserem que seu dono renuncia os direitos de supliciá-la, perdoa-te.

– E eu preciso que me perdoe... Entre em um convento, se assim o quer; mas que eu a veja uma só vez. É impossível?

– Não.

– Onde está ela?

– Em minha casa.

– Onde é a tua casa?

– Em Lisboa.

– És incompreensível!... Chega a atormentar-me o mistério da tua existência!... Que relações tinhas com a condessa de Santa Bárbara?... Como pudeste fazê-la aceitar a tua casa? Tens família?

– És mais novo que eu vinte anos. Morrerei, naturalmente, antes de ti. O mais que posso fazer-te é conceder que leias as minhas obras póstumas. Verás bem descarnado o mistério da minha existência e as minhas relações com D. Ângela de Lima antes de ser condessa de Santa Bárbara. «Como pude fazê-la aceitar a minha casa?», perguntas tu. Facilmente. A minha casa é o santuário da honra e o asilo do infortúnio. Se tenho família? Tenho uma mulher de quarenta anos. Diz o mundo que é minha irmã... Que mais?

– És rico?

– Não. Sou independente.

– És padre Dinis, ou Sebastião de Melo?

– Ambas as cousas. Fiquemos aí. Deixa suspensas essas perguntas, até que o túmulo te responda.

– Queres deixar-me, não é verdade?

– E necessário. D. Ângela precisa, neste momento, de mim, muito mais que tu.

– Quando voltas aqui?

– Só?

– Não... com ela.

– Depois de amanhã ao nascer do Sol. Sairemos ao escurecer de Lisboa.

– Vem depressa, que a minha vida...

– Que tem a tua vida?

– Apaga-se. Tenho na cabeça um vulcão. Nunca me queixei, mas há dois anos que

sinto a morte aqui.

O conde punha a mão no lado esquerdo do peito, e tanto se possuía do pressentimento da morte que, de repente, se lhe anuviou o semblante de uma palidez cadavérica.

– Mas a tua vida – tomou o padre – tem sido, nestes últimos anos, desenvolta. Há dois dias ainda te era necessário fingir uma doença, e voltaste a Lisboa, cheio de vida, de alegria, e capaz de desperdiçar o vigor que te sobejava com...

– Torpes misérias do coração humano

– Tu o disseste, conde... Não será o que tu vaticinas. És novo e tens força de vontade. Repele a morte com valentia moral, e viverás. Adeus.

Padre Dinis abraçou o conde. Choravam ambos. Não há corações gastos quando a comoção é nobre.

O médico entrava quando saía o sacerdote. Ao despedirem-se, o doutor disse ao ouvido do padre algumas palavras que o deixaram pensativo.

XVII

O tema fecundo de todas as conversações em Lisboa era a fuga de minha mãe. A maledicência, mascarada com os momos e trejeitos da religião, criminaava o inqualificável procedimento da condessa de Santa Bárbara. As ilustres primas de minha mãe lastimavam-na por tamanha nódoa no brocado dos seus brasões. Nunca se vira semelhante procedimento na aristocracia!... O sangue azul regurgitava indignado nas artérias heráldicas da raça pura. O enojo fazia caretas de indignação em todas aquelas fisionomias límpidas e serenas como a virtude.

O anátema contra a adúltera roçava todos os lábios! O hediondo facto era um escândalo original!

A casa do marquês de Alfarela convergiam as potências mais autorizadas do sangue puro. Ali era o fórum da infamação. Naqueles salões caprichava a sátira em empalar a vítima do dia. Desde muito que os serões infalíveis, à quarta-feira, naquela casa, eram o Gólgota onde a ilustre dona da casa, ajudada pelas amigas presentes, crucificava as ausentes. Os convivas, de ambos os sexos, eram obrigados a depor no processo, de modo que a ré acusada de uma imprudência não pudesse nunca apelar para a comiseração generosa, ou para a tolerância dos que perdoam lapsos, que são, muitas vezes, o elogio do coração. Aquilo era o sumário. A suspeita era um diploma de devassidão; a devassidão era uma cousa horrível; todos os epítetos obscenos eram permitidos naqueles pudicos lábios, quando um fervente zelo da honra os excitava; tudo era permitido, menos, na ocasião desse moralíssimo desforço, sair da sala a marquesa de Alfarela, para, na sala imediata, chilrear uns beijos escandalosos, pendurada no pescoço de D. Martinho de Almeida. A imprudência abstinha-se religiosamente nesses momentos. Era uma convenção tácita, em que a mais imoral das casadas corria parelhas em virtude com a amante de seu marido.

Foi, pois, aí nesse anfiteatro, onde a dissecação no cadáver moral não deixava uma fibra inteira, foi aí que minha mãe, em uma quarta-feira das predestinadas, devia ser julgada, com toda a solenidade das leis vigentes, na jerarquia pundonorosa.

Achavam-se presentes as condessas de Penacova, de Arosa e Picanhol, oradoras encartadas no conventículo. As marquesas de Santa Eulália e Simões tinham voto definitivo, no correr dos depoimentos; logo que estas disseram: «Pouca-vergonha!», bradavam todas em tom pávido e cavernoso: «Pouca-vergonha!»

Os cavalheiros presentes eram a nata da sociedade lisbonense e alguns titulares provincianos que pertenciam ao exército. Entre todos, porém, é digno de especial menção um intruso na fileira dos nobres, que, na sessão da última quarta-feira, tinha sido o assunto da detracção.

Este homem há poucos meses apparecera em Lisboa ostentando maravilhas de uma riqueza fabulosa. Os seus trens deprimiam o orgulho dos palacianos. O seu palacete, edificado com presteza mágica e arreado das mais soberbas invenções do ouro, irritara a dureza insolente dos senhores donatários.

Alberto de Magalhães viera do Brasil. Quando, e donde fora, ninguém o sabia, nem ele dava lugar a perguntarem-lho. A propensão para o misterioso encarregara-se de o celebrar. O homem apresentava-se bem. Não era melindroso nas formas, mas no todo agradava pela harmonia. Representava quarenta anos. Contra o uso, caprichava em um espesso bigode negro, que lhe aprofundava os sulcos da face, mais terrena que macilenta. O seu olhar era soberano e ao mesmo tempo assustador. Fixando com atenção, franzia a testa e aparentava um doloroso aborrecimento. Falava pouco; mas ninguém disse que o seu silêncio era cálculo na estupidez. O que falava era correcto e

sentencioso.

Fizera-se interessar na corte, porque viera do Rio de Janeiro recomendado por uma notabilidade que vigiava de perto as intenções de D. Pedro a respeito de Portugal. O Governo, preocupado com a certeza de uma guerra demorada, abraçava todos os recursos para alimentar a coragem do exército. Alberto de Magalhães deu, à primeira instância que lhe fizeram, uma avultada quantia. Proclamaram-no benemérito e abriram-se-lhe os salões da aristocracia, sem lhe perguntarem quem era e donde vinha. Não tinha alguém que lhe chamasse irmão ou parente. Era só. A curiosidade ralava-se com este segredo. Era necessário dar pasto às conjecturas. Uns queriam que fosse um espião de D. Pedro, dispendo de uma fortuna que devia ser empregada em arruinar o trono e o altar. Outros tinham-no em conta de um aventureiro, que enriqueceu na mercancia ignóbil da escravatura. Este afiançava que ouvira dizer a pessoa fidedigna que esse homem fora pirata nas costas brasileiras. Aquele, com ares misteriosos, dizia que Alberto de Magalhães era filho bastardo de D. João VI e de uma açafata de D. Maria I. Quando este boato extravagante circulou, alguns fisionomistas célebres juraram que o beijo inferior de Alberto era um beijo genuíno da casa de Bragança.

Todas estas opiniões tinham sido discutidas nervosamente em casa da marquesa de Alfarela, na quarta-feira anterior àquela em que a condessa de Santa Bárbara, com o gravíssimo processo do adultério, veio substituir a sindicância natalícia do homem célebre, desde a degradação da espionagem até à genealogia de reis. Achava-se ele presente, mas, ao que parecia, estranho à discussão. É o que não podiam suportar as ilustres damas empenhadas em dar a possível elasticidade à maledicência.

A condessa de Penacova, que acabava de expor não só o que ouvira a respeito de sua indigna prima, a condessa de Santa Bárbara, mas até o que pudera inventar no calor da exposição, voltou-se para Alberto de Magalhães e disse com azedume:

– De que está a sorrir-se, Sr. Alberto?

– É de V. Ex^a – respondeu ele, amaciando as guias do bigode, sem levantar os olhos dos pés da senhora que o interpelara rudemente.

– De mim!? – redarguiu ela, vermelha de raiva.

– Do mundo, Sr^a Condessa.

– Não o compreendo...

– Nem nós... – disseram em coro as outras senhoras, com uma visagem de fastio.

– Não tenho eu culpa, minhas senhoras – replicou o imperturbável Alberto de Magalhães, sem mudar a vista dos pés da condessa de Penacova.

– É célebre este senhor!... – tornou ela, dilatando os lábios com um sorriso de aborrecida, expressão tão graciosa como zombeteira, capaz de dar em terra com o orgulho de um homem.

Alberto sorriu-se outra vez, olhou-a de revés, como quem se previne dos dentes de um gozo que ladra, e disse maviosamente:

– V. Ex^a quer que eu diga que a condessa de Santa Bárbara é a vergonha da fidalguia, não é verdade?

– Não lhe peço a sua opinião, cavalheiro. O que eu queria era merecer-lhe a delicadeza de não rir quando eu falar seriamente.

– V. Ex^a não fala seriamente.

– Porquê?

– Porque V. Ex^a disse entre muitas máximas da sua eloquente indignação que bastavam as intenções, embora malogradas, para mancharem a melindrosa reputação de uma senhora de nascimento.

– E então?

– V. Ex^a zombava connosco.

- Ousa muito, Sr. Alberto!
- Em quê, minha querida Sr^a Condessa de Penacova?
- Em supor que não consagro um sincero culto aos princípios de moral que estabeleço.
- Eu não disse tanto... O que eu disse é que V. Ex^a não era capaz de sacrificar, como Santa Luzia, os seus olhos a esses princípios.
- Isso é um insulto! – exclamou D. Martinho de Almeida, fitando Alberto com arrogância.
- Àquela senhora – respondeu o incógnito serenamente, indicando a condessa – digo que não é. A V. Ex^a digo... que o tome como quiser.
- É uma provocação? – interrogou D. Martinho.
- É ociosa a pergunta. Eu não o provoço, senhor. Tenho a satisfação de lhe dizer que V. Ex^a não me dá cuidado, nem me magoou ligeiramente.
- Mas, Sr. Alberto, se é cavalheiro, dê-me uma explicação do seu sorriso.
- Não queira, minha senhora.
- Quero, exijo e emprazo a sua honra para que o faça.
- O que, em boa honra, podia dizer a V. Ex^a, disse-o já. É uma coisa simplicíssima. A condessa de Santa Bárbara não pode ser julgada aqui. Os aforismos morais de V. Ex^a são exequíveis. A samaritana pode passar, que ninguém levantará uma pedra contra ela.
- Sr. Alberto de Magalhães, hei-de pedir-lhe uma explicação! – disse D. Martinho, tocando-lhe no ombro.
- Fez mal em me tocar, Sr. D. Martinho de Almeida. Essa frivolidade dizia-se de longe.

Alberto levantou-se sem a menor alteração na fisionomia de bronze. Pegou do chapéu, aproximou-se da condessa de Penacova e murmurou-lhe, quase ao ouvido, com suave sorriso:

- V. Ex^a tem a seus pés uma carta. Se não é de seu marido, que está nas linhas do Porto, pode ser um ultraje aos seus princípios de moral.

A condessa, espavorida e vermelha, não respondeu um monossílabo. Os circunstantes ficaram perplexos e acreditaram que Alberto era um homem superior, ou o próprio Satanás disfarçado. Saiu, cortejando graciosamente a dona da casa, que lhe recebeu friamente a cortesia. Entretanto, a condessa, com hábil disfarce, afastava com a ponta do pé para debaixo da cadeira uma carta, mal escondida pela orla do vestido.

O acontecimento fora assim. No exórdio da sua oração contra D. Ângela de Lima, a condessa de Penacova pediu a um cavalheiro que lhe desse o seu lenço, que estava sobre um bufete. O cavalheiro, que¹ não a tinha prevenido, envolveu no lenço uma carta, que a calorosa senhora não esperava. Pouco depois, no entusiasmo da mímica, o lenço deixou escorregar a carta, apenas percebida por Alberto de Magalhães. O cavalheiro infeliz não teve um momento em que pudesse avisar a dama do abismo que tinha aos pés, quando tão convicta parecia fulminar a imoralidade do adultério. E Alberto ria-se deste episódio de farsa quando a timbrosa condessa, representando o centro na tragédia, o interrogou. O riso era legítimo, santo, e até evangélico, se me dão licença.

XVIII

No dia imediato, Alberto de Magalhães recebia um cartel. Os padrinhos de D. Martinho, segundo o estilo, perguntavam com quem deviam entender-se nas negociações do duelo.

– Comigo – respondeu Alberto.

– Essa não é a praxe. V. Ex^a deve sujeitar-se às condições que lhe forem impostas por dois cavalheiros da sua confiança.

– É o que eu não concedo a ninguém. Obrigações da honra sou eu que mas imponho. Estou no uso das minhas faculdades. Não renuncio o direito de me dirigir. Respondo por mim: não me bato.

– Não se bate?

– Já respondi.

– E tem ponderado as inconveniências dessa resolução?

– Não encontro nenhuma.

– Há muitas.

– A mais grave de todas?

– É arriscar-se a um encontro, que pode ser muito funesto.

– Opto pelo encontro.

– Não temos mais nada que fazer?

– Darem-me as suas ordens.

Os padrinhos gelaram diante deste laconismo. Olharam-se com ar de assombro e entenderam que a sua missão estava concluída.

Alberto pareceu esquecer aquele episódio logo que os cavalheiros se retiraram. Entrou no seu gabinete de leitura e escreveu, até que lhe anunciaram o Sr. José de Campos Salema. Este senhor era quase familiar naquela casa. Entrou para o gabinete, despiu o casaco, vestiu um *robe de chambre* de seda roxa e estendeu-se em uma poltrona de molas.

O Sr. José de Campos Salema é um rico negociante, proprietário de nove navios, que permutam um opulento comércio entre Portugal e o Oriente, entre a Inglaterra e o Brasil, entre a Turquia e a França. É o que se diz em Lisboa a seu respeito. A sua fortuna orçam-na em quinze milhões sólidos, afora um crédito de mil e duzentos contos sobre o Estado, dívida contraída por D. João VI, de quem era compadre, na sua retirada para o Brasil.

O Sr. José de Campos Salema era portanto o primeiro capitalista de Lisboa e, ao que parecia, o único amigo íntimo de Alberto de Magalhães.

– Onde passaste a noite? – perguntou Salema, limpando o suor com a aba do *robe de chambre*.

– Em casa da marquesa de Alfarela.

– Está arruinada. Deu com a casa em pantana. Hipotecou-me por vinte anos a quinta de Alvarães. Traspassou-me por quinze os foros das comendas da Beira Alta. Está pobre. Quem a reduz a este estado é D. Martinho de Almeida. Estes filhos segundos querem que as mulheres casadas lhes sirvam de vínculos. Quem estava lá?

– A condessa de Penacova, a de Picanhol, a marquesa de Santa Eulália, a...

– Basta, basta. São boas! A de Penacova já podia deixar o mundo para desmentir o Nicolau Tolentino. É quase do meu tempo. Há vinte anos era interessante e prometia muito. Deu mais do que prometeu. Ainda por lá me andam dois contos de réis, que me derreteu como um raio à queima-roupa. Não sabes essa história?

– Não.

– É rica. Eu ta conto. A rapariga estava casada de fresco, e apenas acabou a lua-de-mel começou outra de óleo de rícino. Namorou-se de um tal António Pisco, escudeiro da casa. Era uma espécie de galego, largo dos ombros, e vermelho como uma lagosta. Costumava ir ao meu escritório buscar dinheiro das propriedades de Cascais, que o pobre conde vendia pelo barato. O bruto não apreciava a conquista. Um dia apareceu-me com um recibo do conde para levar dois contos de réis. Dei-lhos. Horas depois, recebo um bilhete do conde, perguntando-me se o seu criado António Pisco não viera receber dois contos de réis à sua ordem. Respondi-lhe que sim e que o recibo estava em meu poder. Passaram-se vinte e quatro horas, aparece-me a condessa desfeita em lágrimas. Diz-me que é amiga do desgraçado António Pisco, que jogou os dois contos de réis e que está no Limoeiro. Pede-me com as mãos erguidas o empréstimo desta quantia, para que o pobre rapaz não vá pela barra fora. Dei os dois contos de réis. Lá como se arranjam, não sei; o caso é que eu fiquei sem o dinheiro, e o meu amigo o Sr. António Pisco apareceu-me com uma hospedaria na Rua do Arsenal, onde um amigo meu, amador de petiscos, me disse que reconhecera uma noite a condessa de Penacova, saindo, quando ele entrava. De resto, é uma boa senhora. Dá que fazer ao capelão com os seus escrúpulos. Dizem-me que jejua toda a Quaresma e reza a via sacra com as criadas.

O sr. Salema arredondou o período com uma gargalhada e estranhou a seriedade de Alberto.

– Em que pensas? Aposto que não me ouviste.

– Ouvi tudo. A história é interessante de nojo... vamos ao importante.

– Vamos lá. Os navios *Raio* e *Lúcifer* ancoraram nas alturas das Antilhas. Esperaram dezoito dias em calmaria. Ao dezanove houve vento de servir. Levantaram, e fizeram-se de vela até vinte milhas de Cuba. Os navios espanhóis apareceram. Eram três. Foram abordados com pequena resistência. Carregavam sedas e porcelanas. O Lima andou optimamente... fez-se ao mar; içou bandeira portuguesa, pregou as baterias e aportou a sete milhas de Cádiz. Deve aí chegar na próxima semana. Calculo a presa em cento e vinte contos. Há carestia de seda. Mandeij alijar o lastro e recomendei para Cádiz a D. Pedro Gusmão que lhe fizesse boas e correntes as guias.

– Bem. E do Báltico?

– Não há noticia. É cedo.

– E do Panamá?

– Uma abordagem pouco interessante. O comércio do Peru está quase acabado.

– É necessário remover os dois navios.

– Por ora, não. Espera-se uma boa carga para a América do Sul. Dado este golpe, diz-se adeus ao oceano Pacífico.

O diálogo progrediu um quarto de hora neste sentido.

Alberto viu o relógio, tocou uma campainha e mandou preparar a traquitana. Salema mandou chegar a sua sege e despediu-se.

A traquitana do intimo amigo do Sr. José de Campos parou defronte da Igreja de S. Vicente de Fora.

Alberto apeou e atravessou duas ou três ruas tortuosas até meter-se em um beco e entrou na melhor casa que aí se destacava, com o seu primeiro e único andar, acima das esfumeadas soleiras dos casebres.

A porta fora-lhe aberta por um homem alto, de figura repugnante, meio vestido à espanhola, com uma jaqueta de botões brancos de metal rendilhados, uma larga faixa de seda escarlate e uma gorra vermelha.

O suposto filho de D. João VI, ao transpor o limiar daquela porta, parecia um outro homem. De entre as muitas selas pendentes de tornos, tomou uma, ajeitou-a em

forma de travesseiro, fez um canapé de quatro cadeiras e deitou-se na genuína postura de um arreeiro cansado.

– Tens aí vinho, José? – disse Alberto, limpando o suor às franjas de um cobrejão.

– Para embebedar quinze marujos – respondeu o cigano, vazando uma garrafa em um corpulento copo com asa.

– Dás-me alguma cousa de comer?

– Bacalhau frito com ovos e camarões, servem-lhe?

– É o melhor manjar deste mundo. Enquanto como, diz lá o que fizeste.

– Trabalhei muito, e não fiz nada.

– Pior.

– Eu lhe digo. Estive três dias em Elvas. Falei com quantos ciganos e troquilhas vivem por aqueles sítios há vinte anos. Ninguém me dava relação do tal Sabino Cabra. Depois dei comigo na quinta das Alcáçovas. Encontrei um criado velho, que pelos modos está ali há mais de vinte e cinco anos. Já viu morrer o avô e o pai do marquês de Montezelos, que vive agora.

– Como se chamava?

– João Alves. Fui-me ter com o homem e disse-lhe assim: «Você não está certo de ver por aqui há cousa de quinze anos um cigano chamado o Sabino Cabra?» O homem esteve lá a congeminar com os seus botões, pôs-se com as ventas no ar como um garrano de criação e disse que sim, que se lembrava do tal cigano, que por sinal lhe pagara uma ceia a ele e mais dois, onde beberam até não saberem de que freguesia eram. Até aqui vai a cousa como se quer; mas depois o cigano mirrou-se, e o tal João Alves nunca mais lhe pôs o olho, nem teve novas dele. ora aqui tem o que mais pude saber. Enquanto a mim, isso não era cigano... Era algum trampolineiro da borda-d'água. Mas que berzabum de conhecimento tinha o senhor com esse diabo alma que nos tem dado que fazer? Ai, por mais que me digam, anda dente de coelho... não me dirá?

– São cousas, meu caro José... Não há remédio senão perder daí o sentido.

Alberto ergueu-se para sair.

– O teu vinho e os teus camarões são deliciosos – disse ele. –Aqui fica dinheiro para outros que qualquer dia te virei comer.

– Oh, senhor!, com esse dinheiro compram-se todos os camarões, e pescadinhas, e linguados, que nascem no mar de Deus. Faz favor... eu não sou usurário; tenho escrúpulo em receber tanto ouro por tão pouco trabalho...

– Adeus, José, até outro dia.

E, reconcentrado na sua habitual tristeza, Alberto de Magalhães saiu, entrou na carruagem e mandou tocar para casa.

Ao cair da tarde, o misterioso investigador do cigano das Alcáçovas montou a cavalo e picou a trote largo para o Beato António, onde fizera construir uma linda casa de campo, ao gosto oriental.

Em frente do Convento dos Antoninhos viu que o seguiam a galope rasgado três cavaleiros. Reparou e reconheceu D. Martinho de Almeida, acompanhado dos dois cavalheiros que de manhã tinham sido os comissários do duelo. Alberto lembrou-se, nesse momento, da provocação. Consultou as suas forças, e estava inerme. Nem sequer uma sombra de comoção lhe veio ao rosto. Sofreou as rédeas. O cavalo reprimido ladeava em curvetas, que o cavaleiro de propósito lhe concedia para, de lado, perceber as intenções do amante da marquesa de Alfarela.

Este, abandonado de improviso da coragem impetuosa, ou afectando o sangue-frio da verdadeira valentia, susteve a desfilada do cavalo. Os companheiros, cerrados com ele, pareciam empenhados em insuflarem-lhe uma nova alma para alguma grande tentativa.

Alberto de Magalhães fizera ladear o seu alazão, de modo que, a poucos passos de distância, os três cavaleiros acharam-se com ele, face a face, sem que o reprovador de duelos se descompusesse uma linha na firmeza da sela. D. Martinho cortejou ligeiramente o seu adversário, que recebia a mão do conde de Cavez e respondia ao sorriso afável de D. Pedro de Alvim com outro sorriso.

D. Martinho de Almeida, irritado pela afrontosa indiferença com que fora recebido, cobrou alentos e pôde dizer com entono e afouteza, que ele mesmo não esperava;

– Sr. Alberto, eu disse-lhe ontem à noite que a sua honra lhe impunha o dever de uma explicação.

– O Sr. D. Martinho fez mais alguma cousa; tocou-me com a mão no ombro, acto a que eu dei importância muito grave e séria de uma ameaça.

– Enviei-lhe hoje os meus padrinhos. O Sr. Magalhães rejeitou a proposta do duelo.

– Rejeitei. Diga alguma cousa nova, Sr. Martinho.

– Entendi que um cavaleiro, digno deste nome, quando rejeita o desforço pelas armas, em leal contenda, quer satisfazer o seu adversário com honrosas explicações.

– Entendeu mal. Não tenho explicações a dar-lhe.

– Nesse caso, devo considerá-lo covarde...

Alberto de Magalhães, sem ironia, sem sarcasmo, soltou uma gargalhada conscienciosa. Depois, voltou-se para os amigos do pálido esgrimidor e perguntou-lhes que partido tomavam naquela pendência.

– O de cavaleiros – responderam eles. – A neutralidade, visto que V. Ex^a não aceita as condições do duelo.

Alberto apeou e prendeu o cavalo aos varões do pórtico do convento. D. Martinho, affectando tranquilidade que o rosto desmentia, apeou também e entregou o seu a D. Pedro de Alvim.

– Coragem! – murmurou-lhe este, quando Alberto voltava plácido e risonho, como quem vai lançar-se nos braços de um amigo. Diante do desfigurado espadachim, o misterioso defensor de minha mãe cruzou os braços, fixou-o com uma superioridade de desprezo e perguntou:

– Então?

D. Martinho, aguilhoado de vergonha, não da sua consciência, mas de dois homens que o consideravam corajoso, levantou a voz quanto a bravura do pulmão lhe permitia.

– O senhor é um infame covarde!

– Não estafemos o vocabulário das injúrias.

Estas palavras de Alberto foram acompanhadas de uma acção ignominiosa. D. Martinho sentiu na face o roçar da pita de um chicote. Recuou alguns passos, sem que o inimigo o atacasse. É porque receava ser presa de Alberto antes de tirar uma pistola, engatilhar e disparar-lha.

Feriu-o.

Aquele aspecto, há pouco natural e sereno como a fisionomia inalterável do estóico, desfigurou-se em traços ferimos de tudo que o rancor pode pintar no rosto do homem. Parece que se lhe viam laivos de sangue no bronzeado das feições. Dilataram-se-lhe as pálpebras, e as pupilas vidracentas de um brilho que só a fúria pode dar-lhe saíam das órbitas.

D. Martinho recuava aterrado; mas, a não o ter morto, a salvação era-lhe impossível!... Alberto arcou-o pela cintura, comprimindo-lhe os braços. A mão esquerda, inflexível como a gonilha, deslocava-lhe as vértebras do pescoço. Erguido em

todo o peso, no braço esquerdo do musculoso atleta, o franzino fidalgo esperneava como um frango nos dentes do gato montezinho. Os fidalgos contemplavam silenciosos e aterrados a ferocidade do homem problemático. Escravos da sua honra pontual, não quebrantaram os votos de neutralidade quando viram Alberto de Magalhães correr com o fardo à beira do Tejo e precipitá-lo pela ribanceira, da altura de seis ou sete côvados.

A transição da fisionomia de Alberto foi momentânea. As formas do tigre cederam às feições do homem. Era o mesmo que dez minutos antes. Passando por diante dos companheiros do seu infeliz contendor, saudou-os urbanamente. Ao montar o cavalo, reconheceu que o seu ferimento era grave, porque não pôde levantar o braço esquerdo à altura das rédeas.

O conde de Cavez e D. Pedro de Alvim apearam e debruçaram-se no precipício. Esperavam encontrar um cadáver, e viram o seu amigo entalado entre duas rochas, com a face arregoada de sangue. Chamaram-no, e ele pediu que o socorressem. De uma taverna próxima, que o curioso encontra ao lado esquerdo da estrada, vieram homens, que desceram o despenhadeiro e com grande custo transportaram D. Martinho a um barco. A mencionada taverna tem uma entrada pelo Tejo. O destroncado fidalgo hospedou-se as. As dores dos braços e pernas desarticuladas arrancavam-lhe gritos que comoviam a compaixão.

D. Pedro de Alvim corre a Lisboa em busca de médicos. Vieram, e declararam que nenhuma ferida era mortal.

A porta da taverna, os habituais frequentadores filosofavam sobre o acontecimento. Quase todos se acusavam de não terem arrancado os fígados ao patife que reduzira a tal estado o bom fidalgo, muito conhecido naqueles sítios. Alguns frades tinham vindo à taverna colher informações do atentado horrível. A opinião pública estava a favor de D. Martinho; e a vozeria contra o homem do cavalo negro era estridorosa. Alguns propuseram incendiar-lhe o quiosque, um quarto de légua distante, a que chamavam caranguejola, no seu ódio às inovações chinesas.

XIX

Neste conflito chegavam padre Dinis e o escrivão, de volta de Santarém. O tumulto excitava a curiosidade. O escrivão, obrigado pelo instinto, farejando no rasto do sangue um processo, perguntou o que era aquilo. Responderam-lhe que um malvado atirara com o Sr. D. Martinho de Almeida ao rio e fugira.

Padre Dinis não colhera dos frades informações mais amplas. Apearam e entraram na taverna. Subiram ao primeiro andar e esperaram na varanda que alguém os esclarecesse. O doente estava no quarto próximo. O médico veio à varanda lavar as mãos ensanguentadas do curativo e conheceu o escrivão.

– Que é isto, Sr. Doutor? – perguntou o funcionário.

– Uma desordem entre um tal Alberto de Magalhães e D. Martinho de Almeida. Picaram-se de palavras em casa da marquesa de Alfarela, por causa da condessa de Santa Bárbara.

– Da condessa de Santa Bárbara? – interrompeu padre Dinis.

– Sim, senhor. D. Martinho fazia coro com as damas, que reprovavam o procedimento escandaloso da condessa. O tal Alberto, que uns dizem ser espião de D. Pedro e outros filho de D. João VI, defendia a condessa de Santa Bárbara. Não sei mais nada... o que sei é que o pobre fidalgo está com um braço quebrado, duas costelas partidas, a cabeça contundida, a articulação femural deslocada, e não sei que mais.

– Esse tal Alberto de Magalhães – interpelou o padre – não é um sujeito que veio, há um ano, do Brasil?

– Justamente.

– Eu não o conheço – tornou o padre –, mas ouvi dizer que era um homem misterioso.

– Um homem diabólico, é o que eu penso que ele é. Disse-me D. Pedro de Alvim que tomara D. Martinho debaixo do braço e atirara com ele ao rio como quem atira um sagui morto à rua.

Padre Dinis, atordoado com o inconcebível daqueles acontecimentos, despediu-se do médico. O escrivão, convencido da inutilidade dos seus serviços ao decoro da lei postergada, visto que se não lavrara auto de exame, com grave escândalo da justiça, retirou-se.

Padre Dinis veio encontrar minha mãe na situação aflitiva em que a deixara. Eu não saíra de ao pé do seu leito. D. Antónia, extremosa e inseparável consoladora dos seus receios, poucas horas, das quarenta e oito decorridas, desde que seu irmão saíra para encontrar-se com o conde, deixou de ajoelhar-se à Mãe de Deus, suplicando-lhe o seu divino auxílio na comissão arriscada do sacerdote.

A aparição do padre, tão depressa, assustou minha mãe; contudo, o seu semblante era alegre, e no sorriso, raro aberto nos lábios dele, falava a esperança e animava-se o coração.

– Acho-a doente, não é verdade? – disse ele a minha mãe, tomando-lhe o pulso.

– Doente do espírito... estava triste... adivinhava trabalhos... sempre um pressentimento do pior.

– Enganou-se desta vez o seu anjo mau

– Como, Sr. Padre Dinis?

– O conde é um milagre da Providência divina. A compaixão, o remorso e a honra nasceram de repente naquela alma. Seu marido pede-lhe perdão: quer vê-la...

– Por Deus! Sr. Padre Dinis – exclamou minha mãe impetuosamente –, sabe as intenções do conde de Santa Bárbara?

- Sei. Pedir-lhe perdão, justificá-la no pelourinho onde a infamou; restituir-lhe a felicidade, não, que é impossível; mas conceder-lhe uma vida de paz e de descanso...
- Na companhia dele?
- Não, minha filha. Na companhia das suas saudades e das suas esperanças
- Esperanças!
- No reinado dos que sofrem, Há muito que amar fora do mundo. Verá o que é a tranquilidade do amor de Deus. Quer entrar em um convento?
- Ah!, sim, um convento, a minha ambição mais querida... um convento, meu bom amigo... Ele concede-mo?
- Concede.
- E meu filho?
- Entregue-o a Deus, e Deus me dirá o que deve ser de seu filho... Vê? Não lhe parece que principia uma nova época na sua existência? A roda desanda. Cansou-se a desgraça. Agora é crer muito, confiar muito e muito esperar. Amanhã iremos...
- Aonde?
- A Santarém. Seu marido está doente
- Doente?!... Perigoso?
- Deus o sabe. É necessário ir com tempo. A vida é uma luz desamparada e o vento da morte sopra de todos os lados... Tem força para ir?
- Deus ma concederá... Iremos... e depois?
- Voltaremos logo que o conde de Santa Bárbara possa seguir jornada.
- »Diga-me, minha filha... Está certa de ouvir pronunciar este nome: Alberto de Magalhães?
- Vi-o escrito.
- Onde?
- Em um bilhete que tenho no meu baú.
- Por que motivo?
- Cuidei que esse bilhete era uma disciplina de que o conde se serviria para me flagelar. Eu mostro-lho.

Minha mãe tirou de uma caixa de marfim uma carta, com fecho de lacre, e leu o seguinte:

À condessa de Santa Bárbara.

Há quinze anos que o marquês de Montezelos mandou matar um filho de sua filha, D. Ângela de Lima. O infanticida encarregado dessa missão não matou a criança, vendeu-a. A actual condessa de Santa Bárbara tem conhecimento deste facto? Responda a Alberto de Magalhães, residente em Lisboa.

- O quê, senhora?... – acudiu o padre, alvoroçado. – Queira ler outra vez... deixe-me ler esse escrito!... Santo nome de Deus, que confusão na minha cabeça...
- Que é? – disse minha mãe assustada.
- O padre leu o escrito.
- E depois?... Respondeu-lhe? – interrogou ele com veemência.
- Nada. Já lhe disse que me julguei o ludíbrio de um novo género de crueldade de meu marido
- Não recebeu mais nenhum escrito?
- Nenhum.
- Sr^a Condessa, tenha a bondade de escrever

O padre dobrou o papel e ofereceu a pena a minha mãe, que escreveu:

A Alberto de Magalhães.

A condessa de Santa Bárbara, infamada no seu infortúnio, agradece com lágrimas ao coração generoso que lhe defendeu a sua honra...

Minha mãe parou de escrever.

- Não concebo isto, Sr. Padre Dinis.
- Escreva, minha filha. Esse homem puniu hoje à tarde um dos seus detractores e tem uma bala em um braço...
- Que me diz, senhor?... Arrastam-me assim no mundo?
- Exaltam-na, Sr^a Condessa... Escreva:

Ela quer conhecer o cavaleiro que quis lavar-lhe as nódoas com o próprio sangue. Não pode ser já. Um dia, e breve será. D. Ângela de Lima quer pessoalmente responder a uma pergunta que lhe foi feita, há dez meses, por Alberto de Magalhães.

Era meia-noite. O padre Dinis saiu e dirigiu-se para a Rua dos Romulares, onde morava Alberto de Magalhães.

Nas cavaliças havia luz. Bateu, e o guarda-portão respondeu-lhe que àquela hora não abria a porta sem licença do patrão. O padre instou, pois, que lhe ouvisse uma pergunta, sem abrir a porta. Informou-se do ferimento de Alberto. Respondeu o criado que os médicos disseram não havia perigo. O padre pediu que lhe recebesse uma carta para entregar ao dono da casa. Tomaram-lha por debaixo da porta.

No momento em que o padre se retirava, aproximavam-se da porta dois vultos, que pararam. O padre escondeu-se no escuro de uma esquina próxima. Viu que um toque de convenção fizera abrir a porta. Os vultos entraram com precipitação, e o padre, receoso de algum salto traiçoeiro, coseu-se com a parede do palacete para escutar. No limiar da porta tocou com o pé em um objecto, que tiniu. Levantou-o. Viu que era uma pulseira.

Quando recolheu ao seu quarto, reinava profundo silêncio. Minha mãe adormecera encostada ao meu ombro. Eu tinha adormecido sobre um canapé, chegado ao leito de minha mãe. D. Antónia, que eu deixei ajoelhada no oratório, seria a única que ouviu os passos cautelosos do padre. Se os ouviu, agradeceu ao Senhor encaminhá-los ao seu quarto, onde, depois da meia-noite até às três horas, D. Antónia muitas vezes escutou o frémito da pena sobre o papel.

Padre Dinis, sentado na escrivaninha, reparou na pulseira, demorou-se a decifrar os caracteres de uma legenda na face interior, abriu o *Livro Negro* e escreveu algumas páginas com a seguinte epígrafe, que parece ser do autor:

30 DE AGOSTO DE 1832

E as filhas dos grandes, pela calada da noite, patinhavam no tremedal das torpezas, e deixavam após si o seu nome escrito em lâminas de ouro, cravejadas de brilhantes, para que as somenos em jerarquia se animassem a trilhar a senda da corrupção opulenta.

XX

Uma hora antes de amanhecer, o autor do *Livro Negro* bateu à porta do quarto de D. Antónia e mandou-a preparar com a condessa de Santa Bárbara. Depois saiu e voltou acompanhado de duas seges.

Quando ele chegou, estava minha mãe lançando sangue! D. Antónia quis avisar seu irmão, para obstar à jornada: minha mãe não consentiu. Habituada aos grandes padecimentos do espírito, as dores do peito nunca lhe deram cuidado: os golfos de sangue com que borrifava os lenços, nunca ela se lembrou que podiam ser sintomas de morte.

Com o padre entrava o velho Bernardo, o nosso amigo. O mestre entregou-me a ele e minha mãe inundou-me a face de lágrimas na despedida.

Partiram. Com o balanço da sege os sofrimentos de minha mãe aumentavam. Antes do Beato António, pediu que a deixassem ir a pé, porque receava morrer. O padre quis retroceder, mas a infeliz era incapaz de sacrificar um desejo da sua alma ao gozo da saúde, que há quinze anos não conhecia. Deu alguns passos a pé e sentou-se extenuada à porta da taverna onde se achava doente D. Martinho de Almeida.

D. Antónia perguntou-lhe se queria tomar um caldo de galinha, e ela aceitou a lembrança.

Padre Dinis vacilou um momento na irresolução de a deixar entrar naquela casa. Venceu a necessidade de fortalecê-la e o receio de a ver exausta de forças, quando a coragem da alma lhe sobrava. Entraram.

Os primeiros raios do sol de Agosto douravam o castelo de Palmela. O céu límpido, o Tejo azulado e o murmúrio matinal da natureza encantavam a alma naquele recolhimento íntimo, remanso providencial de suavíssima tristeza.

A condessa de Santa Bárbara, na varanda sobranceira ao Tejo, levantou o véu negro para respirar uma coluna do ar que até ali lhe fora cerceado entre quatro paredes sufocantes. Padre Dinis, ao pé dela, como um pai estremecido ao pé de sua filha tocada pela asa da morte, acompanhava-lhe o espírito nas suas elevações e adivinhava-lhas. D. Antónia, essa, por suas próprias mãos, cozinhava o caldo para a sua companheira de Nazaré e sua filha adoptiva desde que a desgraça lha lançou no regaço, como enjeitada da fortuna.

De repente se abriu a porta que abria para a varanda e apareceu a marquesa de Alfarela, cujas intimidades com D. Martinho de Almeida eram muito conhecidas do Sr. José de Campos Salema, o proprietário dos nove navios e dezoito milhões.

D. Ângela de Lima quis descer o véu; mas era tarde. A marquesa quis recuar, e era tarde também. Fixaram-se, cada uma lutando com o pejo, mas por diferentes motivos.

A marquesa rompeu o silêncio, titubeando:

– A prima Santa Bárbara!... Tu por aqui?

– É verdade!... O nosso encontro é estranho!... Chegaste agora, ou já aqui estavas?

A marquesa fez-se de sete cores e tartamudeou outros tantos monossílabos, que minha mãe não compreendeu. Padre Dais estava perturbado. Queria remediar o conflito e não via saída. Arrependeu-se do seu laconismo em demasia misterioso.

Retirou-se, por entender que a sua presença poderia aumentar os embaraços; ou por temer que a marquesa o provocasse a dizer-lhe ironias tremendas, que lhe saíam sempre dos lábios, picantes e certeiras, como a frecha do arco.

A marquesa, a sós com minha mãe, abraçou-a carinhosamente.

– Conta-me os teus infortúnios, prima! – lhe disse ela, modelando a voz compassivamente. – Ainda ontem a prima Lencastre e a prima Natividade lastimaram a

tua sorte, indignadas contra um boato infame que fizeram correr a teu respeito.

– Que queres, prima? A calúnia nem a desgraça respeita...

– Isso é verdade... Eu que o diga!... Tenho sido vítima como ninguém, e Deus sabe a minha consciência e o meu coração.

– E que diziam de mim? Que eu era adúltera, não é assim?

– É verdade; vê tu, Santa Bárbara, como se há-de viver nesta sociedade de detractores, e detractoras, que muitas vezes se retiram dos nossos salões, atirando com a nossa reputação ao charco da canalha...

– Eu não me queixo, prima, nem da sociedade, nem da Providência, nem de mim. Sou desgraçada, porque devo sê-lo. Deus quer que eu sofra... e então? O verme há-de revoltar-se?

– Coitadinha! Como estás definhada!... Há quinze anos, não te tenho visto quatro vezes... E agora para onde vais?

– Para meu marido.

– Sim?! Para teu marido?! Ora vejam o que é o mundo!... E a dizerem que ele propalara a tua fuga...

– Não sei, prima marquesa... Será tudo assim... O pior é que ele está doente em Santarém... Vou visitá-lo e ver se ele pode transportar-se para Lisboa. Demais... o mundo que fale... Se as tuas amigas te disserem que eu sou má, diz-lhes que lhes perdoe de todo o meu coração...

– As minhas amigas!... Essa é boa, prima! Imaginas que em minha casa ousa alguém deprimir o teu nome?...

– Não imagino; mas eu sei que a minha honra é disputada em duelos

A marquesa empalideceu. E minha mãe continuou sem reparar na turvação de sua prima:

– Não soubeste do duelo, creio que foi duelo, entre D. Martinho de Almeida e...

O resto foi interrompido por D. Antónia, que conduzia o caldo. Padre Dinis acompanhava-a e reparou na fisionomia da marquesa. Adivinhou-a. Enquanto a condessa tomava o caldo, a amante de D. Martinho procurava um pretexto para retirar-se. Padre Dinis, porém, não era homem de eliminar, por ignorância, o último pormenor dos assuntos que mereciam ser arquivados no *Livro Negro*. E perguntou:

– A Sr a Condessa de Alfarela como passa, minha senhora?

– Bem, obrigadíssima.

– Sempre exemplar de bondade e de virtude.

– Decerto... eu não tenho o gosto de conhecer V. Ex^a...

– Há aí demasiada fineza de tratamento, minha senhora... Eu não passo de um padre...

– Naturalmente capelão da prima Santa Bárbara...

– Capelão, não, Sr^a Marquesa... um simples criado

– Um pai... – interrompeu a condessa, olhando-o com ternura de filha.

– Pois não tinha o gosto de conhecê-lo... E meu marido conhece-o?

– Não, minha senhora... Não vivo ao alcance da sua vista... Eu é que lhe conheço as virtudes, que são do domínio público. E, se não me engano, creio que a vi na janela do outro lado

– Sim... – gaguejou a marquesa –, ele está também aqui...

– Vão de jornada? – perguntou o padre, afiando o gume de uma sarcástica simplicidade.

– Esperamos uma família... vamos ao Farrobo...

– Ah, sim?... Então madrugaram...

O diálogo foi interrompido por uma carruagem. Era o médico, conhecido do padre

por intermédio do escrivo. O doutor, supondo que as três senhoras eram parentas do enfermo, ao entrar na varanda, perguntou:

– Como vai o Sr. D. Martinho... naturalmente tem gemido?

Ninguém lhe respondeu. A marquesa voltou as costas para o grupo e olhou para o Tejo. D. Ângela de Lima consultou, espantada, a fisionomia do sacerdote. Este sorriu-se, cravando os olhos no chão. Ora o doutor julgou que a má sorte o trouxera ao centro de uns poucos de idiotas. A única pessoa que parecia querer responder-lhe, mas não sabia o quê, era D. Antónia, que entrava naquele jogo com a inocência com que entrava em todas as intrigas. O que acabou de convencer o doutor da demência daquele grupo, ou de uma embrulhada indecifrável, foi o padre impor-lhe silêncio com o dedo no nariz, quando se viu, segunda vez, interrogado sobre as melhoras de D. Martinho.

A crise era penosa para todos.

Padre Dinis deu o braço à condessa e cortejou as costas da marquesa, que, ao voltar-se para responder à saudação, não tinha nas feições uma fibra que não estivesse da cor do marroquim.

Minha mãe, reanimada pelo excesso de vida que tais comoções lhe deram ao espírito, achou-se mais confortada no corpo, ou mais esquecida das dores do peito. Entrou na sege e quis que o padre se sentasse ao seu lado.

Aquele segredo, dizia ela, que a ia atormentando. Foi forçoso ao padre contar-lhe tudo; e, se lho não contasse, o *Livro Negro* não seria enriquecido pelo diálogo da marquesa de Alfarela com a sua caluniada prima, dois dias depois que a retalhara a golpes e infamação, e propusera para o célebre congresso o adultério de sua «indigna prima» como matéria da noite.

D. Ângela de Lima sentia rasgarem-se as névoas que lhe ocultavam a face torpe do mundo. O ulceroso, o esqualido da sociedade, parecia-lhe impossível pelo asco, pela repugnância em acreditá-lo. Padre Dinis viu que a hora de desvendar aquela pobre mulher tinha soado, por isso que a traição, a impostura e a infâmia lhe assediavam a existência. A condessa de Santa Bárbara, segregada desde os dezassete anos do foco da grandeza no vicio e no luxo, supunha que seu pai era o primeiro homem perverso, que seu marido era o segundo e que estes dois homens, arrancados à família humana, deixariam a sociedade purgada de fezes.

E o padre, no decurso de sete ou oito léguas, pôs-lhe diante dos olhos o facho da experiência. Primeiro a luz era muita, e a desditosa senhora sofreu. Depois, os ouvidos habituaram-se a ouvir o anátema pelos lábios de um virtuoso, e creu que o mundo era péssimo. Foi então sublime! Quando o padre lhe perguntou o que achava aqui bom para a virtude, que se debate em um continuo paroxismo sobre a cama de flores e espinhos que a infâmia lhe faz, D. Ângela de Lima apontou para o céu e iluminou-se de uma alegria sobrenatural.

.....
Descera a noite. Santarém estava a um quarto de légua. A espaçosa, a viração trazia de lá um murmúrio cada vez mais débil. Era a população que retirava das praças e a alta respiração da vila populosa que desfalecia no cansaço da agitação diurna.

O padre cedera o seu lugar, na sege da condessa, a D. Antónia, que murmurava fervorosamente o seu rosário, oferecendo-o à Virgem, que ela exorava, como protectora da sua infeliz amiga. Minha mãe, embevecida na transparência estrelada do céu, recordava melancolias, que lhe filtravam lágrimas de saudades, amargas sempre quando as esperanças são impossíveis.

Padre Dinis ia triste das tristezas eternas do génio, e da virtude, em revolta com a ignorância e com o crime. Aquela formosa natureza, que em redor o chamava à paz, era-lhe um incentivo de mais funda dor. O silêncio da noite fazia mais doloroso o tumulto

que dentro lhe alvoroçava o coração. A sua alma era um abismo. Aquele homem há quinze anos que vivia a morrer em cada hora. Ao declinar da existência, com cinquenta e tantos anos, sentia-se robusto de um vigor providencial, que devia consumir em lutas atormentadas. A face cadavérica e o espírito arrojado em aspirações de moço! O corpo a alquebrar-se nas vizinhanças do túmulo e o éter da alma a abraçar-lhe em redor um vasto horizonte, povoado de paixões grandes, mas generosamente grandes! «O que tenho eu sido?», perguntava-se ele, cravando os olhos lá em baixo nas orlas do céu, profundas como o segredo do seu destino. «O que tenho eu sido? A condenação! Um mito de sofrimentos, mesclado de prazeres que o mundo reputa excentricidades! Um ambicioso de glórias, segredadas ao mundo e recolhidas no templo da consciência, como troféus que o mundo afastaria do seu caminho com a ponta do pé!...»

A absorção daquela dor invejável continuava em um diálogo entre Deus e o homem, quando um dobre de finados, ecoando, pelas quebradas das charnecas, em melancólica toada, arrancou o espírito do pensador para o positivo doloroso da Terra.

A sege de minha mãe parara, à sua ordem. O padre perguntou o que acontecera.

– Nada... – disse ela. – Não ouve aqueles sinos?

– Ouço... e então? É muito triste aquele som, não é verdade?

– Tive um abalo no coração.

– Tranquelize-se, minha senhora... Estava muita gente viva em Santarém...

Bastava que morresse uma pessoa.

As seges continuaram. A poucos minutos de jornada estavam em Santarém.

A condessa disse a D. Antónia que sentia pular-lhe o sangue nas veias. O pressentimento pintava-lhe com as vivas cores da realidade a ideia que lhe passara, como sombra de mortalha, diante dos olhos, quando o primeiro gemido do bronze lhe foi dos ouvidos ao coração. E, contudo, não podia dizer precisamente o seu receio. Era o torvo impenetrável do agouro o que ela sentia. A noite, o silêncio, o céu e a solidão davam as formas ao que a filosofia desprevenida chamava abusões de almas fracas, fantasmas do espírito desenfadado e outras injúrias com que a matéria se vingava de tudo que é superior, até no sofrimento!

Entraram em Santarém. A sege do padre Dinis passou adiante para parar na pousada do conde de Santa Bárbara. Estavam perto. À porta da hospedaria avultavam grupos. O padre respondeu ao pressentimento de minha mãe. O coração pulsou-lhe também com sobressalto. Quis parar ali. Para quê? Se as suspeitas eram a verdade, a verdade, ali, não podia esconder-se. Chegaram ao pé dos grupos. O padre perguntou que novidade era aquela. Responderam umas poucas de vozes:

– Morreu o Sr. Conde de Santa Bárbara.

Minha mãe ouviu-as. D. Antónia ouviu-lhe um gemido e tomou-a nos braços.

– Não é necessário... – murmurou ela. – Tenho forças e coragem para mais...

Quero aprear-me.

O padre abriu a sege. D. Ângela saiu. Nem uma palavra de aflição. Padre Dinis estranhou-a.

– Onde está ele? – perguntou minha mãe, tomando o braço do sacerdote.

– Aqui nesta casa.

– Quero vê-lo...

– Para quê?... Pois não sabe...

– Que está morto... sei... sabia-o já... Disse-mo Deus... já lhe rezei por alma...

– Pois bem... continue a rezar; mas não vamos lá... V. Ex^a recolhe-se a outra hospedaria.

– Respeite a minha vontade, Sr. Padre Dais.

A viúva subiu as escadas com estranho desembaraço. Atravessou a multidão de

fidalgos, que não cabiam na antecâmara. Entrou no aposento onde vinte minutos antes expirara seu marido.

Estavam ainda acesas as velas, ao lado do crucifixo. O cadáver não tinha sido tocado ainda. Estava descoberto da cintura para cima. Os colarinhos da camisa, empastados pelo suor frio da morte, pareciam identificados com a pele esverdeada dos ombros. Um braço pendia arregaçado até ao cotovelo. O Outro ficara atravessado sobre o peito. Os cabelos, uns pegavam-se ensopados na testa, outros, em desalinho, entremeavam-se nas rendas da fronha. Os olhos tinha-os meio abertos. Circulava-os uma zona de um amarelo salpicado dos bagos da transpiração da agonia. O nariz afilado na base, e dilatado nas asas, projectava raios escuros até aos cantos dos lábios, onde as sombras se continuavam por dois traços de sangue negro. A extremidade da língua, arregoada de sulcos pardos, via-se justaposta aos dentes superiores, cobertos de cária e raiados de sangue gelado. A crescida barba, em pastas húmidas, e como glutinosas, caía sobre o pescoço, onde as veias, regurgitadas ainda, pareciam ofegar os últimos arquejos.

Tal era o quadro que a condessa de Santa Bárbara tinha diante de si. Estremeceu? Recuou? Não. Afastaram-se de ao pé do leito os que se preparavam para transportar o finado a casa de seu primo D. Cristóvão Vaz. E ela aproximou-se. Ajoelhou entre o leito e a banquetta das luzes, que cobriam aquele âmbito de um clarão pavoroso. Levantou as mãos. Cravou os olhos, brilhantes de lágrimas, na face de Jesus Cristo. Os seus lábios não se moviam. As mãos tremiam de uma convulsão quase imperceptível. Não levantara ainda o véu. Ninguém lhe vira a fisionomia, e reconheceram-na todos. Aquele lance era respeitável. Aquele angústia não podia ser presenciada por indiferentes, nem interrompida por consolações banais. Aos pés da cama ajoelhara o padre. Ao pé dele, D. Antónia. Os outros retiraram-se. Era profundo o silêncio.

E todas as torres de Santarém vibraram esse gemido clangoroso que dá em terra com as soberbas ilusões dos que calculam com o presente para conquistarem novos estádios de felicidade futura.

XXI

Passados vinte minutos, padre Dinis não podia respirar os miasmas daquele quarto. D. Antónia, esvaída, retirara-se encostada ao irmão. A condessa parecia estranha a todos esses movimentos.

Receoso do que veio a acontecer, o padre pediu a minha mãe que se retirasse; que a oração era ouvida no Céu de todos os pontos da Terra; que o ar impuro daquele quarto, se teimasse em respirá-lo, lhe aumentaria gravemente os padecimentos do peito.

Arroubada na sua dor, ou indiferente às razões do extremoso amigo, não lhe respondeu. Alguns minutos depois fez-se lívida, como deve ser o aspecto de quem se escoasse de sangue. Vacilou sobre os joelhos e caiu de bruços com a cabeça sobre a banca e as mãos sobre a peanha da cruz. Só então, no declinar do corpo, os lábios obedeceram ao impulso do espírito. O padre ouvira estas palavras:

– Senhor! Perdoai-lhe a ele, e a mim não me condeneis...

Algumas senhoras das primeiras famílias chegavam a convidar a condessa para suas casas. Foi transportada, em braços, para a mais próxima.

O cadáver, amortalhado, foi dali conduzido para a igreja. Os médicos recomendavam a maior brevidade na sepultura.

Padre Dinis assistia, com sua irmã, à convalescença de minha mãe. O repouso restituiu-lhe o alento. Em roda dela as pessoas estranhas mortificavam-na. Pediu delicadamente alguns momentos de silêncio e solidão. Retiraram-se, menos o padre, a quem ela não consentiu a saída. Foi ele que quebrou o silêncio aflitivo de alguns minutos:

– A sua alma é angélica, Sr^a Condessa... devia sofrer... Perdoou... devia perdoar...

– Perdoei... Quando assim se pede, com tanta confiança e tribulação, é impossível que Deus não atenda...

– Atende, e mais ainda às súplicas da vítima que pede perdão do...

– Desgraçado, que a matava, porque não a compreendia...

– Ele o sabe... nunca lhe dei um desgosto... Nunca me revoltei contra o martírio...

Quando a dor excedia as minhas forças, odiava-o, mas não seria capaz de me pagar de tantas com fazer-me chorar uma só lágrima da amargura das minhas... Ele o sabe... o seu espírito não me assusta... não vejo fantasmas acusadores da minha consciência... Eu vinha perdoar-lhe, e sofrer mais, se a sua vontade o quisesse... Perdoou... Perdoou-lhe tudo. Que Deus lhe não dê um momento de expiação... que ele nunca sinta o amargor do meu fel

O seio de Deus se lhe abra, se as minhas lágrimas têm algum peso na balança das suas iniquidades...

Minha mãe soluçava, debulhada em lágrimas, com os cabelos desgrenhados e a face escondida entre as mãos. Padre Dinis, conhecedor de todas as vicissitudes do sofrimento, e dos sofrimentos de todo o género; não lhe abafou a respiração da alma. Deixou-a falar e chorar. Feriu-lhe todas as cordas da sensibilidade. Estimulou-lhe todos os sentimentos que podiam ser delidos por lágrimas. O homem de coração poderia ali parecer um cínico, experimentador do quilate dos padecimentos alheios. Qualquer outro viria ali refutar uma dor legítima com frivolidades de consolação piegas. Ele não. Aplicava o ferro candente à ferida, exacerbava-lhe a dor, para queimar-lhe as excrescências, e curar com o maior tormento de instantes o que os paliativos, muitas vezes, e com espaço longo de sofrimentos menores, deixam entrar a morte nas entranhas.

A prática a sós, com minha mãe, fora longa,, farta de lágrimas. Ninguém se

entremetera no segredo de duas almas, que precisavam de solidão para se abandonarem a dolorosas expansões. Tinham passado horas, quando foi anunciado à viúva que o juiz de fora e um padre dominicano desejavam falar-lhe. Padre Dinis conjecturou que a vinda de tais pessoas era urgente.

Entraram.

O juiz de fora depositou nas mãos de minha mãe um testamento, que dizia ser do defunto Sr. Conde de Santa Bárbara.

O frade, majestoso da sua humildade, acurvou-se, entregando à condessa de Santa Bárbara uma carta, que precedeu destas palavras:

– Eu fui o ministro da penitência que assistiu vinte e quatro horas aos paroxismos do Sr. Conde, que Deus terá chamado à sua divina presença. A carta que tenho a honra de depositar nas mãos de V. Ex^a foi ditada por seu marido e assinada com seu próprio punho. Devia eu amanhã conduzi-la ao seu destino; mas o Altíssimo quis que V. Ex^a viesse chorar ao lado do cadáver, já que não pôde presenciar um justo pela contrição, exalando a alma, que o perverso mundo tolhera. A minha missão não está ainda cumprida. Preciso saber se está presente o reverendo padre Dinis Ramalho e Sousa.

– Um seu servo – disse o padre, adiantando-se um passo para o dominicano.

– Sois? – instou o padre, abrindo os braços.

– Sou eu.

– Pois bem. Este abraço recebi-o dos braços quase gelados pela morte, para transmitir-vos-lo. Recebei-o como um galardão. Não. o tendes decerto maior em todas as vossas virtudes. É o abraço de um homem que vós quisestes ensinar a viver... não pudestes... mas as lições não se perderam... Ensinaste-o a morrer. Vós semeastes e eu colhi. Mandastes para o meu tribunal um homem purificado, e eu absolvi-o. Aquele triunfo é vosso. Sei que sois um homem superior... O vosso poder vem de cima. Sede amigo de todos os infelizes, como o fostes do conde de Santa Bárbara. Sede meu amigo, que sou o último dos homens e o primeiro entre os que pedem a Deus que nunca o vosso auxílio seja desconhecido aos desgraçados, que se perdem por não terem um amigo. Abraçai-me agora, já que eu fui o portador da herança que vos legou um moribundo!

Os dois homens veneráveis, abraçados, confundindo as lágrimas, era um lance dos que vibram no sangue o gelo e o fogo do entusiasmo. D. Ângela, com as mãos erguidas, contemplava o quadro e sentia-se cair insensivelmente sobre os joelhos. O juiz de fora, alma esterilizada para as cenas do sentimento, tremia nervosamente e não desdenhava em si uma lágrima, que ele disse ser a única, há quarenta anos. A voz sonora do monge acudira a família; correram todos que o reputavam santo. Era grandioso o toque visível do fervor religioso em todas aquelas fisionomias! Estas glórias, estes conflitos sublimes, são um exclusivo da religião. Ali há divindade, há flama do Céu, há a elevação que não é aqui!

O dominicano, apartando-se dos braços do padre Dinis, saudou a condessa, em despedida, dizendo-lhe:

– Senhora, tem V. Ex^a necessidade de mim?

– A sua companhia ser-me-ia sempre grata.

– Aqui lhe deixo padre Dinis. Ouça-o, e o que ele disser não poderei eu dizer-lho... Sou frade, senhora – e acrescentou sorrindo: – a minha cela está viúva do seu esposo foragido há vinte e quatro horas... E necessário fazermos pazes. Fiquem todos na graça de Jesus Cristo.

Quando ele desapareceu, o padre Dinis, com a sua consciência, murmurou: «Quanto sou pequeno!»

O juiz de fora, esgotada a impressão que o fizera esquecer a sua vinda, chamou

testemunhas para assistirem à abertura do testamento. A viúva pediu que o não lessem na sua presença. O magistrado retirou urbanamente, e com ele as pessoas que adivinharam os desejos da condessa. Ela ansiava por ler a carta sozinha, e D. Antónia abriu-a com mão trémula e leu, soluçando:

Ângela

Escuta um grito de ao pé do túmulo. Os meus lábios, daqui a pouco pasto de vermes, chamam por ti. Ângela, o coração diz-me que virás tarde. Logo, talvez, ajoelharás ali, ao pé deste corpo frio, destes olhos apagados, destes ouvidos surdos ao perdão de teus lábios. Ângela, ajoelha e perdoa, que eu espero à porta do Céu a palavra da minha redenção! Não fujas aterrada deste cadáver. A sombra do teu algoz está aqui. Se tinha inimigos, venham cuspir neste espólio dos meus triunfos; mas tu não cuspas, minha única vítima! Tu não, Ângela, porque eu morro com a tua imagem no coração, e terei de responder a Deus, quando me disser: «Réprobo!, que fizeste da tua esposa?» Ângela, amaldiçoaste teu pai, e ele morreu sacudindo as larvas que o sufocavam. Ouviram-no pronunciar o teu nome, apontando para os pés do leito, que rangia naqueles estertores que gelavam o sangue dos que o viram. É que o amaldiçoaste, quando eu te disse: «Serás a vítima expiatória da infâmia de teu pai!»

A mim não me amaldiçoas, Ângela! A mim, não, que me fizeram desgraçado, e sórdido, e desprezível! A mim, não, minha pobre esposa, porque reconheço que devo morrer no momento em que me sinto lacerado pelo remorso! Morrer da cólera, ou de vergonha, este destino devia Deus conceder-mo para que eu não levantasse mais os olhos diante de ti. Ângela, ouço dizer que me perdoaste. Ao pé de mim está um homem que me promete o teu perdão. E ao pé de ti está um justo que te dirá que me perdoes. Escuta-os a ambos, Ângela! Não feches o teu coração a nenhum, para que os suplícios do condenado me não sejam eternos... Ângela!... adeus! Salva-me tu, e que o mundo insulte a memória do

Conde de Santa Bárbara

As últimas linhas da carta já não as leu minha mãe. Convulsa, sufocada em soluços, vertendo em cada linha uma lágrima, a exaltação febril com que principiara descaiu em aparente paralisia. Tremeram-lhe as pálpebras, como se um golpe de gota serena lhe escurecesse os olhos. Queria ler, e não podia; lia, e não compreendia já; deixou cair a carta e ergueu as mãos; não lia, mas orava. Aquela oração, tão fervente, tão elevada na augusta santidade do momento, trazia-lhe aos lábios todo o coração, os fervores todos de uma fé que lhe pintava Deus ali, a ouvi-la, a consolá-la, a receber-lhe o perdão dos lábios, como a «palavra da redenção», qual lha pedira o agonizante criminoso.

Padre Dinis encontrou-a neste êxtase. Levantou a carta do chão. Passados minutos, minha mãe perguntou:

– Viu-a?

– Ainda não.

– Veja, e peça a Deus comigo.

Foi assim. Quando D. Ângela se recolhia ao seu quarto, padre Dinis, fechado no seu, começava uma oração por estas palavras:

«Grande Deus!, deste-me um raio de fé: iluminaste o meu coração; convenceste-me de que o crime e a virtude não é somente punido, ou premiado na Terra;

»Deus de misericórdia!, recebei a súplica fervente do neófito!

Perdoai ao verme, que não pôde mais tempo arrastar o peso das suas iniquidades;
»Perdoai-lhe, que, neste momento, ninguém o acusa... Solvei-lhe as tremendas
contas, que as lágrimas choradas na agonia são como as que na Terra chora a mártir nos
espinhos da sua coroa.»

.....

XXII

Frei Baltasar da Encarnação, o dominicano, confessor do conde de Santa Bárbara, ao nascer do Sol do dia seguinte, procurou padre Dinis.

– Vim cedo – disse ele – porque adivinhei que o sol vos não encontraria na cama, padre Dinis... Olhai... não repareis no tratamento que vos dou. A um frade com setenta e sete anos permitem-se estas liberdades. Ao pé de mim, sois criança nos anos, embora velho, mais velho ainda, na prática da virtude.

– Vossa Reverência tem setenta e sete anos?

– Nasci a 14 de Abril de 1755: estamos em 2 de Agosto de 1832. Contai...

– O que é viver no remanso da tranquilidade!... Vossa Reverência tem a bonança no rosto, a alegria de uma consciência imaculada nos olhos... Os anos o mais que fizeram foi dar-lhe as cãs, que são a majestade de um semblante sereno... Assim a velhice não pesa e o caminhar para a última paragem desta peregrinação não enfada

Há quantos anos professou Vossa Reverendíssima?

– Há cinquenta e três, e tenho cinquenta e quatro de claustro. Sou o mais antigo do mosteiro. Fechei os olhos a todos os monges que encontrei, a todos os meus companheiros de noviciado e a muitos que vieram depois. Tenho, pois, vindo até aqui, padre Dinis, direito no corpo, mas acabrunhado no espírito. Olhai que é doloroso ver cair, ao lado, um a um, os companheiros que abraçámos ao entrar na curta viagem... Bem curta ela é aos que não se assentam cansados de sofrer e desejosos de repousar no seio do nada. Para esses, o desalento e o inferno incomportável da dúvida. Para os que vão chorando e semeando frutos de bênção, a vida é curta sempre... Que anos tendes, padre?

– Cinquenta e quatro.

– Pareceis mais velho. Tendes muita ruga extemporânea. Macerais o corpo, ou o espírito vos anda atribulado. Se vos mortificam cilícios, lançai-os de vós, que o sacrifício da carne é inferior à elevação do espírito. Os que não podem dominar-se pela vontade cingem os rins. Deixai a maceração às almas túbias, que precisam castigar o corpo... Se vos dói a consciência... não posso imaginá-lo... mas se pode vingar o joio na seara dos frutos abençoados, arrancai-o pela raiz. Vigiai-vos, descei com a lâmpada ao mais escuro. *Si ignoras, egredere*. A luta do homem com o homem, o pelejar incessante dos dois inimigos que se armam no coração do homem... tudo vem de cima. O que é bom, recebamo-lo com as mãos erguidas. O mau não amaldiçoemos. Não há triunfo sem batalha agra de desconfortos. *Si bona suscepimus de manu Dei, mala quare non suscipiamus?*... disse o mais mortificado dos homens... Ora aqui tendes o pobre frade em missão!... Desculpai-lhe os seus setenta e sete, e dizei-lhe alguma coisa de vós... Quero a vossa amizade, e não a há sem confidências... Quereis que vos diga, padre? O vosso amigo conde de Santa Bárbara, quando me falou de vós, ia alucinado por não sei que magníficas visões com que a vossa imagem lhe aparecia... Julguei-o em delírio

– Seria delírio... Bem vê Vossa Reverência que em mim é tudo insignificante, a não ser o que podia engrandecer-se aos olhos de um amigo de muito tempo...

– Sabeis o que ele me disse? «Entrai-lhe no coração... Achareis um santo, ou um homem superior, incompreensível aos outros homens...»

– Tresvariava na febre... O que sou e o que tenho sido nem eu o saberia dizer a Vossa Reverência. O seu olhar é penetrante, as suas palavras descem com a luz ao coração, mas as trevas aqui dentro são o abismo de toda a ciência de conhecer o homem. Vossa Reverência é um justo... adivinhei-me...

– Quem vos disse que eu era um justo? Neste homem que vedes não há senão

longas dores e longa experiência... lágrimas que se não exaurem... é a ciência das lágrimas... Vedes o que é Baltasar da Encarnação? É um homem encanecido no barro que o queimar das paixões endureceu...

– O queimar das paixões!... Vossa Reverência fala assim a linguagem...

– Dos homens que não podem balbuciar a palavra «Céu» sem que lhe venha uma nuvem da Terra escurecer a luz do seu arroubamento... Vedes o que é a amizade?... E a confiança... O meu coração vai-se-vos abrindo... disseram-me que éreis um ser superior, e eu busco-o, há muito, porque me não basto a mim próprio. Tenho necessidade de vós...

– De mim?!

– Sim, padre... E toda a noite vos tive no pensamento. Tenho vivido setenta e sete anos. Este meu vigor, na decrepitude, é providencial. Batido das paixões, não fraqueei. Três vezes a braços com a morte, ergui-me como o paralítico da porta do templo. Quando me disseram: «Há aí um homem superior ou um justo», tive um abalo, e disse em mim: «É o homem que eu esperava...»

– Que posso eu ser para Vossa Reverência?...

– Um amigo, um instrumento de força nas mãos enervadas de um velho que vos espera há cinquenta e quatro anos.

– Diga, Frei Baltasar.

– Direi... agora não. Voltai um dia ao meu convento, e vinde breve. Não vo-lo recomendo muito, porque sei que vireis logo que vos disser que está aqui uns desgraçado à vossa espera... Sabei-me cia viúva, dai-lhe a minha bênção, e vinde dizer-me como ela está.

Principiava o dobre a finados. Minha mãe, que, ao amanhecer, caíra no aturdimento desse aparente sono, despertou sobressaltada pela toada plangente dos sinos.

Ajoelhou-se no leito, e orava, quando padre Dinis encontrou D. Antónia, que saía do quarto da condessa. Voltou ao padre Baltasar, e encontrou-o de braços cruzados, com a vista profundamente mergulhada na capa escura de um livro. O frade levantou os olhos, que pareciam pesar-lhe sobre o mistério daquele livro, e disse:

– Então, como está ela?

– Reza. Dormia há meia hora, quando dobraram os sinos. Acordou espavorida e ajoelhou. Ficai com Deus, irmão.

– Ides hoje para Lisboa?

– Se a saúde da condessa lho permitir...

– Ide em boa hora. Vireis quando puderdes.

– Muito breve. Marcaí o dia.

– Amanhã estarei eu morto, e vós também... Quem pode contar com o dia seguinte? Vinde quando puderdes. Adeus.

Abraçaram-se.

Padre Dinis escreveu algumas páginas. Interrompeu-o sua irmã, que o chamava ao quarto da condessa. Encontrou-a vestida e preparada para partir.

– Não temos aqui mais nada que fazer? – perguntou ela.

– Mais nada. O Sr. Conde já foi sepultado.

– Já?

– Os médicos exigiram-no. Morreu de cólera, e receiam que o contágio se desenvolvesse.

– Podemos partir?

– Já, se V. Ex^a o determina.

– Se Padre Dinis, o meu estado dispensa-me de agradecimentos... Se é possível,

agradeçamos a esta família e encarreguemo-la de nos desculparem.

XXIII

O conde de Santa Bárbara deixara sua mulher universal herdeira de todos os seus bens livres, incluindo o crédito de quarenta contos a haver de seu cunhado, o marquês de Montezelos. Encarregara-a de dotar com um conto de réis duas raparigas da plebe, cujos nomes e moradas estavam escritos em uma carteira que devia encontrar-se em indicado lugar da escrivaninha. Deixava uma avultada esmola a uma criada, por nome Eugénia, com a condição de recolher-se a um convento, como criada, onde desfrutaria, e só aí, os rendimentos dessa esmola, que por sua morte seria aplicada em missas por alma dela. Queria que o seu corpo fosse conduzido por quatro pobres e enterrado na vala comum, sem letreiro, nem distinção. Ao seu criado Bernardo Pires deixava uma generosa esmola, pela amizade com que tratara sua esposa e pelos sacrifícios e trabalhos que a nobreza de sua alma lhe custou. Ao padre Dinis Ramalho e Sousa legava o seu retrato, a sua farda nupcial e a camisa com que morresse. Este legado extravagante foi o assunto fecundo das conversações. Quiseram todos decifrá-lo, e só o legatário pôde compreendê-lo. O mais do testamento eram sufrágios por sua alma, e muitas missas por alma de seu sogro, o marquês de Montezelos, que seriam pagas por sua esposa.

Esta cláusula, só de per si exprime o grandioso ascendente da religião no espírito do moribundo.

O testamento era escrito por Frei Baltasar da Encarnação. Algumas palavras estavam embaciadas de lágrimas. Os olhos do ancião tinham chorado sobre o fruto, como ele dizia, da semente lançada por padre Dinis.

Eu esperava ansiadamente minha mãe. A ausência de dois dias era para mim como perdê-la. Alta noite, no segundo dia, quando ela chegou, estava eu na amurada do jardim, pedindo a Bernardo que me falasse dela.

Corri-lhe ao encontro, quando ouvi as carruagens. Minha mãe apeou, em uma reconcentração que parecia arrefecimento para comigo. Olhei-a com ar de espanto. Ela compreendeu-me e chorou.

– Mais separados que nunca! – me disse ela, abraçando-me freneticamente.

– Separados... por quem? – exclamei eu.

– Pela desgraça!... – balbuciou minha mãe, arfando em choro com a face entre as mãos.

– Que é isto? – perguntou o padre, tomando a mão da condessa e acurvando-se para lhe ver o rosto.

– E meu filho?... – exclamou ela.

– Não o vê?... – disse o padre, sorrindo.

– Mas não o verei mais...

– Quem a priva?

– A memória do conde de Santa Bárbara...

– Sempre este homem entre nós! – bradei eu com rancor.

– Já não, meu filho... Esse homem morreu... Agora e a sua sombra, e a sombra dos mortos é sagrada... Respeita o seu nome, se queres que eu te consinta dar-me o nome de mãe.

Fiquei perplexo e corrido. Retirei-me do quarto, e tudo soube de D. Antónia. Encontrei Bernardo a chorar, quando lhe disseram a cláusula do testamento. E, como pode ser que não torne a falar desse homem, não me esqueça o quadro mais honroso da sua vida obscura. A esmola avultada que recebeu despendeu-a em missas gerais por alma de seu amo.

Minha mãe nunca eu a conhecera tão reconcentrada. A porta do seu quarto abria-

se raras vezes. Os momentos fugitivos em que me admitia eram quase silenciosos. Nunca mais se expandiu comigo. Reprimia-se visivelmente quando a vivacidade lhe luzia nos olhos e o rubor do entusiasmo lhe abrasava a face. Aquela contracção íntima de sentimentos recalçados devia ser-lhe muito dolorosa, ou então aquela mulher gelara no coração. Impressionava-me tristemente aquela coragem. Perguntei ao padre a explicação daquela indiferença; ele respondeu-me: «Não censure sua mãe, que está na última fase do seu martírio.» Não o entendi! Comecei a duvidar das calorosas expansões que lhe vira. Pareceu-me mentira o amor de mãe que repudiou o seu filho. Tive momentos de a ver pequena, vulgar e indigna de mim. Estes sentimentos, varonis aos quinze anos, revelam que se acaba cedo o homem que assim pensa.

No fim de três dias, a condessa de Santa Bárbara chamou-me ao seu quarto. Entrei com a impassibilidade no coração e a ironia no rosto. Vi-a sentada, e sentei-me. Vi-a chorar, cruzei as pernas e roí as unhas com o donaire de um cínico enfasiado.

Ela reparou em mim e empalideceu.

– Pedro da Silva – exclamou ela –, parece que vens cuspir na face de tua mãe!...

– Se tivesse mãe, não lhe cuspia na face – respondi eu, confuso com aquele nome, que, pela primeira vez, me era dado.

– Se tivesses mãe!... Tens razão... Não tens mãe... Está aqui esta mulher, que te chamou filho; mas esta mulher... morreu!... Punida por todos e por tudo, seu filho devia puni-la também!... Corta neste coração, Pedro, que ainda tenho uma fibra que se dói... Mereço mais... Não tens mãe, filho do crime... Se a tivesses, devias conhecê-la desde o berço, devias amá-la desde que a tua primeira palavra fosse o seu nome, e, quando, aos quinze anos, a visses no chão... levantá-la-ias com carinho, e não lhe darias com a ponta do pé... Não tens mãe, e contudo, infeliz criança, tu és meu filho!... Abandonado há quinze anos por medo e vergonha, sacrifico-te hoje à sombra de um homem que perdoei!... Sacrifico-te, Pedro, porque a minha vida será curta, e tu ficarás aí pobre como nasceste, órfão como viveste e calado com o nome do teu nascimento, para que a piedade dos grandes te não insulte!... Vês que mãe eu sou e tenho sido? Ontem escrava do terror, hoje escrava da honra! Detesta-me, filho!... repele-me deste mundo com uma injúria que me abrevie o meu desterro... Mata-me com o desprezo, que eu acabarei abençoando-te...

Eram quase ininteligíveis as últimas palavras. Eu senti emoções variadas, desde a indignação até ao amor, desde a indiferença até ao arrependimento. Ao cabo daquele aflitivo esforço, em que as palavras lhe vinham como gemidos, senti uma explosão na minha alma... cai de joelhos aos pés de minha mãe, beijei-lhe a mão, sem articular uma palavra, abracei-a convulsivamente, e experimentei, pela primeira vez em minha vida, o remorso.

LIVRO SEGUNDO

I

À portaria do real convento de Odivelas parara uma carruagem. As madres, afeitas à concorrência dos melhores trens de Lisboa no seu espaçoso átrio, vieram pressurosas às janelas, como a buscarem estímulo que as desanojasse da ociosidade fastienta em que viviam.

Não conheceram a libré da carruagem que parara. Não era o primo conde, nem a tia marquesa, nem o tio monsenhor. A dúvida mortificava-as, enquanto não ouviram o guincho da moça-porteira repercutir na extensão dos claustros «Santa Bárbara!»

O leitor, ignorante dos usos monásticos, imagina que a desconhecida carruagem conduzira alguma trovoada! Pelo contrário. A tarde de 15 de Setembro de 1832 era bela, o céu transparente, o Sol a descair purpureava o horizonte, e as folhas murchas das flores, tão gratas aos desvelos das beneditinas, em horas vagas de outros desvelos mais gratos ainda, apenas ciciavam roladas pela tépida viração.

O grito repenicado da moça-porteira, aquele nome, que sossegara meia curiosidade das freiras, era o apelido por que a criada da condessa de Santa Bárbara vinha ao palatário. Todas as madres cujo instinto lhes permite serem servidas dão o seu apelido à criada, que responde sempre com agudo *sim*, de longa distância, ao brado que lhe vem da porteira em agudíssimo falsete.

Veio, pois, à portaria a criada grave da condessa de Santa Bárbara, e conduziu para sua ama um bilhete de visita com este nome: Alberto de Magalhães.

Breve, a criada voltou, dizendo que a Sr^a Condessa mandava subir o cavalheiro para determinada grade.

O desconhecido apeou. Então é que as esposas do Senhor, descuidadas do seu marido como as célebres esposas da parábola, convergiram sobre o cavalheiro todos os raios negros, castanhos e verdes dos belos olhos, olhos que não eram para ali, ou, se o eram, em pouco se ocupavam do que era de lá. Viram-no, e, quando o não conheceram, a curiosidade desatinou-as de tal modo que pouco lhes faltou que não perguntassem quem era e a que vinha.

Alberto cortejou-as, com ária de cortesão amestrado, que poucos sabem remedar quando a educação lho não ensinou.

As lisonjeadas senhoras deram-lhe unanimemente diploma de fidalgo e convieram de que fosse algum dos poucos titulares de província que praticaram na corte ou leram a *Corte*, de Rodrigues Lobo.

Foi esta a opinião de Soror Tomásia do Céu, a mais lida em clássicos, que se ocupava então a refutar uma obra de sua tia-avó, Maria do Céu, intitulada: *Aves Ilustradas em Avisos para as Religiosas Servirem os Ofícios dos Seus Mosteiros*. Conquanto a refutação, por desnecessária, não viesse a lume, o influxo das suas doutrinas, expendidas lá dentro em sessão secreta, era tal, e tão revolucionário, que em 1832 não havia de suas companheiras uma só que não mostrasse, na prática, que detestava cordial e cientificamente as teorias da devota Maria do Céu, triunfantemente refutadas por sua sobrinha.

E, seja dito de passagem, não podiam elas transigir com as restrições seráficas da religiosíssima abadessa do Mosteiro da Esperança, no que era do foro do coração, que principiava então, como dizem, a *palpitar de actualidade*. E refutavam-na com as próprias armas, repetindo, em xácaras ao piano, as seguintes quadras da muito ascética autora da *Vida de Santa Catarina Virgem*, que era ela, e de outras muitas obras, como a

Fénix Renascida e a Preciosa.

As quadras eram estas, extraídas das *Aves ilustradas* e do *Discurso XII*, intitulado «A pomba à enfermeira»:

*El que de amor no adolece
No diga que enfermo está,
Que la dolencia es melindre,
Quando no es amor el mal.*

*Del enfermo, que no ama,
Inocente ei pulso está,
Porque con corazón tibio
Ardiente pulso no hay.*

*El que muere, y no es de amor,
Quando en passamiento está,
No sabe lo que es morir
Aunque se vaya espirar.*

*Aquel, que sin amor geme
Delinquente llega a estar,
Pues para dar un suspiro
El amor le roba un ay.*

Era isto, justamente, o que se repetia no grupo das mais incendiárias quando a carruagem entornou a erudição fecunda de Soror Tomásia do Céu, que poderemos, sem escrúpulo, apelar um Lutero de touca e escapulário.

Alberto de Magalhães entrou na grade e esperou alguns minutos. A condessa de Santa Bárbara apareceu com D. Antónia. O cavalheiro diplomático tinha um aspecto que inspirava confiança. Era um homem, como poucos, em ânimo frio. Esperava a condessa como quem esperaria uma pessoa familiar. Tinha o que se chama consciência de superioridade, ou indiferença natural para tudo em que os outros homens, mais ou menos, se sentem embaraçados e surpresos.

A condessa nunca o vira. Vinha, coacta pela delicadeza, àquela grade, tratar, face a face, um homem célebre pelo incógnito e pelo misterioso nascimento que lhe atribulam.

Entrou acanhada como uma educanda.

Alberto não sabia os lugares-comuns. Sentava-se, olhava, falava, sorria, e até jogava as armas, como se viu, excepcionalmente. Eis aqui a sua resposta à saudação da trémula condessa:

– Já vê V. Ex^a que sou um homem muito natural... Fale-me com toda a tranquilidade e tenha a benevolência de dizer-me se estas freirinhas, que me pareciam canários a quererem partir os arames do viveiro, são boas companheiras.

– Eu mal as conheço – disse Ângela, sorrindo, contrafeita –, mas tenho-as em muito boa conta... Nestas casas há excelentes senhoras

– Assim me pareceram. Na solidão fazem-se os bons corações e familiariza-se o espírito com o silêncio, em que a consciência diz o melhor e ignora o que é o mundo, donde V. Ex^a fugiu.

– É verdade... e que mundo!

– Eu sei-o por todas as faces... Deixá-lo,.. Falemos de V. Ex^a e da sua amiga, que não tenho a honra de conhecer.

– É mana de um meu bom amigo.

– Sei... o padre Dinis Ramalho...

– Conhece-o?

– De tradição... E um homem extraordinário... V. Ex^a dizem-me que lhe deve muito...

– Tudo.

– E tudo se sabe... Há desejos imensos de conhecê-lo, e eu não quero ser dos últimos que o admirem.

– Darei a V. Ex^a a sua morada, se quiser encontrá-lo.

– Aceito, Sr^a Condessa. A mana do padre Dinis deve ser amiga de V. Ex^a...

– Íntima.

– E, portanto, podemos falar como irmãos...

– Decerto. Mas...

– Diga, minha senhora...

– Vai falar-me de um assunto

– Que lhe é penoso tratar... Não falarei.

– Padre Dinis pode...

– Responder-me?! Bem... procurá-lo-ei.

– Rua da Junqueira, n.^o 44.

Alberto escreveu em uma carteira e, ao fechá-la, perguntou familiarmente:

– É feliz, Sr^a Condessa?

– Quanto posso sê-lo... na minha triste condição de mulher, fadada para sofrer.

– E, aqui, não há uma esperança que ensurdece o coração às saudades do mundo?

– Não as tenho... as saudades... Não sei se lhe faltou à verdade... Tenho-as, e profundas e insuportáveis

– Eu sabia-o...

– Sabia-o?...

– Sim, minha senhora... Disseram-me que a imagem do anjo que V. Ex^a perdeu, há quinze anos, existe na Terra

– Disseram-lhe... quem?!

– Os meus pressentimentos... Eu tenho a história do seu coração, Sr^a Condessa.

– Devo acreditá-lo, Sr. Alberto?

– Deve... e, se não me acreditar, fará de mim uma triste ideia... Pois não viu V. Ex^a que o homem que há um ano lhe escreveu era um reflexo da sua consciência, um forasteiro que lhe vivia na alma? Como pode ser-se o que eu fui sem ser-se muito verdadeiro?

– E a primeira vez que o vejo, Sr. Alberto de Magalhães?

– Não, minha senhora; já me viu...

– Quando?

– Há quinze, há dezoito, há vinte anos.

– Onde?

– No mundo, neste vale de lágrimas, nesta miscelânea e grandeza e miséria onde as fisionomias se perdem e as reminiscências se vão... Não se canse, que não me conhece. Aqui, do homem passado, não está nem uma linha...

– Que mistério, meu Deus!

– É verdade... que mistério!...

– E não me diz?...

– O quê?... Quem sou?

- Sim...
- Não, minha senhora... Permita-me esta grosseria... não digo...
- E sabe tudo?!
- Absolutamente tudo.
- Não devo instar mais... O que eu sei é que lhe devo muito...
- A mim?... Nada, nada... desgraçadamente.
- Muito... Ainda há pouco arriscou a sua vida...

Alberto sorriu-se e continuou:

– V. Ex^a não sabe o que é arriscar a vida... O que houve não é glória de nada... defendi-me de um homem pequeno na alma e na coragem... Nem ele aprendeu, nem eu me glorio de o ter ensinado... O que se deu não se refere a V. Ex^a Foi uma questão toda minha, um esforço pessoal... Não falemos disto mais... V. Ex^a ordena-me?

– Anoitece, e ouvi uma voz que manda retirar daqui, se me não engano... Ver-nos-emos, Sr^a Condessa... Não perca a noite. a martirizar a memória... Digo-lhe que não me conhecerá, porque não me conhece.

– Deixa-me um vivo interesse... É pena ignorar o nome da pessoa que tão íntima nos é, e tão credora de gratidão...

– Já lhe disse, minha senhora, que eu sou o homem a quem V. Ex^a menos deve...

– Não compreendo isto...

– Tanto melhor para ambos... Boas noites, minhas senhoras...

– Sr. Alberto de Magalhães – disse a condessa, ansiosa de interesse por aquele homem original, ou pelo segredo extraordinário de tal aparição–, não se esqueça... peço-lhe eu... de falar a padre Dinis...

– Amanhã, Sr^a Condessa.

Alberto, entrando na carruagem, reparou e viu, a postos, os canários, como ele definia as curiosas filhas de S. Bento, que faziam das respectivas cabeças um lindo grupo em algumas janelas. A carruagem rodou. D. Ângela de Lima seguia com o ouvido o rumor, que se esvaía na distância. É desculpável a curiosidade, que lhe não deixou, em toda a noite, um minuto de descanso. Ao amanhecer tinha escrito todo o diálogo, que remeteu a padre Dinis.

II

O cigano de 1817, e Sebastião de Melo na sociedade dessa época, escrevia no seu livro confidente a última palavra do diálogo que lhe fora enviado pela secular de Odivelas, quando uma carruagem parou à sua porta.

Ao anunciarem-lhe Alberto de Magalhães, estremeceu. Este nome parecia-lhe associado a algum segredo de consequências más. Porquê? O pressentimento assustava-o; mas os temores eram confusos.

Entrou na sala em que o cavalheiro misterioso o esperava. Fixando-se, aquelas duas fisionomias paralisaram. Alberto, com os lábios meio abertos e a vista cravada nos olhos do padre, dava ares de idiotismo. O padre, menos estupefacto, participava daquele pasmo, e não saberia resolver a causa da sua surpresa. «Aqui há fascinação no olhar deste homem!», dizia-se ele, quando Alberto lhe perguntou em voz reconcentrada:

– Conhece-me?

– Não o conheço... pelo menos, já não me recordo.

– Vou fazer-lhe uma pergunta que deve acabar com as minhas suspeitas... Diga-me, Sr. Padre Dinis, em 1817 conheceu um cigano chamado Sabino Cabra?

– Essa pergunta – respondeu o padre, balbuciando – só dois homens... podiam *fazer-ma...* Um morreu... o outro...

– É *Come-Facas*...

– Justamente! – exclamou alvoroçado o padre, com a ansiedade nos olhos e a respiração acelerada.

– Conhece-me? – repetiu Alberto, com sereno sorriso e a mão estendida para o padre.

– O senhor!... – disse aturdido o sacerdote –, o senhor!... Eu creio que imaginei agora uma loucura... Não entendi bem... Ainda não sei com quem falo... V. Ex^a conhece-me... ou conheceu o *Come-Facas*?

– Conheci o cigano que hoje se chama padre Dinis... Sabino Cabra é um desmemoriado... *Come-Facas* leva-lhe grande vantagem nesta faculdade da alma...

– O senhor atordoou-me!... Em uma palavra... e...

– Sou...

– *Come-Facas*... um homem...

– Encarregado de matar um recém-nascido.

– Zomba de mim!... Nessa fisionomia não há traços desse homem...

– Todos, e outros que então não existiam. Estas rugas vieram depois de quinze anos... Estes bigodes escondem metade do homem; A outra metade desfigurou-a a ouro... Não concebe que o ouro desfigure?... Também o Sabino Cabra não tinha cabelos brancos, nem os olhos amortecidos, nem uma coroa no alto da cabeça, nem uma batina a esconder-lhe as belas formas que lhe iam maravilhosamente com uma jaqueta de veludilho azul e uma faixa de seda vermelha. Nem a minha voz lhe fala pelo som do antigo confidente do marquês de Montezelos?

– Agora sim!... – exclamou o padre sem adiantar-se um passo para o capitalista, a cuja porta, como ele escreveu, *as filhas dos grandes deixavam seus nomes gravados em lâminas de ouro*... – Agora sim!, vejo-o todo... qual foi... Creio-o... Era impossível... que eu viesse a conhecê-lo... Como isto é possível?!...

– Isto quê?... O ouro?

– Não... o espírito, a inteligência, a ciência de apresentar-se no grande mundo, onde sei que o reputam grande na alma, no talento...

– Grande na alma... fui-o desde que me conheci... A indignância converteu-me a

grandeza em coragem para o crime... As propensões nobres morrem entaladas na gonilha do infortúnio... O talento nasceu com a altivez do espírito. O ouro aproximou-me das fontes da ciência... Tratei os grandes homens da Europa... Não me forcei por imitá-los... Em sete anos de viagens adivinhei tudo o que faz o homem distinto em uma sociedade de frívolos... Os vícios, consubstanciados à força na minha organização até aos vinte e cinco anos em que me conheceu, padre, não me violentei para os expelir... Bastou-me uma vez envergonhar-me do meu passado e acreditar que o espírito se reabilita... Quer saber? A minha alma reage tanto contra o que fui, que muitas vezes chego a imaginar que fui sempre o que estou sendo agora...

– Parece, nesse caso, que devia esconder o seu passado aos meus próprios olhos.

– Não quis; revelei-me, porque lhe devo o que sou...

– A mim?!

– A si... Sem o cigano, que comprou por quarenta peças uma criança a um assassino, *Come-Facas* seria hoje um perverso saturado no sangue, ou um nome que recordaria uma grande atrocidade e um cadafalso... Da minha vida digo-lhe só duas palavras, porque detesto a curiosidade, e não entendo que o padre Dais aproveite com a minha biografia de quinze anos... Com o seu dinheiro saí de Portugal. Sem esse dinheiro eu não seria o rival dos mais opulentos de Lisboa. Toda a minha fortuna nasceu dessa mercancia que fizemos... Basta... Também lhe não pergunto como o cigano se transfigurou em padre... O que eu não me dispense de saber é se existe o filho de D. Ângela de Lima e de D. Pedro da Silva.

– Existe.

– Aqui?

– Aqui.

– Desejava vê-lo.

– Pode.

Fui chamado. Vi um homem de belo aspecto, que me estendeu a mão e me chegou à sua cadeira. Fitou-me, sem dizer-me uma palavra. Senti que a sua mão queimava e o seu olhar apertava o coração. Simpatizei, não obstante, com os seus bigodes grandes e negros como os olhos.

– Ei-lo aqui!... – foram as únicas palavras que lhe ouvi, murmuradas como um segredo. Depois, a um aceno do mestre, retirei-me.

Na minha saída, Alberto de Magalhães levantou-se, tomou o chapéu e, já com a mão do padre apertada na despedida, disse:

– Este menino é pobre?

– Necessariamente. Seu pai era-o; sua mãe sacrificou-o à honra.. Da herança de seu marido... não lhe dá umas sopas, nem lhe recebe mais que uma subsistência muito parca..

– Aí está a virtude de braço dado com o crime. São os extremos a tocarem-se. Deixá-la ser virtuosa a seu modo... Padre Dinis, receberá hoje quarenta contos de réis. Será o administrador desse capital, que entregará ao filho de D. Pedro da Silva no dia em que ele completar vinte e cinco anos. Disto, um religioso sigilo para a condessa de Santa Bárbara. O que eu fui é um segredo de nós ambos. Quando um terceiro o souber, tratarei padre Dinis como inimigo.

.....
No dia imediato, disse-me o mestre:

– Escreva a sua mãe uma carta de despedida.

– Pois para onde vou?

– Para Paris. Vai entrar em um colégio. Isto aqui é muito estreito para quem pode respirar mais puros ares. Tudo vai levar um tombo em Portugal. Vem perto o dia em

que a vida aqui para muitos será aborrecida e enojada. Os princípios desorganizam-se, a guerra civil não se acomoda com um pequeno tributo de sangue, não há vencidos nem vencedores; a anarquia, depois da guerra, entrará no Governo, qualquer que ele seja, e os alicerces do novo edifício serão cadáveres e as ruínas de muitas fortunas. Felizes os que podem ver de longe a Pátria nas garras do abutre.

O padre parecia dizer-se a si próprio esta melancólica profecia. A guerra, que devia ser nessa época o móvel de todas as conversações, foi assunto raras vezes tratado pelo padre. Aquele espírito era alto de mais para pascer-se .na luta de sórdidas ambições em que o timbre das bandeiras era o sangue, que desperdiçavam, uns como reses levadas ao açougue do «patriotismo» e outros como aventureiros devorados de uma fome que legitima quaisquer princípios, quando a vida é o mais que pode perder-se em comparação ao muito que pode ganhar-se. O padre tinha razão...

Minha mãe, recolhendo-se a Odivelas, despediu-se de mim por muito tempo. Era o mesmo que proibir-me visitá-la. Daquele adeus recorde hoje os menores incidentes e concebo, experimentando no que é sofrer, as aperturas do coração daquela pobre mulher! Santificada pela morte de seu marido, tomou da mão do cadáver os espinhos que faltavam na sua coroa de mártir e recebeu como tanto os flagelos e violências que devia infligir-se para que o conceito que o conde, na hora final, fizera dela não fosse desmentido.

Na sua presença erguiam-se duas sombras, a de D. Pedro da Silva, que se perdera amando-a, e a do conde de Santa Bárbara, que morrera suplicando-lhe perdão e respeito às suas cinzas. Eu, amado pela condessa, como filho, era um insulto às cinzas do marido. Afastado de minha mãe, era um quase perjúrio às derradeiras súplicas de

D. Pedro da Silva.

Venceu o marido. O cristianismo continua a fazer mártires. Os leões do circo foram-se; mas os casuístas vieram.

.....
Escrevi a minha mãe. A resposta foi simplicíssima:

Vai, meu filho. Não dês um passo que te lance fora da estrada da honra. Não digo que consultes o meu espírito nas tuas empresas juvenis... Sou mulher... e caída da primitiva grandeza, expiando o lapso da primeira mulher... Fita os olhos no Céu, meu filho. Caminha sempre, elevando-te para lá. Isto aqui é um dia... e o meu vai no fim... Se Deus quer que eu mais te não veja, recebe a minha bênção, todos os dias, e à hora da minha morte.

Ângela

Padre Dinis, poucas horas antes da minha entrada a bordo de uma escuna inglesa, chamou-me ao seu quarto. Fui encontrá-lo com os cotovelos sobre a mesa e as mãos entrelaçadas sobre o rosto. Espere alguns minutos. Não quis acordá-lo daquele dormir da vida exterior. O excesso da vida íntima muitas vezes obrigava-o àquela posição, dolorosa fadiga do pensamento, em que as dores embaralhadas atordoam e embrutecem.

Como assaltado por uma ideia inesperada, o mestre encara-me de, improvisamente, com o olhar penetrante da estupefacção, e demora-se neste silencioso pasmo alguns minutos. Eu estranhava-o, queria-me longe dali. Depois, desfranzindo a fisionomia assombrada, com um ligeiro sorriso, parecido à alternativa da demência para a lucidez, apontou-me uma cadeira. Sentei-me, sempre receoso daquela extraordinária manifestação de uma cousa nova no homem com quem me conhecia desde que eu tivera conhecimento de mim.

– Sr. D. Pedro da Silva – disse ele, solenizando o entorno da palavra –, acabou-se o *Joãozinho*, que castigava os detractores do seu prosaico nome com os espinhos do cacto. Agora... lugar ao direito. Tenho diante de mim a vergôntea de troncos ilustres! D. Pedro da Silva deixou de ser o meu educando. A flor sai da estufa, onde a esconderam, para rescender em clima próprio. A obscuridade até aqui não lhe tolhia o muito que é e virá a ser porventura. De ora avante, o homem quer outro mundo, a alma quer outra nutrição, e o neófito da sociedade precisa de outro mestre. Antes, porém, de entregá-lo ao mundo, preciso e devo, e quero, deixe-me assim falar, ler-lhe o prólogo do segundo acto do drama em que V. Ex^a entra, porque o primeiro termina aqui neste pobre teatro de padre Dinis.

»Eu sou o depositário dos seus bens. Aqui está um enigma. V. Ex^a não sabia que tinha bens. Tem quarenta contos de réis nesta gaveta. Donde eles lhe vieram, não me peça que lho diga. O juro deste capital há-de alimentá-lo até aos vinte e cinco anos. De hoje a dez anos, V. Ex^a é o depositário desta herança, chamemos-lhe assim, para não inventar palavras. Eu terei morrido... diz-me o coração que sim. Acreditemos o meu coração, que nunca me foi desleal. Deixe-me antecipar-lhe algumas reflexões, que não poderei reservar para então. Atenda:

»Em Lisboa, quarenta contos de réis é uma fortuna menos que medíocre. Posta ao serviço da ostentação, exaure-se em três meses. D. Pedro da Silva, estimulado pelo orgulho do seu nascimento e levado de invejas e vaidades, pode empobrecer no meio da sua carreira, e daí para o fim arrastar uma vida de ignomínia, ou meter uma bala em um ouvido.

»A suprema desgraça é o coração grande, a riqueza dos brios, o instinto do sublime, quando estes generosos sentimentos, esterilizados no embrião pela pobreza, são como se não existissem.

»Vem aí um tempo em que a vaidade de jerarquia será uma irrisão. Os louros, preciosos aos netos dos conquistadores, tocaram o seu outono, ao cabo de séculos. As folhas murchas, como o último braço da árvore secular, que veio à terra, irão, pisadas por todos, sumir-se no abismo da história, e lá mesmo cobertas de lama do impropério. Virão filósofos que zombem de seus avós, D. Pedro da Silva, porque seus avós eram sanguinários, talavam a ferro e sangue o ninho de povos inofensivos, e vinham depois acolher-se aos seus paços feudais, comendo e desperdiçando o espólio dos índios. Esses filósofos, desgraçado arremedo de outros que passaram apupados pelos discípulos, rirão de V. Ex^a se o virem com uma casaca velha celebrar o arnês de seus avós. Ser pobre, portanto, será uma infâmia.

»Esqueça-se do seu nascimento. Apareça na sociedade sem apelido eufónico, sem alianças que lhe imponham o fausto como condicional de bom acolhimento. Engrandeça-se materialmente. Se não puder subjugar o instinto vicioso, seja ao menos rico. Se o não for, o seu pecado não terá perdão na Terra.

»O seu coração é bom. Não-de perverter-lho necessariamente em Paris, em Lisboa, em Constantinopla, ou em Pequim. A serpente da desmoralização abraçou o globo com as suas roscas. Respira-se a morte da alma em toda a parte. O mosteiro podia dar ao coração do homem um pouco de ar sem veneno; mas a corrupção entrou no claustro, e o mosteiro cairá. A época que vem é outra. Principia a virtude da cabeça; a do espírito passou, porque o homem será definido (matéria que pensa).

»Quem decide do futuro do homem, fora do comum das massas, que se mexem como máquinas, é a primeira mulher que se ama.

»Não sei que diga neste lance mais imprevisto da sua vida. O que posso é vaticinar-lhe que a mulher das suas primeiras afeições há-de salvá-lo ou perdê-lo. Há-de fazê-lo recuar à inocência dos seus primeiros anos, ao suave perfume dos seus desejos

imaculados, ou, de um lance de olhos, mostrar-lhe todas as torpezas, e, de um só impulso, atirá-lo a todos os abismos. Penso que lhe digo uma coisa nova. Não encontrei ainda quem assim pensasse. É moda santificar os primeiros amores. O homem gasto, que é sempre o mais imoral, fatigado de amores, incapaz de espiritualizar-se, não diz quem o cansa, quem o materializa e quem o imergiu no charco dos baixos apetites.

»Abra-me o seu coração; quero gravar aí uma súplica. Recompense-me tudo o que fui para si, não a esquecendo. Seja orgulhoso na renúncia da sua alma. O amor de um homem é um incenso que desce para o chão quando o ídolo é de barro. Não o prostitua. A primeira mulher do seu amor procure-a com a resignação de uma pobreza honrada, sem uma nódoa, sem o rubor de uma vergonha. Seja pobre, seja obscura, seja humilde, e tenha sempre diante dos olhos a felicidade que V. Ex^a lhe dá, como a recompensa da virtude em que vivera antes de a mandarem entrar no seio da abundância. A sua casa seja como um santuário impenetrável. Se o apetite invencível o impelir à comunhão dos manjares que a sociedade digere, à custa de um penoso trabalho do coração, vá, mas deixe-a a ela no segredo da sua vida, como anjo depositário do bálsamo das feridas com que V. Ex^a refugirá do tumulto de paixões degeneradas para o abrigo da amizade íntima, sem a qual o amor é impossível.

»Eu falo a uma criança, mas o homem desta época é muito cedo homem. Aos quinze anos adivinha-se tudo pelos livros e aos dezoito principia o magistério do ensino, diz-se tudo que há a uma geração que capricha de tudo saber.

»Meu amigo. É a hora da partida. Abrace-me... Não me esconda a sua vida. Fuja de me dar o desgosto de ter criado um ingrato. Pouco me deve; mas a ninguém deve mais... Vê esta lágrima? É o mais que pode dar-se em um homem como eu... Não tenho outra, talvez, para tudo o mais que está sobre a Terra... Basta... O homem é de barro, quando lhe toca a mão pesada do sofrimento... Não posso

Eu sufoquei todas as palavras com soluços. Saímos silenciosos. O que eu pensei e senti dali a bordo do navio era o que há de mais triste, de mais apertado no doer do coração, de mais escuro e incomportável no que é saudade, no que é apartar-se uma criança, só, entregue a estranhos, do homem que lhe fora tudo.

O navio fez-se ao mar. Procurei padre Dinis ao pé de mim, para lhe pedir por Deus, por tudo, que me não deixasse. Não o vi. Olhei para o Tejo, e reconheci-o, sentado à popa de um bote, com as costas viradas para o navio, curvada a cabeça entre as mãos. Então, sim! Provei todas as amarguras em um instante... segui aquele bote com os olhos turvos de lágrimas, chamei padre Dinis no silêncio do meu coração, pedi a Deus que me restituísse aquele homem, pedi ao espírito de minha mãe que me desse alma para tamanha dor... Desejei a morte, e consultei os meios que eu tinha para acabar comigo aquela saudade, que me endoudecia...

E em roda de mim eram tudo indiferentes... Pareciam-no... E não era. Ao sair da barra, uma senhora portuguesa travou-me da mão e disse-me ao ouvido:

– É chorar de mais... O coração está desafogado... Agora, coragem varonil e esperança, que é o melhor que tem o mundo e o tesouro mais querido do infortúnio. Venha conversar comigo e com meus filhos, que vão ser seus companheiros do colégio.

III

A condessa de Santa Bárbara vivia na sua cela, quase retirada do trato das freiras. Segundo a primorosa civilidade usada nos mosteiros, a secular foi visitada pela comunidade. D. Ângela, porém, apenas pagou a visita à prelada e desculpou-se com as outras religiosas. Ressentidas no seu apuradíssimo melindre, deixaram-na como selvagem e vingaram-se seraficamente, picando-a com os alfinetes de uma arguciosa mordacidade, em que era mestra encartada a muito espirituosa e literata, e antiquária, a sobrinha de Soror Maria do Céu, autora dos vilhancetes espanhóis capazes de mortificar de inveja o sensualismo de Anacreonte.

Um dia anunciaram à condessa que uma religiosa, que não a visitara por estar fora do convento a ares, pedia licença para cumprir os seus deveres.

Entrou e lançou-se nos braços da secular com estranha cordialidade. D. Ângela recebeu aquela efusão com pasmo e receio.

– Não me conheces, Ângela? Eu também te não conheceria, se não tivesse a certeza de que eras tu!...

– Não conheço! – balbuciou a condessa.

– Éramos, há dezoito anos, tão amigas... tão irmãs!

– Ai! – exclamou D. Ângela, apertando-a nos braços com ansiedade. – Tu aqui, Adelaide... tu, minha querida Adelaide!... aqui

– Não sabes que sou freira?!

– Sei; mas o teu convento não era este...

– Não... o meu convento era em Santa Apolónia. Vivi lá pouco tempo. No ano em que casaste vim para Odivelas. Há quinze, não é verdade?

– É... Mas disseram-me que eras tão feliz, que vivias tão amiga de Francisquinha Valadares, que não tinhas ambição que não satisfizesse com Deus e com ela

– Assim foi... mas Francisquinha...

– Morreu, bem o sei... e tu choras ainda assim por ela... Que amizade lhe tinhas

– Muita... Morri quando ela morreu. Envelheci deste modo Tenho trinta e cinco anos e os cabelos brancos... Ângela, só por milagre se vivem dezasseis anos, com a saudade no coração, queimando, devorando, em sonhos, e acordada, sempre, e a toda a hora... E sem esperança... chamando-a todos os instantes; pedindo-lhe um sinal de que me ouve, e ouvindo apenas os meus gemidos e a minha saudade, que nem o amor de Deus me alivia... E vivo, Ângela!

– Como sofres... Adelaide! Fala-me dela... Talvez que o silêncio te tenha feito mal... Talvez!... Não tens aqui amigas?

– Não... não me compreenderiam... Temo-as... São muito superficiais em tudo... Para a leviandade não há dor que mereça a pena de pensar muito... E eu queria quem chorasse comigo e me dissesse: «Essa pobre menina é digna das nossas lágrimas...»

– Morreu tísica, não foi?...

– Não sei, minha filha... Morreu, como se deseja morrer, quando se é infeliz...

– E ela era infeliz... não foi freira por sua livre vontade?

– Não... arrastaram-na pelos cabelos... Quando pronunciou os votos saíam-lhe do peito golfadas de sangue... E viveu dois anos ainda... para a purificação do martírio...

– E, assim que ela morreu, não pudeste viver naquele convento, não podias ver os lugares onde a viras, a sepultura da tua querida amiga, a imagem dela em tudo que te fora alegre em outro tempo, e fugiste dali para este convento, não foi assim?

– Fugi... não podia presenciar o quadro mais atribulado, o sofrimento mais despedaçador que pode imaginar-se... Quero contar-to, minha Ângela, mas a ti só, só a

ti... tenho-o escondido no coração há tanto tempo, não quero profaná-lo... A ti digo-to... Sofres, sabes o que é atormentar-se a gente... hás-de ouvir-me com todo o sentimento e chorar comigo-... sim?... Fecha-me esta porta... Ninguém virá aqui, pois não?

– Ninguém, menina... Diz tudo... soframos ambas, e que ninguém nos veja... Basta-nos aquele crucifixo por testemunha... O que vamos dizer não será do desagrado de Deus?

– Ai... penso que não... Deus é bom... o que eu temo é o mundo, que faz da justiça divina um cilício violento... Escuta, minha filha. A Francisquinha Valadares amava com todo o amor de criança um cavalheiro de província, que vivia entre os grandes, suposto que aparecesse raras vezes. Tinha viajado até aos trinta anos; era independente, fascinava, tinha uma sina extraordinária, dominara-lhe à pobre menina o espírito com bem poucas palavras, bem poucos daqueles seus olhares, que pediam mais do que pode dar o coração de uma mulher.

– Quem era ele? – interrompeu a condessa.

– Talvez te não recordes, menina... Chamava-se... não te digo o nome... tu não o conheces decerto

– Talvez conhecesse

– Creio que não... Francisquinha, até ao momento da sua perdição por aquele homem, queria ser freira, esperava ansiosamente os quinze anos para entrar no mosteiro, e assim satisfazia a vontade do pai, que desejava dotar o filho segundo com a legítima dela. Chegada a suspirada ocasião da entrada, conheceram a frieza e a melancolia de Francisca. O pai suspeitou a mudança daquela vontade de alguns meses antes e consultou-a. Francisca respondeu que seria uma filha obediente, mas não poderia ser nunca uma boa religiosa. Isto não fez impressão naquele homem! Como pai, fez os seus cálculos sobre a humildade da filha, e não os alterava por motivo nenhum...

– E esse cavalheiro por que não a pedia?

– Porque ela nunca lhe disse que o fizesse, penso eu, e ele nunca tentou um passo, que poderia abater-lhe o seu orgulho.

– Pois ele não era nobre e rico?

– Rico... parecia-o; nobre, não sei... Ele não dizia de quem era filho; corriam uns boatos de nascimento muito distinto; mas, ao certo, ninguém dizia cousa nenhuma. A pessoa que o apresentara em algumas casas não decifrava o enigma, se é que o sabia. O incógnito, por si, mostrava-se tão pouco interessado nas relações que lhe davam, que nem as procurava, nem se deixava aproximar por elas. Tudo isto era mau para Francisquinha, que não ousou nunca revelar o segredo do seu amor a seu pai, ou a alguma amiga que não fosse esta desgraçada, que tu encontras a chorar, depois de a perder há dezasseis anos...

– Mas... como era essa paixão? Não se correspondiam, não sacrificavam um ao outro a obediência e o orgulho, que os separava para sempre?

– Correspondiam-se... era eu a desventurada confidente daquela infeliz paixão! E perguntas como era essa paixão! Ai, Ângela!, era muito nobre, cheia de sublime resignação, de sentimentos elevados, de sacrifícios dela e dele, que só eu os avaliei, e só eles, talvez, eram capazes de os fazer... Não era paixão de cegar a razão, e morrer, ou matar em poucos momentos de febre... Não era assim... Daquele amor morre-se sempre, mas devagar, sentimento a sentimento, lágrima a lágrima... primeiro começa a morte pela esperança, depois o coração apertado, sem ar, sem desabafo...

– Morre... Eu sei-o, Adelaide... sei o que é morrer a esperança...

– Mas a fé... não sabes, Ângela... Sofrer tormentos a que o cego acaso nos condena... pensar que há-de aqui forçosamente penar-se, sem recurso para Deus, com os olhos na pedra do claustro, que tem de esconder a história dos nossos padecimentos

sufocados aqui... sem eco...

– E ela morreu assim?... sem fé!

– Sem remorso... sem transigir com a tirania que a matou, sem perdoar... porque... dizia ela... perdoar para quê?... «Se a justiça de Deus não fosse uma quimera, eu não sofriria assim...»

– Meu Deus!.. que blasfémia!... Ela disse-a?!...

– Nunca foste desgraçada, Ângela!... Não te espantarias tanto

– Se o tivesse sido?... Fui, Adelaide... fui, e blasfemei... e o remorso veio, depois...

– Porque foste depois menos desgraçada?

– Sim...

– E ela não... Foi desgraçada cada hora mais, e até ao fim Não teve tempo de arrepender-se...

– E nunca mais se viram?... Nem se corresponderam?

– Não se viram um ano... escreviam-se; mas as cartas dele, durante o noviciado, levaram-na a tal ponto de desalento e paixão, que já te disse, creio eu, na cerimónia da profissão, a infeliz lançou muito sangue pela boca, e veio em braços para a cela da prelada... Esta religiosa era um anjo... recordou-se do seu coração, sem vergonha do escapulário que vestia... Compreendeu a dor da pobre menina, e fechou-se com ela, dias e noites...

– Para quê?... Dissuadi-la?...

– Não... isso era matá-la...

– Então? Os votos estavam feitos...

– Estavam; mas o coração não tinha nada com as palavras que o ouvido recebera dos lábios da mestra de noviças e a cabeça decorara da regra do Patriarca.

– Disse-lhe que anulasse os votos?

– Era impossível... Disse-lhe que amasse o homem que a prepotência lhe roubou...

– Mas não a salvaram com isso...

– Não porque era tarde... A flor tinha a morte na raiz... nada poderia reverdecê-la.

O mais que poderiam era suavizar-lhe o fim da vida.

– Como?

– A prelada aconselhou-a como amiga... Disse-lhe que repartisse entre o Céu e a Terra o imenso amor da sua alma... que recebesse, como se recebe um irmão na grade, esse homem, que nascera para lhe dar a felicidade, assim como o claustro se fizera para a felicidade de outras almas, de outros génios e de outras organizações, para as quais o mundo era um suplício... Francisca chorava, de gratidão, nos braços da virtuosa religiosa, que, talvez, ali escondera, naquela cela, torturas semelhantes... Desde esse dia, o cavalheiro vinha todos os dias ao convento. Para ele e para ela, não havia outra existência, outra ambição, nem outro dever a cumprir. Francisca, deixa-me confessar-to, não podia cumprir os conselhos da prelada. Os encargos divinos da sua profissão não lhos exigiam, nem ela os cumpria. Cheio de fel e de amor, o seu coração não serenava com a presença do amante todos os dias. Com a paixão impotente, estéril, e reprimida naqueles varões de ferro, crescia a desesperação e o desconforto. Eu sei que ele, contrafazendo a sua própria dor, inventava todos os recursos do talento e do coração para lhe persuadir a ela que os sofrimentos neste mundo eram de um dia, que os esposórios de dois mártires, à beira do túmulo, eram o consórcio de dois anjos para a eternidade... A desgraça parece que mata o poder destas elevações para o infinito, que se não conhece... O positivo, o certo, é o tormentoso nesta vida... Francisca saía sempre da grade com os olhos arrasados de lágrimas... Um viver assim devia durar pouco... E durou dois anos...

– E o pai não a proibia de receber o cavalheiro?

– Tentou-o, mas retirou-se envergonhado da sua empresa. Francisca recebeu-o uma vez, e nunca mais. Respondeu-lhe que não era do mundo, que não tinha família, que comprara com a sua liberdade uma cela e uma sepultura, que não tinha responsabilidade perante a sociedade e que apenas podia encarar seu pai como autor de uma existência que lhe não agradecia... Ameaçaram-no, mas ele não era homem de se intimidar. Olhou com silencioso escárnio para o pai de Francisca, e desde esse dia visitou-a de manhã e de tarde. Por fim, a minha desgraçada amiga já não podia vir da sua cela à grade. Escrevia cartas que cortavam o coração... e ele, não sei se mais lastimável que ela, lia-as na grade, e aí ficava absorto em que tormentos, meu Deus!, dez horas que costumava passar com ela... Um dia, nos fins de Setembro, disse Francisquinha que estava tão boa que se julgava salva. Ergueu-se e foi à grade... Demorou-se aí algumas horas e retirou nos braços das criadas. No dia seguinte, ao amanhecer, mandou-me chamar, porque eu saíra da cela quando vi entrar o padre para lhe assistir na agonia... Fui, chamou-me muito ao pé... o seu hálito era de fogo, as mãos estavam de neve, os olhos vidrados, e todas aquelas feições, tão belas, ressequidas e esbranquiçadas... Cheguei o ouvido aos seus lábios, ouvi estas suas palavras, que foram as últimas... «Diz-lhe que se conforte... que me não esqueça... que viva da saudade... que me perdoe, se o fiz desgraçado... se o matei...» E mais nada... Depois...

A beneditina, sufocada pelos gemidos, não articulou a última palavra. A condessa chorava com ela e orava no fundo do seu coração por alma de Francisca Valadares. Aquele espírito subordinado à austera devoção do confessor que escolhera não podia condoer-se das tribulações temporárias daquela freira, sem recear a vida eterna na presença de Deus.

Adelaide, desafogada da maior dor da sua inconsolável saudade, continuou:

– O desgraçado ouviu-me a recomendação da agonizante... quando ela acabava de expirar... Não me disse uma única palavra:.. Estava de pé, com os braços cruzados e os olhos no chão, e assim permaneceu... Que majestade na dor aquele homem tinha, Ângela! Parecia que os cabelos lhe branqueavam e as rugas da velhice lhe vinham ao rosto... Tive de dizer que se retirasse, porque eram proibidas as grades enquanto se faziam os ofícios à defunta. Saiu dali maquinalmente... nem uma palavra lhe ouvi... Fez-me compaixão! Esqueci-me de mim, e dela, para espreitar a maior das dores... O mais desgraçado dos homens deve ter aquela maceração, aquele andar, tudo que se via naquele homem, no instante em que lhe dei as derradeiras palavras de Francisca.

»Passaram-se seis meses. Estava eu no coro com a comunidade,. esperando um padre que devia dizer uma missa por alma de Francisca Valadares, e pedira a concorrência das religiosas. Vi-o entrar. Ao mesmo tempo entre nós levantou-se um murmúrio. Eu fui a primeira que soltei um grito de espanto, de surpresa e não sei quê de sublime terror!... O padre era ele!... Não te posso fazer sentir os lances daquela missa! Ouviram-na todos com lágrimas na face e com as mãos erguidas a tremarem de fervorosa devoção e entusiasmo, que não tem nome fora do espírito. Umás poucas de vezes suspendeu ele o sacrifício, e ficou suspenso com os olhos no crucifixo. Na elevação do cálice, ajoelhou como forçado, lentamente, em um tremor que se vê de longe, e esteve minutos em um êxtase, em que todas nos enlevávamos, em que muitas se sentiram fracas para tamanha comoção, e encostaram a cabeça esvaecida às grades do coro. Junta a tudo isto, minha querida Ângela, o órgão, tocado pela dorida inspiração de uma extremosa amiga de Francisca: ai!, filha, que tristeza, que nuvem no coração, que saudade ali vinha de desenganos, como a voz da que morrera, a dizer-nos que a nossa existência não era melhor do que fora a sua!

»No fim da missa, seguíamos o padre com os olhos e o coração... queríamos vê-lo e ouvi-lo. Eu, mais que todas, que nunca pudera alcançar novas dele, eu, a sua

confidente, queria ouvir dos lábios daquele mártir palavras de consolação... Ele só poderia dizer-me se aquele anjo estava no Céu... Pedi licença à prelada para o mandar chamar a uma grade... ‘Não necessita’, disse ela, ‘dessa licença. O padre vem à minha grade e deve vir aí todos os dias, porque foi nomeado segundo-capelão nesta casa!’

»‘Conhece-o?’, perguntei eu. ‘Perfeitamente’, me respondeu ela. ‘É um justo, um exemplo para os que sofrem, um predestinado, que faz honra à humanidade e que nasceu em um século em que o não compreenderam.’

»Estava transfigurado: cabelos brancos, pouco brilho nos olhos, quase perdida a mobilidade ardente das feições, até parece que o metal da voz insinuante se lhe mudara!... Não se falou nem o mais ligeiramente em Francisca Valadares. As palavras dele eram poucas, e essas arrancadas pelas perguntas da prelada.

»Agora, Ângela, compreende esta grande luta em que vais ver este padre... O capelão entrava duas vezes por semana no convento. Depois, ia ao claustro... ajoelhava aos pés da sepultura de Francisca... cruzava os braços sobre o peito, fixava os olhos na parede...

– E orava?

– Não sei... Estava assim uma hora, duas, e mais... Durante esse tempo ninguém o perturbava. Aquela dor era sagrada para todas. De longe, quem quer que o via, orava também... Depois, entrava na igreja, dizia missa por alma daquele anjo, assistíamos a todas com a mesma comoção que nos causara a primeira... Mas, filha, o que eu sofria era insuportável... Não podia viver ali... A imagem da minha querida amiga, e daquele homem, ali, sempre, todos os dias... eu não podia com tanto...

Soror Adelaide foi interrompida por uma criada, que disse fora da cela:

– Sr^a Condessa, está na portaria o Sr. Padre Dinis.

– Padre Dinis! – exclamou Adelaide.

– Sim, padre Dinis... Que é?... Que espanto é esse, Adelaide!?

– Padre Dinis Ramalho e Sousa... é este, Ângela?!!

– Este!... Quem?...

– Sebastião de Melo!

– Que dizes, Adelaide!... pois padre Dinis é esse homem, de quem me falas?!

– Sim, sim!... Deixa que eu o veja da janela do dormitório...

D. Ângela acompanhou a religiosa, que, ao primeiro lance de olhos, voltou-se para a cela e murmurou alvoroçada:

– É ele... Donde conheces este homem?

.....

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2000

<http://www.ipn.pt/literatura>
